SUAS RAÍZES E SEUS EFEITOS

BERT HELLINGER



PENSAMENTOS SOBRE DEUS

Bert Hellinger

PENSAMENTOS SOBRE DEUS

SUAS RAÍZES E SEUS EFEITOS

Tradução

Tsuyuko Jinno-Spelter

Lorena Richter

2010

ATMAN

Do original alemão
Gottesgedanken
Ihre Wurzeln und ihre Wirkung

Copyright © 2005 Kõsel-Verlag, Munique

Copyright © Bert Hellinger

Printed in Germany

1ª edição, 2004

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do "Copyright", exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

Iª Edição - abril 2010

ISBN 978-85-98540-22-1

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:
EDITORA ATMAN Ltda.
Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil
Telefax: (34) 3821-9999 - http://www.atmaneditora.com.br
editora@atmaneditora.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Revisão técnica: Tsuyuko Jinno-Spelter e Wilma Costa Gonçalves Oliveira
Revisão ortográfica: Azul Llano
Coordenação editorial Tsuyuko Jinno-Spelter
Designer de capa: Alessandra Duarte
Diagramação: Virtual Diagramação

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto n" 10.994,
de 14 de dezembro de 2004.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H476p Hellinger, Bert.
Pensamentos sobre Deus / Bert Hellinger
Tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter e Lorena Richter - Patos de Minas: Atman, 2010.
p. 224.
ISBN 978-85-98540-22-1
1. Religiosidade. 2. Filosofia Aplicada. I. Título. II. Jinno-Spelter, Tsuyuko. III. Richter, Lorena

CDD: 248.4

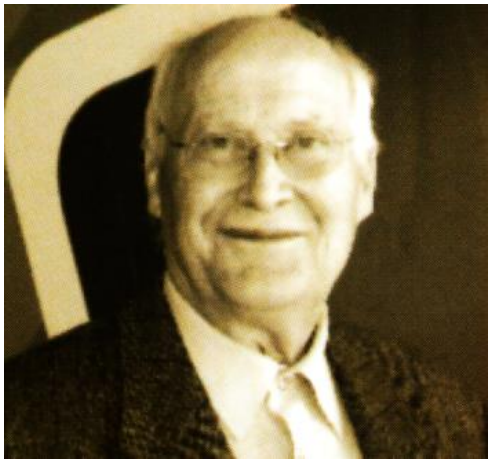
Pedidos:
www.atmaneditora.com.br
comercial@atmaneditora.com.br
Este livro foi impresso com:
Capa: supremo LD 250 g/m2
Miolo: offset LD 75 g/m2

O que dizemos sobre nós?
O que dizemos sobre Deus?
O que fazemos conosco?
O que fazemos com Deus?
O que dizemos sobre nós quando falamos sobre Deus?
O que dizemos sobre Deus quando falamos sobre nós?
O que fazemos conosco quando falamos sobre Deus?
O que fazemos com Deus quando falamos sobre ele?
O que fazemos conosco quando falamos sobre nós?
O que fazemos com Deus quando falamos sobre nós?
O que dizemos?... a quem?
O que fazemos?... com quem?
Este livro dá respostas e conduz ao profundo.

Publicá-lo é uma honra para a Editora Atman.

TSUYUKO SPELTER

Bert Hellinger, nascido em 1925, formou-se em Filosofia, Teologia e Pedagogia. Trabalhou durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os Zulus na África do Sul. Sua formação e sua atividade terapêutica envolveram diversas abordagens: Psicanálise, Dinâmica de Grupos, Terapia Primai, Análise Transacional, Hipnoterapia, PNL e a Terapia familiar, a partir da qual desenvolveu o seu método revolucionário das Constelações Sistêmicas, aplicadas também a problemas empresariais e a conflitos étnicos. Atualmente Hellinger trabalha na linha mais espiritualizada dos "Movimentos da alma", entregando-se a forças superiores, profundamente reconciliadoras, que se manifestam através dos movimentos dos representantes. Atua como conferencista e diretor de cursos em todas as partes do mundo e é autor de livros de sucesso, traduzidos em vários idiomas.
www.hellinger.com
www.hellingerschule.com



PARA WERNER WILHELM WICKER

COM GRATIDÃO

SUMÁRIO

Introdução 8
Agradecimento 9

DEUS

"QUEM, SE EU GRITASSE, OUVIR-ME-IA 11
"Ouça meu coração... 12
0 amor de Deus 12
Devoção ao divino 14
Os deuses 15
À semelhança de Deus 16
O outro Deus 16
A unidade 17
Puro 17
Deus está morto? 18
As contradições 19
O destino 20
Sem questionamentos 21
A lamentação 21
A visão 22
A religião 23
A gratidão 24
A fé 25
A igreja 26
A pátria 27
Distante e próximo 27
O abismo 28
"NÃO QUE SUPORTES AVOZ DE DEUS EM SUA AMPLITUDE" 29
A liberdade 30
O espírito 31
A alegria no espírito 32
A paciência 32
A providência 33
A armadilha 34
A imagem 35
A raiz 36
Os mestres 37
A flor 38
A impotência 39
A sabedoria 39
O segredo 40
Arrebatados 41
O infinito 42
"OETERNO E O EXTRAORDINÁRIO NÃO QUEREM SER VERGADOS POR NÓS" 43
O conflito 44
A simplicidade 44

O temor ... 45
A culpa ... 46
As consequências da culpa ... 46
A sombra ... 48
O igual ... 50
Os assassinos ... 50
A moral ... 51
A contemplação ... 52
A retirada ... 53
A desconfiança ... 53
O sentido ... 54
O incompreensível ... 54
A noite escura ... 55
Os limites ... 56
A humildade ... 56
A resistência ... 57
"O CENTRO QUE TUDO TRANSCENDE" ... 60
A dúvida ... 61
A pureza ... 62
A caminho ... 63
Desprendido ... 64
Importante ... 64
O pretexto ... 66
"Que se faça a luz" ... 67
Efêmero ... 67
O silêncio ... 68
"QUEM VIVE ENTÃO?
DEUS, VOCÊ VIVE – A VIDA?" ... 69
Querido corpo ... 70
A terra ... 70
O amor que permanece ... 70
O centro ... 71
O céu ... 72
Devoção ... 72
Desfrutar ... 74
A ressonância ... 75
O tempo ... 76
A solidão ... 77
"Finalmente" ... 78
"Como posso segurar minha alma..." ... 78
O novo dia ... 79
A intranqüilidade ... 80
A satisfação ... 81

O SER HUMANO

"É ESPLÊNDIDO ESTAR AQUI" ... 83
A perspectiva ... 84
A pessoa amada ... 84
Permanecer no amor ... 85
Meu e seu ... 85

Estar aberto ... 85
Seguir ... 86
Limites ... 87
A distância ... 87
A alegria ... 88
O desejo mais profundo ... 89
Perspectivas ... 89
O próprio caminho ... 90
O vazio ... 91
A submissão ... 91
A existência ... 82
As diferenças ... 92
A comemoração ... 93
A arte ... 93

"É ASSIM QUE ELE CRESCE: SENDO VENCIDO CONSTANTEMENTE POR SERES HUMANOS MAIORES" ... 95

O ser humano ... 96
Os erros ... 96
O direito ... 97
A injustiça ... 98
Meu adversário ... 98
O amor do destino ... 99
Deixando ... 99
O julgamento ... 100
A delimitação ... 101
A ligação ... 101
0 autoconhecimento ... 102
A força ... 103

"SEJA-E SAIBA, AO MESMO TEMPO, DA CONDIÇÃO DO NÃO SER" ... 104

A comunidade de destino ... 105
Atuar sem agir ... 105
Depressão ... 106
A crueldade ... 107
Déficits do amor ... 107
Os mortos ... 108
A morte como porta ... 110
Chegar e partir ... 111
"No meio da vida estamos.. ... 112

APÊNDICE

EPÍLOGO ... 114

INTRODUÇÃO

O título deste livro Pensamentos Divinos é ambíguo. De um lado, os pensamentos divinos poderiam sugerir que se trataria de meus pensamentos sobre Deus, como se eu pudesse reivindicar saber ou poder dizer algo sobre ele.

Nestes textos trata-se, para mim, em primeira instância, dos pensamentos e imagens que as pessoas fazem de Deus, de que fontes ocultas extraem esses pensamentos e o efeito que elas têm na alma de cada indivíduo e entre os seres humanos. Portanto, eu me exponho aos efeitos desses pensamentos em nossa experiência humana e os descrevo. E é por isso que permaneço em meus pensamentos, dentro da experiência acessível a todos.

Mas, sobretudo, não são pensamentos divinos como se fossem, talvez, os pensamentos de Deus, pois a partir do título, esse também poderia ser seu significado. Tenho consciência dos limites de meus pensamentos pois não tenho a intenção de alcançar os pensamentos de Deus que, em todos os sentidos, experimentamos como ocultos e inacessíveis. Por isso, os "pensamentos divinos" neste livro permanecem sendo pensamentos humanos.

Cada um destes textos é independente. Para facilitar a visão geral coloquei-os dentro de uma ordem, resumindo-os em dois capítulos principais:

Deus - Ser humano.

Contudo, todos os textos sempre incluem ambas as dimensões.

E, para mim, Rainer Maria Rilke expressou o cerne deste livro em poema:

...eu giro em torno de Deus,
em torno da torre antiga,
e eu estou girando há séculos e séculos;
e eu ainda não sei:
sou um falcão, uma tempestade
ou uma grande canção.

Janeiro de 2004



AGRADECIMENTO

Muitos dos pensamentos coletados neste livro foram escritos após conversas com a minha esposa Maria Sophie. Os seus pensamentos e experiências me estimularam e se refletem aqui. Sou grato a ela por isso.

D E U S

"QUEM, SE EU GRITASSE,
OUVIR-ME-IA..."

"OUÇA MEU CORAÇÃO..."

O que ouve o nosso coração? O ritmo da vida e o ritmo do amor. Ele bate nesse compasso. Quando estamos centrados, ouvimos esse ritmo com nosso coração, vibramos e estamos em sintonia com ele.

Porém o coração ouve mais ainda. Rilke diz: "Ouça meu coração como somente os santos ouviram: de uma maneira que a grande invocação os levantou do chão." Muitos que seguem esse chamado deixam tudo para trás e continuam a viver em uma outra dimensão. Distanciam- se com isso da vida e do amor?

Mesmo que não desejemos segui-los, sem eles estaríamos empobrecidos, limitados, subdesenvolvidos. Atuam em nossas vidas, muitas vezes apenas como um pressentimento. Nós os ouvimos nos nossos afazeres cotidianos como música de fundo, enriquecendo-nos para além de nós mesmos e daquilo que está à nossa frente. Através deles ouvimos a "transmissão contínua" que ecoa em tudo como um eco distante que, em nosso espaço limitado, nos deixa ouvir mais e esperar por mais do que as necessidades momentâneas.

Também se ouve bem apenas com o coração. Isso significa: somente quando percebemos mais do que nossos ouvidos ouvem, quando vibramos com algo que se oculta no som, ouvimos o essencial. Somente aquele que também ouve com o coração compreende.

Também ouvimos Deus? Quem pode afirmar? Quem pode negar? Talvez baste que em cada ação, em cada ato de amor, estejamos conscientes de uma outra dimensão distante que nos consola, não importando o que talvez nos perturbe, algumas vezes aflija, exija ou iniba.

Rilke fala da "transmissão contínua" que se "forma do silêncio". Nesse silêncio, o coração ouve o essencial, quando se abre a tudo tal como ele é. O coração aberto, o coração amplo, o coração amoroso ouve realmente.

Nesse sentido, talvez ele ouça Deus em todas as coisas.

O AMOR DE DEUS

O amor de Deus pode ter dois significados: o amor de Deus em relação a nós e nosso amor em relação a ele.

No Antigo Testamento, este amor a Deus é um mandamento: "Deves amar o senhor teu Deus de todo coração, com toda tua alma e com todas tuas forças." O que isso significava na prática naquela época? Significava: deves seguir os mandamentos de Deus de todo teu coração, com toda tua alma e com todas tuas forças.

Que mandamentos? Eram mandamentos divinos ou mandamentos humanos? Quem pronunciou tais mandamentos em nome de Deus? Foi Deus que os incumbiu com essa tarefa? Que Deus? Será que ele realmente incumbiu o povo de Israel com o seguinte mandamento, quando este invadiu Canaã: "Matem todos: homens, mulheres, crianças e

animais" – tal como um holocausto oferendado a Jeová? E será que aqueles que sentiram compaixão pelos outros realmente transgrediram o mandamento divino e o amor por Deus?

Mas o que acontece se esses mandamentos se revelam como se fossem leis humanas? Mandamentos de seres humanos que se auto- nomeavam mensageiros de Deus sem sê-los realmente? Qual é então o efeito desse "amor por Deus de todo coração, com toda alma e com todas as forças?" Será que não nos afasta de Deus? Será que não se contrapõe a Deus e ao que é humano?

Situações similares são encontradas sempre quando seres humanos sentem-se representantes de Deus ou veem-se como escolhidos por ele. Remetem-se a Deus, como se ele estivesse do seu lado e pertencesse exclusivamente a eles. Nesse caso, não importa o nome que se dá a Deus. Algumas vezes, "em nome de Deus" é substituído por "em nome da verdade", "em nome da ciência" ou "em nome do povo" ou "em nome da pátria".

O amor que esse Deus exige através de seus mensageiros é sempre o mesmo: "de todo coração, com toda alma e com todas as forças." Esse amor se comprova na obediência a esses mensageiros, na lealdade a eles e no cumprimento de seus mandamentos e ordens. E é desumano para aqueles contra os quais esse amor é direcionado.

Também podemos ver o mandamento do amor de Deus de outra forma. Pois ele foi complementado dessa forma: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Nesse sentido, poderíamos dizer: "Se amas teu próximo como a ti mesmo, então também amas a Deus de todo coração, com toda alma e com todas tuas forças." Desse modo esse Deus não seria mais apenas meu Deus e sim o Deus de todos. Neste sentido, nenhum arauto poderia recorrer a ele, convocando, em seu nome, a guerra contra outros seres humanos.

Mas por que, na realidade, o mandamento do amor ao próximo permanece tão sem forças? Porque o Deus que ordena esse amor permanece o Deus de um único povo e porque o próximo, aqui mencionado, muitas vezes significa apenas o próximo dentro do próprio grupo. Precisamos apenas imaginar o tamanho da reviravolta, se formulássemos esse mandamento de amor, acrescentando: "Amarás o povo de teu próximo assim como o teu e a religião de teu próximo assim como a tua." Dessa forma ninguém mais poderia reivindicar Deus como se fosse propriedade sua. Ele estaria fora de nosso alcance.

Mas será que podemos e devemos amar a Deus? É um parceiro nosso que deseja ou necessita de nosso amor? Será que o nosso amor pode realmente dar algo a ele? Ou não será que o degradamos através desse amor, apossando-nos dele através desse amor? E será que, através de nosso amor, o obrigamos até a se transformar em nosso súdito? Será que esse Deus não se torna um Deus segundo a nossa imagem, um Deus nulo, assim como essa imagem?

Nossa experiência como seres humanos revela que o mistério por trás de nosso mundo, por trás de nosso destino e por trás da vida e da morte permanece indecifrável. Não sabemos e nem podemos apossar-nos dele. Só o fato de denominarmos de Deus esse

algo velado é uma vã tentativa nesse sentido, sobretudo porque o imaginamos como uma pessoa com qualidades humanas tais como amor, mágoa, zelo ou decepção.

E mesmo assim nos experimentamos protegidos por poderes fora de nosso alcance, cuidados, guiados, tomados a serviço e, desse modo, também amados. Confiamos nessas forças, detemo-nos diante delas e sabemos que somos sustentados por elas em nossa impotência. Permanecer nesse sentimento, sem desejar possui-lo, entregues sem que nos movimentemos por iniciativa própria é a verdadeira experiência religiosa. É sem Deus, pois reconhece tudo que associamos ao nome Deus como fora de nosso alcance. Olha para a escuridão sem enxergar.

Nesse sentimento tudo o que é como é possui o lugar que é seu de direito, coexiste comigo. Encontro-me profundamente vinculado a ele, porém sem querer algo. Estou simplesmente aqui com ele.

Isto, no entanto, é amor. Talvez seja a expressão mais próxima daquilo que muitos experimentaram em seu amor por Deus.

DEVOÇÃO AO DIVINO

Devotado a Deus significa pertencente a Deus. Também significa ter sacrificado a própria vida a Deus. O que foi sacrificado a Deus não está mais disponível aos seres humanos, está reservado a Deus. Como sinal de que pertence a Deus, muitas vezes a vida também é destruída, vertida ou queimada.

Por trás disso está a ideia de que Deus deseja e precisa de nosso sacrifício. Esta é uma ideia um tanto primitiva. Uma outra, uma ideia mais sublime é a de que através do sacrifício reconhecemos que tudo pertence a Deus, principalmente tudo aquilo que é vivo. No sacrifício damos a ele um pouco de nossa vida com a súplica de que possamos conservar a outra parte que precisamos para viver. A melhor parte do animal sacrificado era queimada ou oferecida aos sacerdotes, a não ser que tenha sido um sacrifício completo, um holocausto. A outra parte era consumida. A parte liberada para o consumo era então um presente de Deus àqueles que reconheciam o seu poder, confirmando-o através do sacrifício. Dessa forma o que seguia ao sacrifício a Deus era sua bênção. Essa bênção era adquirida através do sacrifício. A bênção de Deus é compreendida como um sinal de que Deus protege a vida, deixando-a continuar.

Por trás dessas ideias atua a experiência de que a nossa vida está em perigo, de que ela depende de poderes que a presenteiam, direcionam e controlam. Essa experiência da dependência é o sentimento religioso original.

Uma segunda experiência que se sobrepõe à primeira, invalidando- a parcialmente é a experiência interpessoal de que quando renunciamos a algo, presenteando-o a uma outra pessoa, podemos esperar por uma compensação e até exigi-la. Através da ideia do sacrifício, tanto reconhecemos como anulamos a nossa dependência de Deus. Através do sacrifício tomo novamente a minha vida em minhas mãos e com o sacrifício me

transformo em um servidor seu.

Por trás do sacrifício e das ideias ligadas a isso, está uma imagem de Deus que o torna semelhante aos seres humanos. Projetamos sentimentos e necessidades em Deus que se assemelham aos nossos. Pois o sacrifício só faz sentido se imaginarmos Deus à nossa semelhança, somente se o tivermos criado segundo nossa imagem. Sem essa imagem o sacrifício prova não ter sentido.

Sem essa imagem não precisamos reservar nada para Deus: nenhum local sagrado, nenhum templo, nenhuma assim denominada casa de Deus. Sem essa imagem também não existem tempos sagrados. Pois tudo que pertence ao mundo, ao denominado profano está, simultaneamente, próximo e distante das forças às quais sabemos estar entregues. Pois, nesse caso, tudo e todos estão devotados a Deus – mas sem sacrifícios.

Perante essas forças qualquer sacrifício é um ato de arrogância.

OS DEUSES

Existem muitos deuses e eles são diferentes. Justamente por se diferenciarem é que existem vários deuses. Cada um tem algo a mais ou a menos do que os outros deuses ou as outras deusas, pois os deuses também se diferenciam através de seu sexo.

Os deuses estão aqui com algum propósito. Têm uma tarefa e possuem uma habilidade especial para a cumprirem essa tarefa. Por isso, são chamados e requisitados de acordo com a sua tarefa e habilidade. No Cristianismo, os santos assumiram as tarefas dos deuses, ocupando o seu lugar, ressuscitando-os.

O Deus judaico e o Deus cristão são também somente um, entre outros. Este Deus também possui uma tarefa e é responsável por um âmbito específico. Como, por exemplo, pelo povo eleito ou pelos seus fiéis. Ele também tem sexo e quando impõe: "Não terás outro Deus semelhante a mim", coloca-se no mesmo patamar, pois apenas sendo um deles é que pode sentir ciúmes em relação a eles. O mesmo se aplica ao "Deus verdadeiro". Por ser verdadeiro, ele se distingue, tornando-se um entre muitos. O Deus que se revela também pode ser apenas um entre outros, necessita de alguém através do qual possa falar e já por isso se revela limitado.

A pergunta é: então o que nos resta em relação a Deus? A resposta é: nada.

Será que não devemos ter medo ao dizer algo assim? Mas por quê? Precisamos ter medo apenas dos deuses. Apenas os deuses podem se sentir ameaçados. E é exatamente por isso que se revelam não existentes.

A pergunta é: existe algo por trás dos deuses? Algo em cujo lugar nós os colocamos? Não sabemos. Isso nos permanece oculto. Mesmo assim, quando nos despedimos dos deuses, ficamos abertos para esse algo diferente. Essa despedida encontra-se principalmente a serviço da paz. As pessoas se distinguem essencialmente uma das outras através de seus deuses. Travam guerras umas contra as outras em seu nome, independentemente de

quem esteja sendo venerado nesse momento.

Os deuses são principalmente os deuses de um grupo. Na sua ausência e quando deles nos despedimos, tornamo-nos indivíduos e podemos ir ao encontro das outras pessoas, como indivíduos, de igual para igual. Porém, ao mesmo tempo, ficamos abertos para algo que é comum a todos e que, justamente por não podermos nominá-lo, nos conecta um ao outro de modo humilde.

À SEMELHANÇA DE DEUS

No Gênesis do Antigo Testamento está escrito: "Deus criou Adão, o primeiro homem, à sua semelhança." Por isso, quando o homem olha para si e para outros homens enxerga neles a imagem de Deus. Isto também significa que vê Deus em si mesmo. Sendo assim fala com ele, tal como fala com um ser humano e espera que Deus lhe responda e sinta como um ser humano. A consequência desta citação bíblica é exatamente o contrário do que parece. Ela implica que o homem criou Deus à sua semelhança. Sendo assim, *semelhante a Deus* não significa que o homem é semelhante a Deus e sim, o contrário: Deus é semelhante ao homem. Também poderíamos dizer: sem o homem, esse Deus não existiria.

O que fazemos conosco e o que nos aconteceu para que criássemos esse Deus à nossa semelhança? Nós usamos essa noção de Deus como motivação para ações, das mais sublimes às mais incompreensíveis. Por exemplo, julgamos outros em nome do nosso Deus, nós os condenamos e esperamos que ele execute o nosso desejo, vingando-se deles. Por isso, enquanto nós o segurarmos como nosso Deus, não nos desenvolveremos para além dessas emoções e não seremos capazes de sentir compaixão de modo realmente humano. Por isso esse Deus não é apenas humano, mas também nos torna desumanos.

Mas esse Deus também não é o amor? Talvez a pergunta seja: que tipo de amor e a que preço? Com que temor e quanto tremor?

Nós nos tornamos mais humanos sem esse tipo de Deus.

O OUTRO DEUS

O outro Deus — se ele existe — é diferente do Deus que nos criou à sua semelhança e que nós criamos à nossa semelhança.

É obvio que ao dizer algo assim acabo também criando o outro Deus segundo uma imagem, até mesmo segundo a minha imagem. Por isso, essa imagem é tão equivocada como todas as outras. Pois como poderíamos — se ele existe — criar uma imagem a seu respeito ou daquilo que intuímos atuar de modo poderoso, por trás de tudo? Mas não é disso que se trata aqui.

Trata-se do efeito que uma ou outra imagem possa ter em nossa alma, principalmente de

como essas imagens atuam na convivência humana.

Podemos fazer ainda uma terceira pergunta: qual é o efeito quando renunciamos a toda e qualquer imagem de Deus, por termos consciência de nossa impotência e de nossos limites, no que diz respeito a ele? Mas mesmo essa renúncia é igualmente uma imagem de Deus. Desse modo, também não conseguimos escapar de nossas imagens.

O que então nos resta quando desejamos falar de Deus ou do todo ou do mistério que se encontra por trás de nossa vida e de todos os seres? Nada. Apenas a impotência. Mas é exatamente nessa impotência que encontramos o nosso ser, tornamo-nos verdadeiramente humanos e humanamente religiosos.

A UNIDADE

Tudo o que está vivo e existe continua a viver somente porque existe algo em comum ligando tudo: a existência. Tudo faz parte do todo simplesmente porque existe. Tudo está presente ao lado de outros, está ligado e depende deles.

Nós não sabemos se aquilo que através do qual tudo está presente é diferente ou não de outro algo que existe e está presente em tudo que existe. Entretanto, aquilo que está presente em tudo é mais do que cada indivíduo existente. O todo está contido nele. E, simultaneamente, tudo que existe também está conectado ao todo, formando até uma unidade com ele.

O que isso significa em relação à nossa ideia de Deus? Coloca o divino em uma relação de unidade conosco. Nesse sentido, a diferenciação que existiria entre nós e o divino seria apenas o de não sermos o todo, mas que simplesmente estamos conectados a ele. Entretanto, nessa conexão somos uma unidade ligada ao todo, nele estamos acolhidos, formando uma unidade com ele.

O que isso significa para a realização religiosa, para a postura religiosa e para a existência religiosa? Na dedicação a este todo que reside em nós, podemos superar os limites estreitos de nossa existência, de uma forma religiosa. Por exemplo, através dos vínculos aos nossos pais e antepassados. Também podemos nos liberar dos emaranhamentos que resultam desses vínculos e simultaneamente sermos uma unidade com nossos antepassados dentro do todo, sem uma dependência direta.

PURO

Um pensamento é puro quando sem intenções de provocar um efeito, partindo da contemplação de um processo, se comprova ser válido e está em sintonia com uma ordem.

Uma intenção é pura quando sem uma determinada meta, segue um movimento da alma, que simultaneamente tem um efeito em muitos indivíduos, sem uma indicação de quem e através de que foi impulsionado. Por isso também não ofende ninguém.

Um coração é puro quando está aberto para tudo, tal como é, e que concorda com aquilo que é, sem desejar mudar ou melhorar.

Uma bênção é pura quando é dada sem intenções, tal como o sol aquece e ilumina tudo e todos da mesma maneira.

Uma vida é pura quando acolhe, desenvolve e transmite tudo que recebe e se recolhe no seu devido tempo para dar lugar àquele que lhe sucede.

Uma religião é pura quando apenas está presente, pura em si, única, devotada, sem movimento, esperando de forma dedicada.

Ficamos puros quando tomamos e soltamos tudo no seu devido tempo, e quando nos submetemos a isso, até que todos sejam iguais, indistintamente, no nosso íntimo.

O puro está simplesmente presente com todos.

DEUS ESTÁ MORTO?

Podemos fazer esta pergunta? Que Deus esteja morto, isso já foi proclamado muitas vezes, principalmente por Nietzsche, ficando ele mesmo assustado com a sua própria declaração. Mas podemos observar que o Deus em que muitos acreditavam está morto para eles. Mesmo entre os fiéis espalhou-se um medo de que Deus tenha se recolhido não se revelando mais, estando morto para eles. Contudo, talvez essas sejam apenas as imagens que muitos fizeram de Deus, imagens que estão mortas, sem vida, desbotadas e não brilham mais.

Entretanto, gostaria de observar este fenômeno e esta experiência de que Deus está morto partindo de um outro ângulo totalmente diferente. Muito da veneração a Deus desenvolveu-se do culto dos antepassados. Mesmo no Antigo Testamento o Deus de Abraão, Isaac e Jacó é simultaneamente o senhor ancestral de seus descendentes, do povo escolhido por ele, ao qual só se pode pertencer através do parentesco sanguíneo, da origem comum. Poderíamos dizer, se fossemos exagerar, que os ancestrais estão presentes nesse Deus. Embora estejam mortos, nele estão presentes. Então este Deus seria, em primeira instância, um Deus dos antepassados mortos e seria um morto como eles. Contudo, morto não significa "ausente" pois os antepassados são vivenciados como presentes. Mas embora presentes também estão mortos, eles estão no reino dos mortos.

É claro que podemos apresentar muitas objeções contra esta observação e muitas delas talvez até sejam justificadas. Mas para mim não se trata de provar algo, como se isso pudesse ser feito. Eu só reflito e prossigo nessas contemplações e observações.

Como muitos fiéis imaginam o céu? Como um lugar onde vão reencontrar seus mortos. Para os fiéis, o céu é sobretudo a morada dos antepassados mortos, sendo que Deus é um Deus dos mortos e, portanto, está morto como eles.

Como é praticada essa religião? Principalmente como um culto aos mortos, como prece e preocupação por eles. Podemos observar que aqui se trata de um culto dos

antepassados, pois nesses ritos os fiéis frequentemente comportam-se como crianças perante seus pais e antepassados.

Talvez também seja assim: que muitos que se sentem chamados por Deus, por ele conduzidos, testados ou consolados, na realidade, estão sendo chamados pelos seus antepassados, por eles conduzidos, testados e consolados e, nesse sentido, o Deus deles é um Deus morto.

Não tenho a mínima intenção de me elevar sobre o todo nem de diminuir essa conexão, como se isso não devesse ser. Não é maravilhoso quando nossos mortos estão próximos a nós e nos sentimos próximos a eles?

Também existe a experiência de que nem todos os nossos antepassados têm intenções amistosas em relação a nós, sobretudo aqueles com os quais fomos injustos e ainda querem algo de nós. Por isso muitas vezes aquilo que atribuímos a Deus não seria algo mais a ser atribuído a esses antepassados? Por exemplo a necessidade que Deus tem de justiça e expiação? Aqui também colocamos Deus no lugar deles de forma que na realidade este Deus está morto como eles?

Então a pergunta seria: além de nossos ancestrais existe ainda um outro Deus, um Deus para além dos mortos? Não sabemos. Entretanto, se ele existir, existe uma postura que está aberta e pronta para ele. É a devoção perante algo inexplicável, sem reivindicações, sem expectativas, somente uma reverência perante ele. Mas não perante algo vazio – perante todos, presentes conosco e por isso também dentro de nós.

AS CONTRADIÇÕES

A clareza sem contradições só percebe de forma limitada. Pressentimos a plenitude apenas na disputa entre os opostos, na sua luta pelo equilíbrio que reconhece as contradições. É uma plenitude que libera as contradições, acolhendo-as novamente. Repentinamente, após essas disputas parece-nos que as contradições estão ordenadas, relacionadas entre si e, partindo do resultado, são necessárias e benéficas.

Isso também é válido para a controvérsia religiosa, a luta pela clareza, a compreensão nos caminhos errados e as suas consequências, a luta pela supremacia entre os deuses e as imagens de Deus. Ninguém consegue escapar dessa controvérsia, pois ela abrange a própria alma, mesmo que a luta pelas imagens de Deus se esconda sob um outro nome sublime e dessa forma continue clamando cada vez mais desenfreadamente. Sempre que lutamos por uma causa nobre, conquistamos outros e os forçamos à submissão, lutamos por uma ideia de Deus e realizamos em seu nome coisas boas e más.

O que acontece dentro de nós quando nos empenhamos por um Deus? Nós nos colocamos no lugar deste Deus e ao invés de lutarmos por sua hegemonia, lutamos pela nossa hegemonia e pela hegemonia de nosso próprio grupo.

Quem realmente luta uns contra os outros nessa luta dos deuses e das imagens de Deus? Seres humanos que se elevam a si mesmos ao nível de Deus e o substituem por si

mesmos. Contudo, quem se torna Deus dessa forma torna-se ao mesmo tempo um ser desumano.

De que forma podemos escapar dessa luta dos deuses e sermos humanos para todos os seres humanos? Quando olhamos para as contradições, sem nos sentirmos entregues a uma ou a outra — e sem temor da vingança de Deus. E quando nos despedimos de qualquer devoção podemos ser amistosos também perante aqueles que ainda são devotados.

De onde vem essa devoção? É uma devoção de uma criança e, portanto, cega.

Para quem é essa devoção? É para o Deus da mãe e o Deus do pai e, afinal, só pela mãe e pelo pai.

Quem são então os deuses e os ideais nobres? São nossa mãe glorificada e nosso pai glorificado.

Como podemos encontrar nosso caminho de volta da mãe glorificada e do pai glorificado para nossa real mãe humana e nosso real pai humano? Sendo e permanecendo somente a criança deles.

Aqui começa a humildade que permanece embaixo e que reconhece somente os que estão acima de nós, que realmente estão acima de nós e que estiveram antes de nós e estão — nossos pais e nossos antepassados.

Aqui começa também a verdadeira religião, a entrega ao mistério da vida, tomando, sem fazer perguntas. Nós vemos o que é a religião verdadeira no olhar da criança no peito da mãe, que olha para ela constantemente enquanto está mamando.

Aqui não existem contradições. Aqui tudo é claro e simples – e humano. Não importa o que pensamos e pressentimos sobre o divino para além dos deuses e o que experimentamos em muitas situações como apoio e proteção, aqui se torna visível uma imagem — uma imagem que é válida para todos os seres humanos.

O DESTINO

Experimentamos a fatalidade como algo que é conduzido por forças que nos controlam – as forças do destino. Na Antiguidade pensava- se que os deuses determinavam sobre nosso destino, que eles são o nosso destino. Contudo, mesmo os deuses estão sujeitos ao destino. Eles também têm um destino que determina sobre eles e seu fim. Por exemplo, no crepúsculo dos deuses.

Este destino não se deixa ser influenciado nem mudado. Tem sido assim desde a eternidade e independente de qualquer influência. O destino dirige tudo, inexoravelmente, segundo leis que ninguém conhece ou pode compreender.

Contudo, não é nada arbitrário. Atua para além da vontade, de forma impessoal e ainda está sujeito a algo que permanece oculto, mas que é pressentido.

Em face deste destino nós nos experimentamos entregues, mas mesmo assim sustentados, impotentes e, contudo, desafiados, sem um chão firme mas mesmo assim inseridos. Na submissão a este destino nos tornamos essenciais e grandes como ele.

Destino – este é o véu por trás do qual o divino se oculta e ao mesmo tempo se revela. Na submissão ao destino, na devoção a ele, nós nos tomamos parte de uma dimensão até então oculta e inacessível – sem questionamentos.

SEM QUESTIONAMENTOS

Não precisamos fazer perguntas onde não existem respostas. Por exemplo, sobre o sentido da vida ou do destino ou do mundo ou sobre Deus.

O que acontece em nossa alma quando, mesmo assim, perguntamos e procuramos respostas? E o que acontece em nossa alma quando renunciamos a essas perguntas?

Quando renunciamos às perguntas ficamos mais centrados. Somos tocados sem entender, conduzidos sem saber, prontos, sem nos esquivarmos. E estamos presentes, voltados à vida como ela é, incluindo o seu fim na morte. E somos livres de uma forma misteriosa. Estamos voltados à vida sem reivindicações e sem expectativas. E confiantes. Podemos ter o que nos foi dado e podemos devolvê-lo na hora apropriada. Não precisamos renunciar a nada quando o temos, não precisamos nos consumir e mesmo assim estamos realizados.

Sem questionamentos? – O que poderia ser mais humano?

A LAMENTAÇÃO

A lamentação se recorda de algo anterior e lastima por isso. Na lamentação – e ainda mais na acusação — desejamos que algo tivesse sido diferente, que poderia ter sido diferente do que foi. Através da lamentação e da acusação rejeitamos algo. Rejeitamos uma realidade.

O resultado é que essa realidade não pode atuar em nós da forma especial de que é capaz. Foi em vão. Na lamentação essa realidade é comparada a algo que poderia ter sido diferente, mas que na realidade não foi. Por isso este outro algo diferente comparado com a realidade que existiu não tem força. A lamentação limita e enfraquece, ao invés de levar à frente.

É totalmente diferente quando concordamos com a realidade como foi. Quando concordamos com essa realidade, ela se torna significativa e grande. Essa concordância atua como uma bênção, fazendo com que a nossa realidade floresça. Através de nossa concordância, a realidade transforma-se numa força vital que carrega frutos no seu devido tempo e nos reconcilia com ela. Através de nossa concordância, a realidade torna-se preciosa e valiosa para nós.

Inversamente, a lamentação e especialmente a acusação atuam como uma maldição. Ela

nos paralisa e deixa algo murchar dentro de nós – principalmente o amor. Na lamentação e na acusação algo morre antes que possa amadurecer. Dessa forma, a lamentação e a acusação comprovam ser inimigas da realidade. Também são inimigas de outros seres humanos, são inimigas da vida tal como ela é, e também são inimigas de Deus. A acusação e a lamentação separam onde o amor vincula. Na acusação e na lamentação o amor definha.

Mesmo quando reclamamos do presente e responsabilizamos e acusamos outras pessoas pelo que acontece, o amor definha e esgota a nossa força vital.

Algumas vezes, ao reclamarmos de algo, tentamos mudá-lo, lutando contra isso. Dessa forma estamos melhorando a realidade? Ou o nosso impulso para agir vem somente do desejo de que algo deva ser diferente do que é na realidade? Assim estamos nos desgastando sem realmente mudar nada.

Quando concordamos com uma realidade sem reclamar e sem acusar ninguém, essa realidade pode mudar e nós teremos influência sobre ela porque concordamos com ela. Entretanto, a força para influenciá-la não vem de nós. Vem da realidade com a qual concordamos.

Também existem religiões que lamentam e acusam. Esperam pela redenção e salvação deste mundo e desta vida. Muitas preces e muitos sacrifícios que foram oferendados a Deus são igualmente lamentações e acusações conectadas ao desejo e à esperança de que deveria ter sido diferente e vai ser diferente do que foi e é. Essas religiões enfraquecem. E são inimigas da vida e da realidade.

Quem concorda com a sua vida e o mundo da forma que são, quem se submete a eles com confiança e alegria possui a vida e o mundo.

Ele também possui Deus? Nós não sabemos. Quem concorda com a sua vida e o mundo como são, não precisa saber disso. Também está em sintonia com os ausentes.

A VISÃO

Adquiro uma visão através daquilo que vejo. Por exemplo, quando duas pessoas olham para a mesma cidade possuem também a mesma visão. Quando compramos cartões postais de uma certa cidade e olhamos para eles, reconhecemos a mesma cidade. Sobre essas visões não existem discussões, pois podem ser comprovadas. Todos que olham para a mesma pintura têm a mesma visão.

Estranhamente a palavra “visão” tem, com frequência nos dias de hoje, um significado oposto. Falamos então de ponto de vista, como se fosse um ponto de vista subjetivo e não pudesse ser comprovado. Entretanto, um ponto de vista pode ser questionado por outros pontos de vista. Nós podemos e devemos discutir sobre eles. Algumas vezes, mesmo quando concordamos com um ponto de vista, este fica pairando no ar, porque o acordo não foi conquistado através de algo comprovado de forma visível, mas por razões táticas para se perseguir um objetivo comum.

De onde vêm esses pontos de vista? Vêm de uma ideia, de uma imagem interna que fizemos. Frequentemente essa imagem é uma imagem ideal que é colocada sobre uma realidade que vemos. Nós a contemplamos e a seguimos como se fosse uma possibilidade real.

As objeções são frequentemente tais pontos de vista. Servem para evitarmos uma situação ou para termos poder sobre ela. Tais pontos de vista e objeções também são denominadas críticas e como tais nós as colocamos sobre a realidade muitas vezes como equivalentes e até necessárias. Com isso uma realidade visível e vivenciada é degradada a uma questão de ponto de vista e afastada de uma comprovação empírica.

Ao lado do ponto de vista externo existe também um ponto de vista interno. Denominamos isso compreensão. Como o ponto de vista, a compreensão também é comprovável de fato, no seu efeito. Uma compreensão nos é revelada, não é pensada. Essa é a diferença entre a verdade assumida ou a verdade resultante de conclusões baseadas em deduções lógicas e a verdade que se revela por si só. A verdade que se revela leva à compreensão, leva à ação que corresponde à realidade experimentada, submetendo-se a ela.

Existem muitas opiniões adotadas que têm uma longa tradição, como as opiniões religiosas ou opiniões sobre aquilo que é certo ou errado e bom ou mau. Mas para comprová-las na realidade empírica é necessário coragem, a coragem para a elucidação. Entretanto, mesmo nesse processo frequentemente muitas coisas que se apresentam como esclarecidas, quando olhamos de forma mais exata comprovam ser também um outro conjunto de pontos de vista. Quanto mais seres humanos se submeterem a uma ideia e quanto mais fortes forem as emoções, tanto mais teremos a suspeita de que se trata de pontos de vista que são, na realidade, imagens idealizadas.

Muitas coisas que nos são apresentadas como científicas e, nesse sentido, como incontestáveis, comprovam-se depois de algum tempo que também são pontos de vista.

Existem muitos pontos de vista que são fugas da realidade. Por exemplo, muitos pontos de vista que existem sobre Deus ou sobre o todo ou sobre o mistério do mundo e da vida. Como lidamos com isso quando o reconhecemos? Soltamos essas opiniões uma após a outra, nos esvaziamos delas, ficamos parados perante o impalpável, olhamos admirados para o vazio, nos detemos diante dele sem nenhum ponto de vista e, frente a esse vazio, ficamos plenos dele.

A RELIGIÃO

Por um lado, a religião é centrada. Ela irradia tranquilidade e paz. Por outro lado, frequentemente ela é zelosa e intranquila e fora de si mesma. Essa religião se eleva sobre outras religiões, querendo ensiná-las e subjugá-las. Conduz a conflitos e guerras, como as cruzadas dos cristãos e as denominadas guerras sagradas do Islamismo. Por isso, a religião pode promover tanto a guerra como a paz.

Mas isso não é válido somente para as religiões, mas também para qualquer outra boa causa, mesmo para a causa da paz. Através do fervor elas se tornam semelhantes às religiões fervorosas. Então contribuem para a escalação dos conflitos, ao invés de ajudar a resolvê-los. Estão conectadas a um sentimento de superioridade e são sustentadas por ele.

A religião fervorosa sempre toma a causa de Deus em suas próprias mãos, da mesma forma que o fervor por uma boa causa quer tomar em suas próprias mãos o destino da humanidade ou o do mundo. Com isso, os adeptos das religiões fervorosas e de uma boa causa separam-se de suas próprias forças, são abandonadas por elas, ao invés de serem tomadas por ela a seu serviço.

Encontramos a paz na religião e no serviço de uma boa causa quando nos detemos internamente em nosso fervor. Quando nos deixamos ser conduzidos, ao invés de conduzirmos, quando esperamos pelo momento certo, confiando nas forças maiores.

A GRATIDÃO

A gratidão entre os seres humanos amplia o coração, tanto daquele ao qual agradecemos porque nos presenteou com algo como também o coração daquele que agradece à pessoa que presenteou.

O agradecimento equilibra as relações de diversas maneiras. O nosso agradecimento homenageia o doador que se enriquece com isso e assim quer ser mais generoso conosco e com outros seres humanos. Sente-se respeitado e está disposto a dar e presentear cada vez mais.

A pessoa que agradece também está equilibrando algo. Somente quando agradecemos pelo presente é que sentimos que podemos conservá-lo e utilizá-lo. Nós possuímos o presente somente após o agradecimento podendo, então, passar parte dele para a frente. Nós nos tornamos doadores e tomadores do agradecimento.

O reconhecimento mútuo, a doação mútua e o agradecimento mútuo nos conectam de igual para igual, tornando-nos felizes e ricos.

Mas como isso se dá em relação ao agradecimento a Deus ou ao destino, seja lá o que pressentimos e honramos em relação ao que esteja oculto por trás disso? Podemos aplicar o mesmo tipo de agradecimento que é praticado entre os seres humanos? Podemos devolver algo a Deus através do nosso agradecimento e ganhamos algo agradecendo a ale?

O agradecimento aqui é diferente. O agradecimento muda algo em nossa alma. Tomamos consciência de nossa dependência reconhecendo-a e tornando-nos humildes. Nosso agradecimento não nos assegura a posse do presente. É um presente temporário como, por exemplo, a salvação de um perigo ou de uma doença perigosa. Esse agradecimento nos deixa prudentes e nos centra.

Nós também não sabemos para onde devemos enviar esse agradecimento e assim ele fica conosco. Esse agradecimento é mais uma maneira de ser. É ser.

A FÉ

Nós acreditamos no que ouvimos, no que nos foi dito e por isso não podemos comprová-lo imediatamente. Mas podemos verificar indiretamente no efeito que tem em nossa alma. Também podemos olhar para aqueles que acreditam e ver como a sua fé os afeta: em suas faces, em seus comportamentos, como se sentem e entram em contato com outros seres humanos.

Em primeiro lugar, podemos observar que aqueles que acreditam mudam subitamente seu comportamento quando expressam a sua fé. Muitas vezes são ausentes, abandonam o contexto presente e entram em uma outra época e um outro espaço. Voltam para a sua infância, procuram segurança, consolo, de repente têm medo, sentem-se pequenos, entregues e necessitados de ajuda. Por exemplo, vemos isso quando observamos pessoas que acendem uma vela perante um santuário, seja cristão, budista ou taoísta. Suas faces parecem transfiguradas como as de uma criança. Como crianças acreditam em milagres, esperam um milagre. Esperam que alguém poderoso venha amenizar as suas dificuldades, interferindo de forma poderosa, de forma semelhante como outrora os pais, quando as libertaram de uma situação sem saída. O Deus ou o santo ou o antepassado para os quais elevam o olhar são como o pai ou a mãe em um nível mais elevado. Eles nos permitem trazer a nossa infância para o presente e nos tornarmos novamente crianças, todas as vezes que precisarmos e quisermos. Este talvez seja o motivo principal pelo qual a fé nos torna bem-aventurados.

O que acontece com aqueles que proclamam essa fé aos fiéis? De certa forma, também acreditam que são iguais aos outros fiéis e "também se tornam crianças". Mas tratam os fiéis a partir de uma posição superior como os pais tratam seus filhos, eles os conduzem a essa fé, sentem-se responsáveis por eles, tornam-se pais e mães de seus fiéis. Como pais perante seus filhos mantém-nos afastados daquilo que poderia abalar a nossa fé, eles nos ameaçam, amedrontam e protegem como tutores. Algumas vezes essa atitude se expressa assim: "Os simples fiéis não conseguem lidar com isso" como, por exemplo, com os resultados cientificamente comprovados das pesquisas bíblicas, com as conclusões sobre a vida de Jesus ou com as ideias do iluminismo. Com isso muitos fiéis permanecem num estado de estagnação em relação a sua fé e não podem continuar se desenvolvendo. Sobretudo não podem se desenvolver religiosamente de uma forma que os torne equivalentes a outros seres humanos e com isso humildes perante aquilo que conecta todos os seres humanos, perante o último mistério – igualmente ignorantes, impotentes e limitados.

A IGREJA

A Igreja foi e é ainda hoje para muitas pessoas uma pátria anímica. Nela sentem-se em casa como se estivessem em sua própria família. Por isso os fiéis também se denominavam “irmãos e irmãs em Jesus Cristo” e também eram chamados dessa forma.

Quando o Império Romano desmoronou e ficou ameaçado de se afundar num caos perante a invasão dos povos migrantes, a Igreja Romana o substituiu no mundo ocidental e ofereceu aos fiéis ordem e segurança tanto na área religiosa quanto na política. Mais tarde, ela mesma ficou ameaçada de se afundar no caos, mas se renovou através da Reforma e a Contrarreforma novamente por um longo período.

Mas, nesse ínterim, outras instituições substituíram a Igreja. Chegou a grande época das nações e seus reis pela graça de Deus e a época de novas promessas de cura e esperanças de redenção, como na Revolução Francesa e mais tarde na forma do comunismo, nazismo, fascismo, democracia e o movimento pacífico. De certa forma, todos eles substituíram a Igreja, assim como anteriormente esta havia substituído o Império Romano. A veemência religiosa, que antigamente havia sido absorvida pela Igreja e permitia a cada indivíduo dedicar-se de corpo e alma a algo maior, nele se dissolvendo, agora estava direcionada a diferentes causas sob diferentes nomes, mas com o mesmo entusiasmo abnegado a essas novas promessas e esperanças.

Mas o que aconteceu com a Igreja nesse meio tempo? Ela foi ficando cada vez mais para trás, tornando-se uma causa de muitos lutando pelas almas das pessoas, frequentemente parecendo uma causa perdida no meio do tumulto das demonstrações de massa e de poder. Ela havia se esgotado amplamente.

Mas aqui se faz a pergunta: a igreja ou os movimentos que a substituíram tinham realmente algo a ver com a religião, a religião no sentido original da conexão dos seres humanos a uma dimensão maior? De certa forma, sim. A outra pergunta é: se as igrejas realmente foram capazes de conectar e se realmente tivessem conectado as pessoas a algo maior, poderiam estar realmente esgotadas? Justamente o fato de que tenha havido uma ascensão e decadência das igrejas revela que não podiam preencher suas próprias reivindicações e promessas. De certa forma, aqueles que eram adeptos entusiasmados da igreja ou uma outra religião ou movimentos quase religiosos depois de algum tempo reconheceram que esse entusiasmo religioso havia sido cego.

Um verdadeiro visionário está consciente de que o Último deve permanecer oculto. Não pode ser levado por um entusiasmo desse tipo. Permanece centrado e quieto no meio do entusiasmo fervoroso.

A religiosidade é, afinal, solitária e individual. Para aqueles que seguem essa religiosidade solitária e individual não faz diferença se permanecem dentro da igreja ou fora dela. Eles olham para além dela.

A PÁTRIA

A pátria pertence ao nosso destino e a ideia de pátria está viva em nossa alma. A pátria é o lugar onde temos o sentimento de que pertencemos e o que nela acontece de bom ou de mau nos toca. É como se acontecesse conosco. A nossa força reside na nossa pátria. Separados dela nos sentimos estranhos, fracos, como se estivéssemos cortados de nossa raiz essencial. Por isso sentimo-nos atraídos de volta para ela e nela sentimos alívio e liberdade.

A pátria também torna-se nosso destino. As dificuldades da pátria são nossas dificuldades, suas guerras são nossas guerras. Quando nos esquivamos e queremos fugir das dificuldades de nosso país, sentimo-nos culpados. Algumas pessoas se castigam muito por isso. Pois, no final, no estrangeiro carregam mais pela fuga da miséria em sua pátria do que lhes teria custado se tivessem carregado as dificuldades em sua pátria.

Alguns perdem a sua pátria para sempre e precisam procurar uma nova pátria. Permanecem estranhos no país estrangeiro por muito tempo até que através de seus esforços e contribuição adquirem um direito à nova pátria. Mas para isso precisam ter realmente deixado a velha pátria para trás.

Um indivíduo pode realizar isso mais facilmente. Entretanto, se um grupo todo procura uma nova pátria em um país estrangeiro, algumas vezes forma-se uma minoria que leva consigo a velha pátria para o estrangeiro. Então talvez se recusem a reconhecer a nova pátria como sua pátria, algumas vezes até se colocam numa posição superior a ela e sentem-se melhores. Com isso permanecem estrangeiros no estrangeiro por muito tempo, talvez sejam somente tolerados, mas não se sentem realmente em casa.

Nós também temos uma pátria no céu que corresponde à religião de nossa pátria. Algumas pessoas continuam sendo religiosas no estrangeiro como antes em casa. Mas com isso possuem um próprio Deus diferente do Deus dos outros na nova pátria. Então Deus torna-se

um Deus ao lado de um outro Deus e a religião que une todos os seres humanos em devoção perante o mesmo mistério torna-se uma religião que os separa de outros e de certa forma até os tornando apátridas.

DISTANTE E PRÓXIMO

Muitas pessoas reclamam de como Deus se afastou de nós. Nós sentimos falta de sua proximidade, por exemplo, na igreja e até mesmo na Bíblia. Algumas pessoas sentem essa distância tão fortemente que receiam que Deus esteja morto para eles e para todos. Mas só um Deus pode estar morto entre outros deuses. Só ele pode estar distante e próximo como os seres humanos podem estar distantes e próximos uns dos outros. Se este Deus está morto então não está mais estorvando o nosso centramento profundo.

O que nos centra de modo profundo? A qualidade de ser humano, a concordância com o ser humano como é e a concordância com todo e qualquer ser humano como ele é. Então Deus não estará mais entre os seres humanos, escolhendo-os e rejeitando-os segundo a sua arbitrariedade.

Repentinamente percebemos como o outro ser humano assume o lugar vazio de Deus, nos obriga a nos converter, na medida em que reconhecemos que Deus seja igual a nós, não importando que ele seja diferente. Um ser humano assume o lugar do Deus distante e não é menos misterioso do que o Deus agora morto.

Na medida em que permitimos essa proximidade, mesmo que no início isso pareça ser estranho, nos abrimos ao todo que não está nem próximo nem distante, mas simplesmente está presente. O que poderia ser maior e o que poderia ser mais religioso?

O ABISMO

Olhamos para o abismo de cima e estando à sua beira. Nós nos detemos internamente e olhamos para baixo perante ele.

O abismo é profundo, abismalmente profundo. Na nossa imagem interna o seu fundo é tão profundo que não podemos apreendê-lo. Para nós o abismo não tem fundo. Mas a sua profundidade nos atrai.

Esta imagem representa todos os grandes mistérios. Para nós são abismalmente profundos, incomensuravelmente profundos. É a sua profundidade que nos atrai e perante a qual nos detemos internamente. Pois um passo a mais já nos deixaria precipitar no abismo.

O abismo e sua profundidade nos atraem e nos repelem ao mesmo tempo. Precisamos parar diante dele embora nos atraia.

Esse gesto de se deter perante o inatingível, esse retroceder apesar da atração, essa persistência que não consegue ir nem para frente nem para trás e permanece centrada em seu lugar, é um gesto de reverência. Perante o abismo ela é tanto um desafio como um presente.

"NÃO QUE SUPORTES
A VOZ DE DEUS
EM SUA AMPLITUDE"

A LIBERDADE

Liberdade significa, por um lado, “livre de” e, por outro, “livre para”.

Usualmente “livre de” significa estar livre de algo que nos restringiu, que obstruiu nosso caminho e que nos prendeu, de forma que quando nos libertamos disso temos novas possibilidades ao nosso dispor. Quanto mais nos desenvolvemos e evoluímos como seres humanos, tanto mais ficamos livres, também no sentido de que podemos deixar isso para trás.

De início essa liberdade não é nenhuma conquista. Muitas vezes dá-se através das circunstâncias, através do tempo e através daquilo que essa liberdade nos concede. Assim, o adulto fica liberado de muitas coisas que lhe foram negadas na infância e na juventude simplesmente porque ficou adulto.

Entretanto, também conquistamos a liberdade através de nossas experiências e de nossos esforços, justamente por termos aprendido mais e termos adquirido mais conhecimento. O conhecimento, a experiência e o exercício nos abrem caminhos através dos quais podemos nos libertar de situações limitadoras e caminhar em direção a possibilidades maiores.

Contudo, estamos atados emocionalmente, sobretudo aos nossos pais e a nossa origem, de tal forma que o amor e a fidelidade a eles nos impedem de realizar outras coisas, embora tenhamos o conhecimento e a capacidade para fazê-lo. Via de regra, aqui conseguimos conquistar a liberdade apenas através de novas circunstâncias da vida. Elas nos forçam a realizar outras coisas ou abrem novas possibilidades para as quais antes estávamos cegos. No entanto a libertação em termos emocionais é também possível através da compreensão. Porém aqui já estaríamos passando de uma “liberdade de” para uma “liberdade para”.

Mas o que é exatamente esta “liberdade para”? Será que realmente sabemos, quando optamos por algo, se o nosso impulso é fruto da reflexão e de uma decisão livre que considerou os prós e contras, as consequências e que nos levou ã decisão acertada? Ou será que seguimos apenas um impulso que se apossou de nós e que posteriormente justificamos através de nossas reflexões como se tivéssemos sido realmente livres? Por exemplo, quando nos sentimos pessoalmente responsáveis pelas consequências dessas decisões, atribuindo-nos o mérito ou talvez até mesmo a culpa? Entretanto, a quem precisamos realmente atribuir isso quando, mais tarde, descobrimos que aquilo que considerávamos um mérito nosso acaba se revelando como algo nocivo e como um infortúnio tanto para nós como para os outros? E quando ocorre o inverso? Quando algo pelo qual nos acusamos e nos sentimos culpados revelou-se como benéfico e libertador tanto para nós como para os outros?

Talvez iremos nos sentir melhor se renunciarmos amplamente à ideia da “liberdade para”. Obteremos sucesso com mais facilidade, quanto mais estivermos em sintonia com aquilo que nos rodeia, deixando-nos ser conduzidos por impulsos que dele advém. Nessa sintonia nos sentimos simultaneamente ativos e não ativos, “livre de” e “livre para”,

dentro do mesmo movimento, renunciando e ao mesmo tempo recebendo.

No Cristianismo encontramos a ideia amplamente difundida de que seriamos livres perante Deus, como se pudéssemos nos decidir livremente a favor dele ou contra ele e que ele responderia e reagiria de uma ou de outra forma, de acordo com a nossa livre vontade. Falando mais claramente, isso significaria que influenciamos o seu comportamento através de nossas livres decisões, de modo que no final estaríamos livres perante ele, e ele não estaria livre perante nós.

Não pretendo aqui aprofundar-me nestas questões. Eu só queria apontar a que estranhas conclusões nos podem levar as ideias de liberdade perante Deus.

Naturalmente não sabemos nada sobre Deus, nem ao menos se ele existe. Por isso as minhas reflexões também são inúteis. Mesmo assim, uma ou outra suposição acaba gerando efeitos diferentes em nossa alma. Para mim, é somente disso que se trata aqui e cada um pode tomar livremente suas próprias decisões. Será que pode realmente?

O ESPÍRITO

Diferenciamos o espírito da matéria ou o esquecemos em relação à matéria. É curioso, pois tudo aquilo que mantém a matéria em movimento é guiado por uma força que não pode provir da matéria em si, mas possibilita a sua existência. Essa força é misteriosa. Porém, apesar de podermos calculá-la porque se revela através de seu efeito, não sabemos de onde vem, o que a mantém em movimento e principalmente para onde se dirige. Isso permanece um mistério para nós.

Além disso, sabemos que a matéria se encontra ordenada, submetendo-se a leis e ordens que não são matéria, mas que apenas se revelam nessas leis e ordens como algo que a domina. Em um sentido muito mais elevado isso vale para a matéria animada em toda sua multiplicidade.

O que é essa força que conduz e anima a matéria? O que é essa força que ordena e une, gera simbioses que nos deixam sempre admirados, que não pode ser explicada nem compreendida somente pela coincidência ou adaptação? Na matéria animada é a alma. Ela anima aquilo que se encontra ao mesmo tempo submetido a leis inorgânicas, movimentando-o a partir do seu interior sem que haja um impulso ou uma atração exterior. Nesse sentido podemos observar que os seres vivos não são apenas conduzidos a partir do seu interior e por uma alma que pertence exclusivamente a eles, mas também por uma alma que harmoniza diversos seres vivos uns com os outros, mantendo-os unidos como membros de uma comunidade que compartilha a mesma vida como elos de algo maior comum a todos.

Mas também esta alma, tanto num sentido mais restrito quanto num mais amplo, segue leis e ordens que não poderiam estar dentro dela, pois nesse caso não precisaria segui-las.

Qual seria então a força que é superior também à alma? Qual seria a força que se

encontra acima das ordens, que as determina e que não está submetida a elas? Para mim essa força seria o espírito.

Aqui podemos fazer ainda uma outra pergunta. O espírito constitui a última instância? Talvez sim. Mas não o sabemos. Se soubéssemos seriamos superiores ou pelo menos equivalentes a ele. Conhecemos apenas de modo limitado a sua grandeza e o seu ser que tudo perpassa e tudo configura. Entretanto, existe algo que o destaca. Talvez esse algo seja aquilo que determina a sua essência de um modo mais profundo para nós.

Experimentamos o espírito como inesgotavelmente criativo.

A ALEGRIA NO ESPÍRITO

A alegria no espirito é ampla, ampla como o espírito. Por ser ampla inclui tudo, porém de um modo que não interfere. É ampla, pois permite que tudo permaneça como é. Por isso é sem zelo e não ofende ninguém. Mesmo assim encontra-se vinculada a tudo, porém, à distância. Alegra- se com o outro sem querer possuí-lo, ilumina-o de modo benevolente, permitindo-lhe que siga o seu próprio curso.

A alegria encontra-se no espírito. Envolvidos por esta alegria, algumas vezes acreditamos flutuar como o espírito, como se tivéssemos superado a força da gravidade. A alegria nos libera de algo ao qual antes estávamos atados e, como o espírito, percebe o peso como sendo algo leve.

No Cristianismo falamos da alegria no Espírito Santo. O Espírito Santo é a força criativa que anima e perpassa tudo, encontrando-se por isso próximo ao divino ou unido a ele. A alegria no Espírito Santo nos inclui nesse movimento criativo. É a devoção a esse movimento que nos transcende em todos os sentidos. Nela permitimos que algo mais poderoso atue e permanecemos despreocupados e sem intenção. Dessa maneira, a alegria no Espírito Santo acrescenta algo à alegria no espírito.

Diz-se do Espírito Santo que ele é o espírito do amor. Então a alegria no Espírito Santo é principalmente uma alegria com amor.

Precisamos saber mais sobre este espírito? Ele se manifesta para nós através do seu efeito.

A PACIÊNCIA

A paciência tem tempo. Ela não urge, não interfere. Espera até que algo se desenvolva e amadureça no seu tempo. É a virtude do jardineiro. Na realidade, ele prepara a ajuda, porém espera que o essencial seja realizado por forças maiores.

A paciência é também uma virtude do mestre, pois a aprendizagem e a compreensão necessitam também de tempo. O mestre apenas prepara a aprendizagem, contudo o entendimento e a compreensão em si ocorrem na maioria das vezes bem mais tarde.

Diferentemente do jardineiro que pode estar seguro de que aquilo que plantou trará frutos, algumas vezes o mestre não verá os frutos de seu trabalho. Muitas vezes dispensa o aprendiz sem saber e sem querer saber qual o efeito dos seus esforços no final. Deste modo dá ao aprendiz a liberdade de aprender também a partir de sua própria experiência e compreensão e de encontrar por conta própria aquilo que é decisivo para ele. Ele confia no tempo.

Também a natureza tem tempo, o seu tempo. Também Deus, seja lá o que se oculta por trás desta palavra e imagem, tem tempo, tempo eterno.

Quando confiarmos nas forças ocultas teremos igualmente paciência conosco e nos concederemos o tempo pleno. E teremos paciência com outras pessoas, principalmente com as crianças.

Também o amor requer paciência. Floresce quando lhe é permitido brotar e se aprofundar, no seu tempo. E, sendo assim, florescerá de modo mais belo e o sabor do seu fruto será ainda mais delicioso.

A PROVIDÊNCIA

Providência significa para nós, via de regra, “a boa providência” ou “a divina providência”. Associamos a isso a imagem de um poder supremo que conduz algo para nós de modo benevolente e previdente em direção a um bom objetivo. Por exemplo, quando num desastre houve um bom desfecho para nós de modo quase milagroso ou quando já havíamos quase perdido a esperança e tudo acaba bem de modo surpreendente. Algumas vezes, dizemos nessas horas que tivemos um bom anjo da guarda. Quase todas as pessoas podem relatar histórias desse tipo que ocorreram em suas vidas. Muitas delas aconteceram na infância. Assim estamos dispostos a acreditar na ação protetora de anjos da guarda, principalmente em relação às crianças.

Muitos pais rezam pelos seus filhos para que Deus zele por eles e os proteja do perigo. Quando pessoas próximas realizam uma viagem, desejamos que sejam acompanhadas por bons espíritos ou poderes que as protejam de desgraças. Por isso, temos a confiança profunda de que por trás de tudo que fazemos existe um poder benevolente e previdente que transcende amplamente as nossas reflexões e possibilidades, trazendo-nos um bom desfecho.

Entretanto, passamos também pela experiência oposta quando, por exemplo, dizemos que por um encadeamento de várias circunstâncias infelizes uma catástrofe tornou-se inevitável. Nessas horas temos igualmente a impressão da interferência de um poder supremo que ajeitou as coisas de tal modo para que este infortúnio ou esta desgraça pudesse ocorrer.

Aqui nossa fé em relação à boa providência é colocada à prova. Ficamos diante de um enigma e talvez nos perguntemos: como Deus pode permitir algo assim? Muitas pessoas hesitam em perguntar diretamente: como Deus pode desejar algo assim? Preferem

imaginar a presença de outros poderes e que Deus somente não interferiu. Deste modo desejam absolvê-lo evitando que a imagem da boa providência seja colocada em questão.

Porém nos é permitido fazer isso? Podemos realmente fazer uma diferenciação?

Experimentamos a providência de modo mais profundo quando estamos em sintonia com o mundo como um todo como ele é. E também estamos em sintonia com o nosso destino e o nosso fim da forma que foram predeterminados para nós.

Porém eles são predeterminados? Existe um poder omnisciente em ação? Não o sabemos. Mesmo assim nos comportamos muitas vezes como se estivéssemos entregues a ele, principalmente quando parece que não temos saída. Pois quando pensamos que existe algo que nos transcende amplamente, que age e conduz os nossos destinos, alcançamos uma confiança especial que se estende mesmo além de nossa morte. Experimentamos aquilo que nos foi enviado por um poder superior como algo que nos é adequado, como algo bom, mesmo quando exige o nosso último esforço. Pelo menos esperamos que assim seja. Se essa esperança nos engana ou sustenta permanece em aberto para nós. Apenas quando a mantemos em aberto, estamos verdadeiramente em sintonia.

A ARMADILHA

Quando pisamos na armadilha de alguém, esta pessoa deseja apossar-se de nós para que estejamos a seu serviço e ela possa permanecer em vida ou ampliar e melhorar suas possibilidades de vida. Ao invés de pisarmos na armadilha podemos também cair na rede de alguém, rede esta que posicionou ou lançou de modo tal que nos enredamos nela.

Originalmente a armadilha e a rede serviam para capturar uma presa. Eram instrumentos de caça que levavam a morte da presa.

Mais tarde, montar a armadilha e lançar a rede acabou adquirindo um papel importante, principalmente quando se tratava de obter poder sobre os outros. Por exemplo, tais métodos de montar armadilhas e lançar redes podem ser encontrados na política. Algumas vezes os denominamos diplomacia. Não quero afirmar aqui que toda diplomacia deva ser vista sob este ângulo, pois há casos onde ela conduz a um equilíbrio entre os interesses e todos saem ganhando.

Um modo refinado de montar armadilhas e lançar redes é o procedimento estratégico que se usa, por exemplo, nas guerras. Na maioria das vezes, trata-se aqui de vida e morte, como era na forma original de montar armadilhas.

Entretanto, existem ainda outros tipos de armadilhas. São do tipo espiritual, quando alguém deseja nos enganar conduzindo-nos a pensamentos e ações que lhe dão poder sobre nós. Principalmente quando nos ameaça de danos físicos, psíquicos ou danos em relação a nossa vida se não o seguirmos ou duvidarmos daquilo que nos disse. Nesse caso falamos de caçadores de alma.

Como escaparmos dessas armadilhas? À medida que paramos diante delas sem nos mover e quando tampamos os ouvidos diante do canto da sereia que nos atrai para um penhasco perigoso.

Muitos dos que caíram nessa armadilha não sabem que estão dentro dela. Chegam a se sentir bem e desejam também atrair outras pessoas para ela. Alguns dentre eles sabem que se trata de uma armadilha porém, ao invés de se libertarem dela, atraem outras pessoas para a mesma armadilha só para não ficarem sozinhos. Às vezes, também desejam que sintamos pena deles. Quem cai nessa armadilha por curiosidade ou por pena se apega a eles de tal forma que dificilmente consegue sair dela.

Será Deus igualmente uma armadilha desta espécie? Naturalmente não o Deus sobre o qual nada sabemos, que apenas intuímos, apesar de não sabermos se isso não seria igualmente uma armadilha. E sim, esse Deus que é anunciado por aqueles que afirmam que ele se revelou para eles ou então os iluminou e que fala através deles. Em seu nome exercem poder sobre os outros, por vezes ameaçando-os com terríveis castigos.

Como escaparmos dessa armadilha? Parando, fechando os nossos ouvidos, confiando em nossa própria percepção, seguindo-a e nos movimentando apenas dentro do âmbito acessível para a nossa experiência, nem caindo em uma armadilha nem montando uma para os outros.

A IMAGEM

Dizemos frequentemente que criamos uma imagem, por exemplo, de outras pessoas, de uma situação ou até de Deus. Sendo assim trata-se de uma imagem criada. Mas ela realmente abrange o outro ou a situação? Abrange até Deus? Ou desconhece o outro ou a situação? E desconhece também aquilo que se subtrai a qualquer tipo de imagem?

A imagem é apenas o início do conhecimento. Se ficarmos com a imagem que criamos, na maioria das vezes, ficamos mais em nós mesmos do que naquilo do qual criamos uma imagem. Mas a imagem é necessária para o nosso conhecimento.

Então como encontrar acesso a qualquer coisa que está além de nossa imagem, que talvez apenas nela se insinua, nela se oculta? Como encontrar acesso àquilo que permanece além de todas as imagens, sendo inacessível para nós?

Quando nos expomos à imagem, sem olhar de forma exata para ela, permanecendo internamente abertos e amplos, após um certo tempo aquilo que está oculto em nossa imagem revela sua essência oculta, sua verdade oculta. Sua essência e sua verdade se encontram veladas na imagem e vêm à luz através dela sem que tenhamos uma noção disso. Pois a essência e a verdade constituem algo espiritual que está além de todas as imagens.

O espiritual é reconhecido e sentido como algo espiritual na alma e no espírito. Pois dele emana uma força que nos movimenta e nos conecta animicamente com algo que se encontra além de todas imagens, de forma que também sentimos essa força no nível

físico. Deste modo somos captados pelo espiritual como um todo e sentimo-nos capazes de ver, compreender e agir de um outro modo. Então não criamos mais uma imagem, mas essa imagem faz algo conosco, se não permanecermos nela. A imagem nos leva para algo para o qual foi apenas um véu, por trás do qual o essencial permaneceu oculto.

Mesmo assim, sem a imagem não somos capazes de alcançar o oculto, muito menos se ficarmos parados diante dele. Senão já estaremos parados diante da entrada jamais entrando realmente.

É o que sucede com as imagens que criamos do ser humano, da natureza e principalmente com as imagens que temos de Deus. Elas são apenas a aparência e o reflexo e da luz , frequentemente, apenas a sombra.

Mas isso é também uma imagem. Por isso me afasto dela e aguardo até que o outro, o oculto, se manifeste por trás dela, mesmo que seja apenas um pouco, mas isso já basta.

A RAIZ

A raiz está coberta. Nela se oculta aquilo que virá à luz posteriormente. Nela já se encontra o futuro, mesmo que de forma condensada. A raiz nutre aquilo que cresce a partir dela, ela o mantém e o sustenta.

A imagem da raiz é uma imagem poderosa. Orientamo-nos por essa imagem nos mais diversos contextos. Deste modo procuramos, por exemplo, pela raiz de um problema ou de um conflito, desejamos eliminar algo nocivo pela raiz e queremos dominar algo à medida que o penetramos até a sua raiz.

A raiz representa o início, a partir do qual tudo se desdobra. Representa igualmente a causa de um efeito. Vemos inclusive o início do mundo e sua expansão galopante a partir de uma imagem parecida. Só que denominamos isso o início, a partir do qual eclodiu, de repente, toda a multiplicidade posterior que se encontrava condensada nele através de uma explosão inimaginável, o *Big Bang.* Porém, toda semente quando eclode e começa a brotar é um *Big Bang* desta espécie que faz movimentar e desabrochar algo que até então permanecia desconhecido.

Algumas vezes, quando algo se expandiu excessivamente, afastando-se demasiado de sua raiz, de modo que não pode ser mais nutrido, sustentado e mantido por ela, ouvimos o chamado “de volta às raízes”. Comumente isto significa um chamado de volta à simplicidade, àquilo que oferece limites, à força original, à ideia original e também o chamado de volta aos antepassados e ao vínculo com a sua bênção e sua sabedoria.

Em todos os grandes movimentos religiosos, principalmente no Cristianismo, houve repetidamente o chamado de volta às raízes. Por exemplo, na época da Reforma, o chamado de volta à Bíblia e em muitas ordens religiosas o chamado de volta ao ideal e à ordem inicial.

Porém toda árvore, independente de sua idade, perde após um tempo a força da raiz. Os

primeiros sinais de declínio são somente visíveis na periferia e as raízes ainda parecem estar intactas por um certo tempo. Porém, finalmente a sua força vital também se apaga e ela fenece assim como a árvore inteira. Por isso o chamado de volta às raízes de pouco adianta quando a raiz já definhou. Em certo momento não é possível mais revitalizá-la.

Mas será que os movimentos religiosos são realmente divinos? Será que Deus é realmente a raiz e a origem deles? Ou será que em suas origens estão apenas seres humanos que, como uma raiz, desencadearam poderosos movimentos, alimentando-os durante um longo tempo com seus ensinamentos, mantendo-os em vida através de sua força espiritual? Quando estes movimentos perdem a sua força Deus também perde algo? Ele se importa com isso? Adianta evocá-lo para que renove as raízes?

A imagem da raiz e do início primordial é uma imagem humana. Como ela pode aprisionar e banir o divino, o poderoso que está por trás de todo início? Este poderoso desconhecido não está simultaneamente distante e próximo de nós à medida que nos expomos a ele? E todo movimento não é sempre início e fim ao mesmo tempo?

OS MESTRES

Mestres são mediadores. Transmitem aos outros, especialmente àqueles que são mais jovens do que eles, aquilo que experimentaram, aprenderam, adotaram de outros mestres e continuaram a desenvolver até que isso se transformou em seu próprio conhecimento.

Entre os mestres e aprendizes existe um declive. O mestre dá e os aprendizes tomam. Quando os aprendizes reconhecem esse declive, honram e respeitam o seu mestre, podem aprender mais dele e ele, por sua vez, pode dar mais aos seus aprendizes. Quem estuda sabe que está numa posição inferior, pois é aquele que está necessitado, que espera algo de seu mestre. Se a relação entre o mestre e o aprendiz deve servir, sem maiores interferências, ao conhecimento, à experiência e ao crescimento, então a autoridade do mestre e o comportamento apropriado do aprendiz é essencial. O mestre não deve descer ao nível dos aprendizes enquanto estes ainda desejam aprender algo dele e o aprendiz não pode aproximar-se excessivamente do mestre e desejar competir com ele. Pois neste momento o mestre irá rejeitar o aprendiz, não lhe oferecendo compreensões importantes, especialmente aquilo que só se pode transmitir a outros numa atmosfera de verdadeira confiança. Talvez o mestre também o dispense neste momento para que o aprendiz prossiga seu próprio caminho, fique sobre os seus próprios pés, prove perante os outros a sua competência e se revele superior ou ao menos equivalente ao mestre. Este é um desafio no qual poderá ter êxito ou talvez fracassar. O fracasso provavelmente acontecerá se aqueles que desejam aprender do mestre não o respeitarem.

Por isso, é apropriado para o aprendiz que reconheça e concorde com a sua dependência enquanto está aprendendo. Isso significa que durante a época de seus estudos o aprendiz é pequeno. Entretanto, depois que aprendeu o suficiente de seu mestre chega a

hora da separação. Assim terá as suas próprias experiências, talvez torne-se ele próprio um mestre e passe aos outros aquilo que lhe foi transmitido. Ao mesmo tempo o conhecimento adquirido precisa provar a sua eficiência na vida real, pois apenas através de sua ação e seu sucesso é que se transforma em algo próprio. Quanto mais o aprendiz permanecer internamente vinculado ao seu mestre, tanto mais êxito terá. Então seu mestre estará atrás dele, apoiando-o de modo benevolente, mesmo que, às vezes, seu aprendiz siga um caminho diferente. Tal como um pai ou uma mãe quando ensina seus filhos ainda sente atrás de si a presença auxiliadora de seus próprios pais. Dessa forma os filhos poderão tomar de seus pais, com maior prazer, aquilo que eles lhes dão e transmitem.

Porém da mesma forma que os filhos podem tomar pouco de seus pais quando se colocam acima deles, os aprendizes tomarão pouco de seu mestre se se colocarem acima dele, negando-lhe o respeito.

Mas também encontramos outros tipos de mestres que nos ensinam na medida em que são diferentes de nós e até nos são hostis. Sem nos envolvermos diretamente, reconhecemos neles em que sentido ainda precisamos crescer. Muitas vezes aprendemos coisas essenciais de mestres que reconhecemos ser adversários valiosos.

Também Deus ou o divino ou o mundo como é nos ensinam de um modo especial quando nos expomos a eles: totalmente nus, sem defesa, entregues a eles e ao mesmo tempo centrados. Eles nos ensinam através de sua presença, tiram nosso orgulho, nossa curiosidade, nossos sonhos, nos conduzem para dentro de uma noite escura onde todo o conhecimento anterior se torna destituído de valor, nos atraem para a sua esfera e nos colocam a seu serviço.

A FLOR

A flor floresce. Tanto o seu aspecto como o seu aroma nos atraem. Contudo, a flor atrai principalmente os polinizadores para os quais floresce, para os quais exala seu aroma, para os quais se abre e está disponível. Pois a flor está a serviço do fruto que, posteriormente — é este o seu desejo — fará valer a pena todo seu investimento.

O seu fruto também tem um aspecto delicioso e nos seduz com seu aroma. Nós o colhemos e o saboreamos. Entretanto, muitas vezes, jogamos o caroço não prestando atenção ao que nele está contido: a nova e futura geração da flor e do fruto.

Ah, como somos algumas vezes distraídos! Mas mesmo assim não estamos obstruindo a sequência essencial do crescimento e da continuidade. Somos seduzidos a participar sem estarmos conscientes disso. No primeiro plano estamos simultaneamente à disposição e a serviço do oculto. O essencial e os processos de transformação não dependem de nosso reconhecimento. Pois não é apenas ele que está a nosso serviço, mas nós também estamos a serviço dele. Nosso conhecimento e memória limitados nos tornam sujeitos a ser usados por ele. Mesmo quando sentimos estar livres e independentes somos

cavalgados por um outro cavaleiro como se fôssemos seu cavalo ou somos atrelados à frente de uma outra carruagem.

Por que então deveríamos tentar ensinar os outros? Acrescentaria algo àquilo que os tomou a seu serviço? Sim. Porém, apenas quando os ensinamos, estando a serviço do essencial, conscientes de estarmos puxando a carruagem de um outro cocheiro. Quando reconhecemos isso, mesmo quando aparentamos ser grandes e importantes, permanecemos pequenos e humildes, conscientes de que somos iguais aos outros seres humanos.

A IMPOTÊNCIA

A impotência é apenas aparentemente impotente, pois através dela outro poder entra em ação que, por um lado, impõe limites aos chamados poderosos e, por outro, permite que aqueles que se sentem entregues a eles possam se liberar deles. Com o passar do tempo todos as pessoas poderosas se tornam impotentes pois jamais controlarão aqueles poderes que conduzem as grandes transformações. Todo ser poderoso torna-se impotente em face da morte. Todo reino e toda instituição, mesmo quando são muito poderosos, acabam se excedendo após um certo tempo, são desafiados por outros poderes e movimentos e por fim decaem.

A roda do tempo não gira por si só. É impulsionada por um agente externo. Algumas pessoas ascendem enquanto outras decaem. Por isso, também aqueles que alcançam o topo decaem mais tarde através da roda do tempo.

Não estamos totalmente a mercê da roda do tempo. Se, ao invés de permanecermos na margem externa da roda do tempo, onde a força centrífuga é mais eficiente, ficarmos mais próximos do centro, não seremos lançados para o alto nem jogados para baixo.

Do nosso lugar, próximo ao centro, podemos observar o impulso do tempo com serenidade sem ficarmos afetados pelo poder nem pela impotência. Porque um não nos eleva e o outro não nos oprime permanecemos em sintonia com os poderes que movem a roda do tempo sem girarmos com ela.

Permanecer próximo ao centro nos conecta profundamente com aquilo que toma tanto uns como outros a seu serviço, nos conecta com aquilo que está além do poder e da impotência – de modo atemporal e eternamente silencioso.

A SABEDORIA

A sabedoria diferencia entre o que é possível e o que é impossível. Por isso encontra-se voltada para a ação e a realização. No fundo trata- se da sabedoria de vida, o conhecimento sobre como podemos corresponder e estar a serviço da vida e como podemos honrá-la e realizá-la em sintonia com aquilo que ela nos presenteia. Por isso encontramos a sabedoria quando nos limitamos àquilo que em nossa vida se encontra

em sintonia conosco e com os outros. A única medida para a sabedoria é a vida e aquilo com que ela nos presenteia e exige de nós.

Portanto a sabedoria é terrena. Não vai além daquilo que está próximo e palpável. Ela concorda com o possível, afasta-se facilmente daquilo que já passou, permanece no presente e com aquilo que se revela para nós através dele. E com ele se alegra.

Não sonha além daquilo que possui. Aquilo que possui, possui-o plenamente. Por isso a plenitude se sente bem ao lado da sabedoria, entregando-lhe o que possui sem nada reter com ela. Assim, mesmo o pequeno e o insignificante, quando preenchidos com a sabedoria, tornam-se grandes e significativos, revelando seus tesouros ocultos e sua especial beleza e força.

A sabedoria é simples e discreta, pois se encontra em sintonia. Mas este é apenas o seu lado externo, a sua aparência. Em seu interior é profunda. Encontra-se centrada em torno do essencial, é capaz de revelá-lo na hora certa, é colocada a serviço dele e, sustentada por ele, causa o bem para muitos. Principalmente indicando aos outros uma saída que os chama de volta de seu delírio para a terra, fluindo, como a vida, constantemente para frente, reconhecendo e tomando de imediato o novo, o futuro e a ocasião especial.

A sabedoria é religiosa? Se religião for o ato silencioso de concordar com o mundo e a vida como ela nos foi dada, então ela é religiosa — porém sem fé ou esperança. Também aqui lhe basta o que tem.

O SEGREDO

Apenas aquilo que antes estava oculto pode ser revelado, porém toda revelação esconde mais do que revela. Toda descoberta nova, toda compreensão, toda iluminação revela segredos maiores, mais ocultos e talvez para sempre inacessíveis. Por isso ficamos mais respeitosos, modestos e mais conscientes de nossos limites a cada nova compreensão.

Alguns desejam decifrar os segredos da natureza, do ser humano e, às vezes, até de Deus. Então qual é o resultado? Usualmente encontram um novo caminho, mas na maioria das vezes um caminho que após um tempo acaba se revelando falso. E a conquista da qual se vangloriavam acaba escapando de seu controle e talvez se torne um perigo mortal para eles.

Entretanto, quem espera até que os segredos se revelem por conta própria vai receber grandes dádivas e o poder de servir à vida. Porém de uma forma em que ele e os outros permanecem dentro de seus limites.

Deus também se revela para nós? Ele também desvela seu segredo para nós? A fonte original de toda criação é uma força do outro lado de nossa realidade de forma que quando se revela precisamos experimentá-la como algo exterior e separado de nós? Ou devemos simplesmente nos entregar a um movimento interior, sem questionar sua origem, seu destino e sua causa?

Quando Deus permanece um segredo talvez estejamos mais seguros e mais próximos dele.

ARREBATADOS

Sentimo-nos arrebatados quando algo nos suga. Por exemplo quando um redemoinho captura algo que se encontra na superfície com uma força tal que é impossível escapar dele e acaba puxando-o para o fundo. Fica entregue a ele.

Ser arrebatado significa mais do que atração. No caso da atração somos também arrebatados em direção a algo, por exemplo em direção a outras pessoas. Esta atração nos vincula a elas. Isso vale principalmente para a atração entre pais e filhos e mais tarde para a atração entre homem e mulher. Esta atração pode ser tão forte que, às vezes, parece agir como uma sucção, por exemplo quando duas pessoas se apaixonam. Porém de forma geral podemos distinguir claramente entre a atração e o arrebatamento.

Quando algo nos arrebata, então não existe mais saída. Criminosos por vezes são arrebatados, principalmente no caso de um assassinato. Ou quando alguém tem a sensação de ser arrebatado a cometer suicídio, planejando e usando métodos cruéis para se matar. Nesta situação as pessoas estão fora de si, como se estivessem possuídas por um poder estranho. Esse arrebatamento as faz perder os sentidos. Ficam entregues a ele.

Existe também uma forma totalmente diferente de arrebatamento que vem do centramento. Algo nos puxa em direção às nossas próprias profundezas, em direção ao centro e para além dele em direção a um espaço amplo. Quando somos arrebatados deste modo deixamos algo para trás e seguimos um movimento que por um lado nos captura como se fosse uma força externa, mas ao mesmo tempo nos conecta profundamente com o âmago de nosso ser.

Esse arrebatamento nos puxa para uma outra dimensão. Sentimos que a ela pertencemos mas ao mesmo tempo percebemos que ela nos é inacessível.

Algumas pessoas acreditam que quando experimentam este arrebatamento estão sendo levadas a Deus, como se essa força fosse uma extensão do divino no nosso mundo. Nestas horas tendem a se perder com facilidade e saem de si. Talvez alguns místicos e também aqueles que seguem movimentos místicos se sintam desta forma. Não me cabe julgar isso mas gostaria de mencionar os possíveis perigos de tal arrebatamento.

Quando nos entregamos a ele de modo consciente e centrado, às vezes, nos leva a compreensões que nos colocam, e também os outros, em sintonia com aquilo para o qual fomos arrebatados. Quando emergimos novamente das profundezas dessa experiência, tornamo-nos capazes de realizar algo para o qual antes éramos demasiadamente fracos e temerosos.

Mesmo assim, este arrebatamento possui também uma dimensão religiosa. Porém apenas desta forma – é esta a minha imagem — se permanecermos conscientes, quando nela nos detemos, quando olhamos para a escuridão ao invés de olharmos para a luz e esperamos

centrados perante um limite.

O INFINITO

Infinito é aquilo que vai além de nossa medida. Nesse sentido tudo aquilo que vem ao nosso encontro possui uma dimensão que é infinita para nós, pois vai infinitamente além daquilo que podemos compreender ou controlar. Sobretudo sobrevive a nós nessa dimensão.

Tudo que experimentamos como finito é ao mesmo tempo infinito, pois o finito aparenta ser finito apenas porque perdemos a sua infinitude de vista. Isso vale primeiramente para nós mesmos que algumas vezes lamentamos a nossa finitude, pois a infinitude que ela abriga nos assusta. Principalmente porque essa infinitude nos liberta da esfera da finitude que talvez ansiamos que seja infinita como finitude.

A infinitude na finitude é infinita apenas porque não podemos compreendê-la. Mais precisamente, talvez o infinito seja apenas o finito em um movimento infinito. Apenas o seu movimento é para nós infinito.

A infinitude é algo a ser ambicionado por nós? Ela constitui um objetivo que vale a pena? Apenas no sentido de confiarmos na finitude como movimento infinito. Sem saber para onde ela nos conduz, em um certo sentido, deixamos neste movimento o finito para trás, alcançamos a paz através dela e nos experimentamos infinitos na finitude.

Podemos vivenciar a entrega a esse movimento como um ato religioso, porém sem esperar que ela nos conduza a um objetivo que se encontra além de nossa finitude. Pois, para nós, este movimento permanece finito apesar de sua infinitude. Quando ficamos conscientes disso, também nos detemos, admirados, no movimento infinito e reconhecemos que aquilo que nomeamos infinito é apenas um dos vários véus que encobrem o essencial.

"0 ETERNO E O EXTRAORDINÁRIO NÃO QUEREM SER VERGADOS POR NÓS"

O CONFLITO

Todo conflito é uma aproximação, uma aproximação intensa. Pois precisamos incluir o outro em nosso campo de visão e nos expormos a ele.

Conflitos existem, por exemplo, quando fazemos uma imagem de um outro e olhamos para essa imagem, ao invés de olharmos para ele.

Algumas vezes, um conflito é apenas transferido para alguém mais fraco que precisa pagar, em nosso lugar, a alguém mais forte, alguém do qual sentimos medo. 0 conflito com o parceiro, por exemplo, algumas vezes se transfere para uma criança ou o conflito com o pai ou a mãe se transfere para o marido ou a esposa. Contudo, o conflito só pode ser resolvido quando olhamos para aqueles com os quais realmente temos um conflito, quando os olhamos até que sejamos capazes de vê-los. Isso significa que olhamos para eles de tal modo que os enxergamos como indivíduos, não como uma função ou membro de um grupo. Muitas vezes uma única palavra basta para desfazer um conflito, para que uma aproximação real possa acontecer-com amor. Estas palavras são, por exemplo, “obrigado” ou “por favor”.

Algumas pessoas encontram-se em conflito até com Deus ou com a Igreja, desgastando-se nesse conflito. Tais conflitos são possíveis apenas quando desejamos algo específico da pessoa que está à nossa frente e, quando não obtemos o que queríamos, ficamos decepcionados. Um vínculo cheio de expectativas é que conduz a estes conflitos. Se desistíssemos de nossas expectativas em relação aos nossos pais, libertando-nos desse tipo de vínculo, os conflitos com eles poderiam ser resolvidos sem maiores problemas. Então, de repente a ira também se dissolveria e estaríamos livres. Muitas de nossas expectativas em relação a Deus são infantis, pois transferimos a ele essas expectativas que temos em relação aos nossos pais. Se chegarmos a Deus com as expectativas infantis que nos foram subtraídas, sairemos de mãos vazias.

A SIMPLICIDADE

A simplicidade difere da duplicidade ou da multiplicidade. Na simplicidade os opostos são suprimidos. A simplicidade está acima dos opostos, transcendendo-os e é, por isso, o grande, o último, o essencial.

A simplicidade é a meta dos opostos que nela repousam, encontrando a paz.

A simplicidade é também o que permanece, o algo perene que está por trás de todos os opostos. É também o enigmático e a escuridão que suprime os opostos.

Aliás, o mais simples é o nada. No nada não há mais nada que possa ser nomeado. Toda e qualquer tentativa de compreender ou classificar o nada fracassa. O nada é aquilo que nos foi mais subtraído. Mergulhar nesse nada, dissolver-se nele é a meta de nossos anseios mais profundos.

Mas esse anseio não se movimenta. Aguarda e persevera, atento e disponível de modo

centrado, de olhos bem abertos para algo que jamais se revela. Este anseio é a devoção ao nada.

O TEMOR

0 temor paralisa. Primeiro paralisa o sentimento, depois o pensamento, depois a ação. Ele nos diminui. Em nossa sociedade, na qual sentimos frequentemente temor, apesar de não existir nenhuma ameaça ao nosso corpo e à nossa vida é sobretudo o temor da consciência que mostra tais efeitos. Isso significa que tememos perder o olhar benevolente dos outros através de um comportamento ou até de um simples pensamento ou uma declaração, principalmente quando estes têm ou pretendem ter certa influência sobre nós. Então eles se transformam em figuras paternas e nós nos transformamos em crianças perante eles.

Mesmo nas sociedades onde a liberdade de pensamento e opinião se encontram protegidas pela constituição, existe uma pressão visível que discrimina certas declarações e uma pressão sobre aqueles que as representam. Mas não porque estas manifestações se revelaram falsas, contrapondo-se à observação ou experiência – pelo contrário, trazem à luz uma realidade que abala idealizações e reivindicações de poder. Principalmente quando desmascaram um ideal sublime como sendo algo vazio.

Por isso, principalmente as declarações que ameaçam uma crença religiosa ou pseudoreligiosa que substituiu uma outra crença religiosa tornam-se perigosas para aquele que as emite. Essas declarações ameaçam as afirmações que não conseguimos abandonar e as quais seguimos fervorosamente como dogmas religiosos. Com isso queremos mostrar a nós mesmos e a outros a predominância de uma outra realidade.

Essa resistência àquilo que é evidente, a suspeita em relação a outras observações e a tentativa de reprimi-las continuam existindo nas igrejas. A diferença é que não denominamos mais de hereges aqueles que fazem observações e possuem pensamentos diferentes, conforme acontecia antigamente, mas suspeitamos que eles pertencem a uma seita ou então que desejam fundar uma. Atualmente as igrejas dispõem dos encarregados das seitas para combatê-los assim como antes existia a inquisição para os hereges. É óbvio que por trás disso existe a reivindicação de que elas são as únicas representantes da verdade perante a qual tudo aquilo que delas desvia pode e deve ser considerado de natureza sectária e divergente da opinião coletiva.

Os valores pseudoreligiosos e validados pela coletividade fora do âmbito da Igreja, como também as condutas correspondentes, são aqueles que hoje em dia chamamos de politicamente corretos. Quem deles desvia precisa temer ser excluído da comunidade política, assim como antigamente os hereges da Igreja. A visão e a moral politicamente corretas têm substituído as igrejas num nível amplo. Fundamentam uma comunidade de fé que, de modo semelhante ao das igrejas antigas, deseja obter poder sobre a consciência de cada um. Por isso seus ilustres representantes e seguidores comportam-se como guardiões de uma revelação divina e consideram-se autorizados para combater

aqueles que optam por outro caminho. Aqui também através da suspeita e da ameaça de exclusão.

Qual é o resultado destas ordens para as almas ? O temor a Deus que, no fundo, era o temor e o respeito pela realidade revelada e o temor de suas consequências, quando não as queremos admitir, transformou- se no temor ao poder humano.

A CULPA

A culpa está sempre relacionada ao vínculo. O seu primeiro efeito é a separação. Mas somente de certo modo. Por outro lado ela também vincula, porém, à distância. A culpa separa. Por isso, também liberta tanto aquele que se tornou culpado como aquele perante o qual nos tornamos culpados. Mas também aqui apenas de certo modo.

Quando se trata da culpa relacionada à vida de outra pessoa, a culpa nos força a ficarmos semelhantes ou iguais a ela. Pois a separação causada por essa culpa não se sustenta. À medida que ficamos igual ao outro, concordando, por exemplo, com um destino parecido como consequência dessa culpa, o outro abre-se para nós. Permite que nos aproximemos novamente e chega a nos abrigar em seu coração. Ambos concordamos com as consequências dessa culpa, ele como vítima e eu como agressor. Olhamos juntos para o destino que partilhamos, rendemo-nos a ele, dissolvemo-nos neste destino e através dele estamos tanto vinculados como separados.

Isso vale igualmente para um culpa de menor extensão. Ela separa e nos deixa livres para aquilo que é particular de cada um. Porém, quando isto se realiza de modo inevitável como o próprio destino e quando concordamos com o mesmo, seja lá o que isso exige de mim e do outro, tornamo-nos uma unidade e ao mesmo tempo liberados de algo que nos transcende amplamente.

Alguns acreditam terem se tornado culpados também perante Deus. Porém, quem se sente culpado perante Deus perde a ligação com aquilo através do qual se tornou culpado. Deus então é colocado entre ele e o outro. A culpa e suas consequências são deslocadas para longe, ao invés de serem encaradas de frente.

Mas como alguém poderia tornar-se culpado perante Deus, sem arrancá-lo do céu e da luz impenetrável que o envolve, forçando-o para dentro de sua existência humana? Ao invés de honrá-lo, essa pessoa o desonra.

Porque no final a culpa tem um efeito purificador e de completude para todos que ela abarca, seja como autores ou sofredores. Ela é maior do que o seu oposto, na sua força e poder criativo e, por isso, encontra-se mais próxima e mesmo assim indizivelmente afastada do divino – não importa o que possamos pressentir em relação ao que se encontra por trás disso.

AS CONSEQUÊNCIAS DA CULPA

A culpa é um acontecimento com amplas consequências, tanto para o culpado como para aquele que é prejudicado ou até aniquilado por ela. Mas as consequências da culpa não param por aí. Muitas vezes têm efeito sobre várias gerações e atingem pessoas totalmente inocentes tanto na linhagem do culpado como na linhagem de sua vítima. Nesse sentido a culpa é criativa. Ela gera algo inevitável, "o mal precisa continuar gerando" até que um novo ato criativo o freia e o transforma. Esse outro ato criativo coloca-se a serviço de algo que transcende a culpa e liberta forças que podem manifestar-se apenas como consequência de uma culpa, independentemente de quão terrível esta possa ter sido para muitos.

Qual é o efeito da culpa no primeiro momento? Vincula o culpado à sua vítima. Após o dano provocado ambos permanecem ligados e não conseguem se desvencilhar um do outro, principalmente quando se trata de um dano grave, que talvez até tenha custado a vida da vítima. Mas, apesar de o culpado e a vítima permanecerem vinculados um ao outro, tendem a se evitar mutuamente ao invés de irem um ao encontro do outro. Muitas vezes a vítima acusa o culpado e fica zangada com ele e o culpado talvez não queira admitir sua culpa e até a justifica. Porém, acima de tudo, não deseja olhar nos olhos da vítima, sente-se envergonhado e fecha seu coração ao seu sofrimento.

Porque o culpado e sua vítima não reconhecem que pertencem um ao outro nos sentimentos e ações, seus descendentes acabam ocupando a brecha e tentam preenchê-la. Eles são principalmente os filhos e os netos. Por isso os filhos dos agressores frequentemente se tornam vítimas e procuram como vítimas, os agressores. Os filhos das vítimas, por sua vez, muitas vezes se tornam agressores, sentem a energia do agressor e procuram como agressores pelas vítimas. Algumas vezes acontece o contrário: filhos de agressores tornam-se agressores, principalmente aqueles que desejam vingar outras vítimas sentindo-se deste modo também como vítimas e, filhos de vítimas se tornam vítimas, mas como vítimas ficam zangadas com os agressores e deste modo se transformam em ambos, vítimas e agressores. Apesar de serem em sua alma as duas coisas, agressor e vítima, essas duas partes acabam não se encontrando. A separação entre o culpado e sua vítima é mantida viva internamente e ao mesmo tempo vivenciada e continuada em público na forma de conflitos e guerras secundárias.

Como então aqueles que estão separados – separados apesar de pertencerem um ao outro – podem enfim se reencontrar e se reconciliar? Com a ajuda dos últimos membros de sua corrente de gerações, que, apesar de inocentes, foram envolvidos nesta culpa. Isso significa que um descendente do culpado olha em seu lugar, por fim, com amor e arrependimento, para sua vítima, posiciona-se ou deita-se ao lado dela, aguarda humildemente até que a vítima lhe conceda um lugar ao seu lado e com isso também ao culpado que o descendente está representando nesse momento. Em seguida posicionam-se perante o culpado e esperam até que o essencial possa ocorrer.

Como isso pode ser realizado de modo eficiente? Agora o culpado pode, através de seu descendente que já iniciou o movimento em direção à vitima, incluir ele mesmo a vítima em seu campo de visão, até que o veja realmente. Ambos, ele e sua vítima, expõem-se

juntamente à dor e ao luto sobre o que ocorreu entre os dois, submetem-se ao seu destino especial – o agressor como agressor e a vítima como vítima e assim desfazem a separação que existe entre eles.

Tudo isso não se realiza apenas na imaginação. No âmbito da alma ambos, mesmo quando um ou ambos já faleceram há muito tempo, encontram-se verdadeiramente vinculados através desse movimento, tão verdadeiramente que aquilo que passou há muito tempo pode ser incluído aqui e agora no campo de visão de ambos e o incompleto pode ser concluído. Reconhecem que seus destinos encontram-se vinculados e submetem-se juntos ao poder que reservou sinais diferentes para ambos: para um, a sina do agressor e para o outro, a sina da vítima. À medida que se submetem juntos a esse poder, reconhecem simultaneamente que, apesar dos destinos diferentes, encontram-se vinculados um ao outro e no fundo são iguais.

Algo semelhante ocorre no final da corrente de gerações da vítima. Um descendente da vítima olha em seu lugar com amor para o culpado, até que na presença deste amor, este seja tomado pela dor, posicionando-se com ele, o descendente perante a sua vítima. Quando então a vítima vê seu filho, seu neto ou até um descendente posterior ao lado do culpado, ela se abranda com a ajuda desse descendente, reconhece a sua ligação fatal com o culpado, submete-se junto com ele ao poder que age de modo diferente sobre os dois e perante esse poder se torna semelhante ao culpado.

Qual é o resultado? Todos os participantes, o culpado, sua vítima e todos seus descendentes que se encontravam emaranhados nas consequências dessa culpa, olham para a vida e para as ordens que vinculam as pessoas umas às outras, de uma outra forma, de uma forma purificada: com menos exigências, principalmente aquelas de natureza moral, de modo mais misericordioso e suave. Veem, sobretudo, os culpados e suas vítimas a partir de um novo ângulo.

Aqueles que antes estavam separados tornam-se menos humanos quando se encontram ou talvez mais humanos? Será que a culpa e suas consequências acabam gerando um efeito curativo? Será que a culpa e suas consequências acabam aproximando mais as pessoas do que antes da culpa? A culpa então talvez seja um desejo divino? Vemos o divino sob uma perspectiva totalmente diferente e temos que vê-lo de modo diverso do que costumávamos e desejávamos?

Então a culpa acaba estando a serviço do ser humano e de sua completude —e a serviço de Deus. Então a culpa não se oporia ao divino mas seria divina em sua essência?

Quando nos deixamos tocar por essa ideia, a nossa imagem de Deus torna-se menor ou maior? E o que essa imagem faz conosco?

A SOMBRA

A sombra forma-se onde há um impedimento para a luz. Por isso aquilo que está na sombra espera – é o que imaginamos — vir à luz. Porém, ultrapassa a imagem literal e

tem um sentido figurado.

Usamos a imagem de luz e sombra de diversas formas. Falamos, por exemplo, também no caso do ser humano, de sua faceta sombria. Mas aqui o lado sombrio não é apenas obscuro ou negro. Abriga muitas vezes a própria força. Por isso, dizemos igualmente que o lado luminoso e o lado sombrio de um ser humano se encontram próximos.

Essa sombra não pode ser trazida à luz, pois atua em nós como uma força apenas por estar velada. Só eventualmente, quando a situação exige, a sombra se manifesta e nos assusta e também os outros, pois nos parece tão irreverente e ameaçadora. Porém, é ela que causa o ponto de virada decisivo, não apenas define a luz, não somente a torna mais luminosa, mas aguça igualmente o seu contraste. Nesse sentido a sombra é parte imprescindível da luz, é a sua face velada.

C.G. Jung fala da sombra como a face obscura de nosso ser que se desvia da luz, face esta que preferimos ocultar ou negar e que não queremos admitir. Fazem parte dessa sombra o mal, a agressividade, o impulso assassino que habita em nós, também o instinto e tudo aquilo que se subtrai ao nosso controle, principalmente ao nosso controle moral.

Faz parte da sombra que desejamos proteger da luz, igualmente tudo aquilo que ameaça o nosso pertencimento a nossa família, também o pertencimento a outros grupos importantes ou pessoas em relação às quais nos percebemos dependentes e entregues. Porém, fazem parte da sombra também a nossa culpa pessoal e suas consequências.

Às vezes, no entanto, a sombra não se refere tanto a nós, mas mais àquilo que se propõe a ser luminoso, iluminado e especialmente bom. Então precisamos ocultar a luminosidade da sombra para que esta não a apague.

A sombra que pretendemos ocultar, à qual negamos o direito de pertencimento, da qual por vezes desejamos até nos livrar, muitas vezes não é algo individual. Essa sombra refere-se mais a pessoas do reino das sombras, do reino dos mortos, que foram esquecidas, ocultadas, negadas, julgadas e excluídas por nossa família. Trata-se frequentemente também de pessoas em relação às quais cometemos alguma falta. Elas se manifestam em nós a partir de nossa sombra, desejam ser consideradas por nós, acolhidas com amor, incluídas novamente na família, saudadas e recebidas como iguais. Por isso, se morrermos carregando essas sombras, sem as termos acolhido em vida, talvez não encontremos a paz até procurarmos e encontrarmos estas sombras no reino dos mortos como uma parte nossa, até nos unirmos e nos reconciliarmos com elas.

É claro que estas ideias são um tanto ousadas. Ninguém precisa considerá-las comprováveis ou até já comprovadas. Mas ajudam-nos a tornar essas conclusões posteriores desnecessárias, se abrirmos já agora, nesta vida, nas nossas sombras, nosso coração e nossa alma para os mortos do reino das sombras, permitindo sua entrada, recebendo- os como hóspedes longamente aguardados e permitindo que fiquem conosco o tempo que desejarem. Assim curamo-nos através de sua presença, tornamo-nos completos, inteiros, já os estimamos tanto aqui como após a nossa morte, lá seremos até

bem-vindos da mesma forma que os recebemos aqui e seremos conduzidos por eles e com eles até a verdadeira luz, a luz que brilha para nós como luz eterna.

O IGUAL

0 igual é diferente, caso contrário não seria possível fazer comparações. Apenas pessoas diferentes são iguais. Se não fossem diferentes uma das outras, não poderiam ser iguais. Por isso podemos reconhecer o outro como igual a nós se antes o percebermos e reconhecermos como alguém diferente de nós.

E, mesmo assim, algo atua em nós quando consideramos o outro igual e nos apresentamos a ele como igual e nos comportamos de acordo. À medida que nos reconhecemos mutuamente como iguais, honramos um ao outro, porém sem negar ou desistir de nossas diferenças. Aqui ser igual significa ser igual perante algo que nos transcende, por exemplo, perante a lei ou perante Deus. Significa igualmente que, no que se refere ao essencial, somos iguais para além de todas as diferenças externas e internas. Possuímos as mesmas necessidades básicas, por exemplo, em relação ao ar, ao alimento, ao afeto e à companhia de outras pessoas. Temos também as mesmas capacidades, por exemplo, de passar adiante a vida para os filhos. E, em muitos sentidos, encontramo-nos submetidos ao mesmo destino, por exemplo, através do nascimento e da morte.

Por isso, podemos estabelecer relacionamentos mais profundos com o outro como ser humano quando reconhecemos as diferenças dentro da igualdade e quando reconhecemos a igualdade através das diferenças.

Porém, como fica a questão do bom e do mau, da inocência e da culpa, dos agressores e das vítimas? São tão diferentes que acabam sendo iguais? O assim chamado Deus e o assim chamado Diabo também não são iguais? E a luz e a escuridão, a vida e a morte no fundo não acabam sendo iguais, de modo que apenas aparentam ser diferentes e opostos, porém, no final, acabam formando uma unidade indissolúvel?

Como poderíamos mudar nosso comportamento, como poderíamos amar de modo tão diverso, viver e morrer de forma tão diversa? E como poderíamos ser tão devotos se conseguíssemos permanecer serenos perante essas diferenças, tendo a coragem para concordar com a igualdade? E se conseguíssemos experimentar tudo, assim como é, como algo equivalente e amá-lo com o mesmo amor?

OS ASSASSINOS

Como alcanço a paz interna? Quando me coloco ao lado dos assassinos como um deles. Quando admito que lá no fundo somos parecidos e iguais. Então não terei mais que me defender internamente, como se fosse diferente ou melhor. Encaro a minha verdadeira face, meus pensamentos mais íntimos e meu temor mais profundo. Porque os encaro, a agressividade assassina dentro de mim se torna uma força serena. Ela continua perigosa

e por isso os outros continuam tendo medo de mim, mas ela não me assalta mais.

Posso freá-la assim como um cocheiro a seus cavalos, que fazem o trabalho árduo no seu lugar. Pois sem essa agressão assassina não há competição, sucesso e vitória. Não importa onde essa batalha ocorre: nas guerras pequenas ou amplas, na euforia em torno de ideais sublimes ou na traição, no engano e na calúnia, na moral ou na falta de moral, a serviço de Deus ou do lucro. A agressão assassina que, por trás destas motivações, procura destruir os outros velada ou abertamente, que procura tirá-los de seu caminho, apagá-los e exterminá-los é, na verdade, o sentimento original, a força motriz.

Então, por um lado não estou entregue a ela, e por outro ela está a meu serviço. Porém, não engano mais a mim nem aos outros. A arrogância termina quando não precisamos mais nos enganar mutuamente, pois ela também é uma variante da agressão assassina. Sabemos que ambos estamos ameaçados e ao mesmo tempo ameaçamos e encontramos caminhos para fazer um melhor uso dessa força, sem nenhuma arrogância. No entanto, isso é igualmente uma luta, pois sem esta força mesmo o bem e o amor se tornam fracos.

O que ocorre então com Deus e com nossas imagens de Deus? Nelas ele é o maior assassino, até mesmo o Deus do amor revela a maior força assassina.

Somos capazes de superar tais imagens? Será que as outras imagens que criamos a seu respeito não são apenas uma tentativa vã de banirmos o temor perante seus pensamentos e ameaças assassinas? Não podemos. Pois a vida é, em todas as suas manifestações, destruidora e, ao mesmo tempo, portadora de uma energia assassina.

A MORAL

Muitas vezes esconde-se por trás da moral uma verdade diametralmente oposta a ela ou então um anseio ou um desejo que não pode vir à luz. Porém, esta verdade e este anseio não podem ser totalmente ocultados e vêm à tona através da própria moral. Por isso essa moral é sempre uma moral dupla. A verdade recalcada ou rejeitada, os desejos ocultos e o anseio velado acabam transparecendo através dela. Dependendo das verdades ou dos desejos, que tanto se ocultam como se revelam através dela, essa moral nos parece diferente: por exemplo, mais próxima ou mais afastada, humana ou desumana, amável ou ameaçadora.

Por trás da moral que experimentamos como exigente, oculta-se muitas vezes o medo de sermos excluídos ou o desejo de pertencimento. Porém, aquele que fez de tudo para pertencer muitas vezes torna-se arrogante. Eleva-se através de sua moral sobre os outros, sente-se melhor do que eles, simultaneamente sente inveja e por isso os rejeita, de modo que no final alcança o oposto daquilo que desejava alcançar através de sua moral: os outros evitam-no e ele se torna solitário. Então fica zangado com aqueles que a seus olhos são menos moralistas ou imorais, deseja que sejam punidos, cultiva ideias invejosas em relação a eles e algumas vezes deseja inclusive exterminá-los. Por isso, são

principalmente as pessoas moralistas que cultivam relações de inimizade.

Frequentemente ocultam-se por trás da moral de uma pessoa também a falta de esperança e o desespero, pois parece que aquilo que mais deseja lhe é negado. Essas pessoas moralistas tendem a ser mais tristes do que maldosas, tendem a se sentir pequenas e não grandes. Elas também são solitárias, mas entregaram-se ao seu destino.

Existe, no entanto, uma moral totalmente diferente. Eu a chamo de segunda moral. Ao contrário da primeira moral, não necessita ocultar nada. Pois trata-se do amor em relação aos outros como são. Enquanto a primeira moral muitas vezes exclui, a segunda inclui. Enquanto a primeira moral diferencia entre certo e errado e entre bom e mau, a segunda abre mão destas diferenciações, pois vê em tudo primeiramente as semelhanças. Enquanto a primeira moral deseja corrigir, sendo assim a favor de um e contra o outro, a segunda moral está de acordo com tudo tal como é. Enquanto a primeira moral não se opõe somente a tudo aquilo que deseja corrigir, mas também àquilo que já corrigiu, a segunda moral permanece voltada para tudo, conectando aquilo que está separado.

A segunda moral inclui em seu amor também as pessoas que têm a primeira moral, pois reconhece sua necessidade e seu desespero. Contudo, ela não interfere, concede a cada um o seu espaço e lhe permite que siga seu caminho.

A moral tem a ver com a religião? Afirma-se frequentemente que a moral é protegida e resguardada pela religião. Naturalmente, a moral também tem a ver com a religião. Porém, apenas a segunda.

A CONTEMPLAÇÃO

O simples ato de contemplarmos algo, sem criar nenhuma imagem a seu respeito, sem desejar compreendê-lo ou avaliá-lo, sujeita-nos àquilo que contemplamos. Aquilo que é contemplado deste modo, assume a condução, porém não sabemos para onde. Através daquilo que contemplamos algo atua, algo de que o objeto contemplado depende. Este outro impõe-se, revela-se mais forte, faz com que fiquemos admirados e parados. Toma posse de nós e também nos assusta, pelo menos no início.

No entanto, quando assumimos uma posição frente àquilo que contemplamos, relacionando-o com outras questões, enquadrando-o com algo conhecido, ocorre o oposto. Com isso assumimos a condução, sujeitamos aquilo que contemplamos, assumimos secretamente o papel daquilo que atua através do que é contemplado, colocamo-nos no seu lugar e elevamo-nos tanto sobre aquilo que contemplamos como também sobre aquilo que nos toca e nos leva a refletir. Então, desse modo perdemos o acesso à realidade daquilo que contemplamos e o acesso às forças criativas a que estamos a serviço.

A contemplação humilde e paciente nos vincula mesmo quando questiona tanto aquilo que contemplamos como a nós mesmos. Então passamos a nos contemplar também dessa forma, somos tomados, experimentados e conduzidos por nós mesmos.

Essa contemplação é serena. Justamente por isso acaba revelando suas profundezas, sua força e também o mistério que nos ameaça. Nós nos expomos a ele tal como é, sem desejos e, por fim, sem medo. Pois tudo que contemplamos dessa forma nos conduz ao mesmo centro que tudo sustenta e tudo conduz. Esta contemplação transforma-se em oração.

A RETIRADA

Retirar-se pode ter vários sentidos. Aqui me refiro a uma retirada no sentido de uma realização. O essencial foi realizado, a tarefa central efetuada, a alma já se sente próxima de sua meta. Mas ela não foge. Pelo contrário. Permanece lá, porém, à distância. Está dedicada, mas ainda sem intervir. Observa de modo benevolente e sereno o mundo em ação, também os conflitos e a luta por soluções e o investimento em objetivos sublimes, algumas vezes acha graça de algo e descansa em si mesma. Necessita somente de pouco e de poucos, pois já se desapegou.

Desse modo ela empobrece? Não. Pelo contrário. Aquilo que ela deixou para trás, não se perdeu. Está presente, de forma pura e sem desejos. Alcançou o seu objetivo, está acolhido, aberto. Aquilo que foi deixado para trás é experimentado como plenitude, como felicidade, algo concluído e mesmo assim atua como uma força silenciosa. Esta retirada é rica. Abre a alma para compreensões que, na vida cotidiana, acabaram ficando no pano de fundo. Essas compreensões transformam experiências passadas que, mesmo imergindo, permanecem, mas agora de uma forma diferente.

Aquele que se retira deste modo, enquanto permanece, representa um ganho para muitos. Sua presença é benéfica. Os outros podem orientar-se a partir dele, sem que se sintam obrigados, pois em sua presença sentem-se livres.

Dizemos igualmente que Deus se retirou. Mas talvez justamente por isso ele seja aquele que realiza tudo de um modo especial e totalmente diverso, muito para além de nossas imagens e desejos. Somente a sua retirada nos torna receptíveis e preparados para o inacessível e o inominável.

A DESCONFIANÇA

Aquele que não consegue confiar, que cultiva a desconfiança em relação ao outro, espera que sua desconfiança seja confirmada. Mas é justamente essa desconfiança que provoca aquilo que teme que aconteça. Isso significa que aquilo que teme começa em sua própria alma. O outro que corresponde a nossa desconfiança, que inclusive vem ao nosso encontro, é atraído pela nossa desconfiança, entrando nessa esfera. Mesmo se desejasse comportar-se de forma diferente e o fizesse, encontraria dificuldades diante de nossa desconfiança.

O contrário da desconfiança seria a confiança. Ao invés de encarar o outro totalmente

armados, nós o encaramos de peito aberto, desarmados, presumindo e esperando coisas boas. Também aqui provocamos algo no outro. Ele deixa cair suas armas e entra na esfera de nossa confiança.

Algumas pessoas são ingênuas, crianças, por exemplo, até que as tornamos desconfiadas. Pois a desconfiança contamina. Muitas pessoas que antes eram ingênuas, tornam-se desconfiadas através de outras. A desconfiança atua como um veneno que empobrece e atrofia as relações humanas. É um veneno para o amor.

Quem cultiva a desconfiança em relação às outras pessoas, cultiva- a igualmente em relação à vida, ao destino e a Deus. Protege-se contra ela e justamente por isso atrai o que é nocivo. Respira aliviado quando é atingido, como se estivesse esperando por isso. Mas esse algo nocivo não o atinge de fora. Começou em sua própria alma. Sendo assim, a reviravolta em direção ao bem se inicia igualmente em sua alma.

De que forma? Através da confiança. Isso significa que esperamos algo bom dos outros e do nosso destino. Mas não de modo passivo. Caso contrário seriamos assim como os outros sem desconfiança e sem bondade. Nós, porém, desejamos de coração o bem aos outros, alegramo-nos quando vemos o bem entre eles, alegramo-nos com seu sucesso e sua felicidade. Isso nos deixa amáveis com eles. Assim como a desconfiança, essa confiança benevolente também contamina. Contamina inclusive o destino.

O SENTIDO

Quem pergunta pelo sentido, pergunta: para quê? Por exemplo: para que existo? Pergunta com isso pelo sentido de sua vida. Assim a vida só faria sentido a partir de um objetivo. Eu também posso questionar: aquilo que realizo em minha vida está a serviço de algo maior no futuro? Assim a minha vida teria sentido apenas se este objetivo fosse cumprido. Pois o resultado de uma ação é determinado pelo objetivo. Agimos porque queremos alcançar algo que ainda se encontra além de nós.

Porém, será esta a maneira de questionarmos o sentido da vida? Talvez nós sejamos o sentido da vida justamente porque vivemos. Estamos a serviço da vida à medida que vivemos. Pois de acordo com aquilo que nos é possível vivenciar, a vida tem apenas um sentido: o da continuação.

Realizamos o sentido da vida à medida que a protegemos, desenvolvemos, passamos adiante e finalmente, se a continuação de nossa vida obstruir o caminho de uma nova vida, cedemos serenamente nosso espaço a ela.

O INCOMPREENSÍVEL

Incompreensível é aquilo que se retrai quando pretendemos apanhá-lo ou compreendê-lo. Porém, apesar de se retrair, o incompreensível encontra-se muito próximo. Ele nos apanha e não nos larga mais. Somos atraídos por ele, sem que possamos alcançá-lo e

deste modo permanecemos dentro de sua esfera.

Mas este incompreensível, independente de quão grande, poderoso e, muitas vezes, aparentemente implacável, permanece voltado para nós. Somos tomados e simultaneamente sustentados por ele. Estamos em suas mãos e ao mesmo tempo nos sentimos acolhidos por ele. Desafia-nos, força-nos ao crescimento, permite-nos um amplo espaço e, de repente, nos impõe um limite. Joga conosco, mas jamais contra nós. Perante nós não é um igual, assim como o mar jamais pode ser um igual perante aquilo que nele se movimenta. É aquele que tudo abrange. Está presente, porém jamais será apossado por ninguém.

O incompreensível também somos nós mesmos. Somente quando permanecemos incompreensíveis para nós mesmos, quando todos aqueles que amamos e também aqueles que o nosso amor não é capaz de alcançar, nos são e permanecem incompreensíveis, tudo permanece grande. O incompreensível permanece misterioso, mesmo que possa ser pressentido naquilo que ainda pode ser revelado e realizado. Somos tomados por este incompreensível e apenas com ele nós nos encontramos.

A NOITE ESCURA

A noite escura é a noite divina. É a noite onde tudo que desejamos, esperamos, pensamos, intuímos, dizemos em relação a Deus e tudo que celebramos, agradecemos, louvamos e amamos se recolhe na escuridão. Tudo que fazemos em direção a Deus, a oração, a expiação, o sacrifício, a renúncia, as grandes obras e os cantos em louvor a ele de repente se tornam vazios, nulos, retira-se sem deixar nenhum rastro. Não se retira para longe, como se talvez quisesse voltar. Não. Dissolve-se. Tudo que permanece é algo próximo, humano, passageiro, algo que está sob ameaça e justo por isso torna-se infinitamente valioso.

Estamos perdidos quando estamos na noite escura? Não. Somente nela é que realmente existimos. E estamos estranhamente sóbrios, esclarecidos, íntegros, focados no presente, não somos mais seduzíveis por sonhos humanos, medos e ameaças.

Conseguimos ver além dos símbolos e imagens que nos são oferecidos para serem colocados no lugar de Deus; diferenciamos o que procura nos afastar da terra e da finitude na forma de substitutivos, consolos, ofertas sedutoras ou esperanças e permanecemos na escuridão, protegidos da luz brilhante que cega ao invés de revelar.

Somente na escuridão despertamos, surpreendentemente revigorados, firmes perante falsos símbolos, abertos e simultaneamente limitados em relação a tudo.

Nesta noite escura somos perpassados pela luz, purificados, belos, completos e, quando a escuridão se desfaz, vamos ao encontro dos outros de uma nova forma: próximos, mas centrados, conectados e ao mesmo tempo livres, dedicando-nos a tudo tal como é, a ele vinculados e abertos para tudo aquilo com que nos presenteia e que exige de nós.

E é na noite escura que conhecemos a alegria.

OS LIMITES

Quem chega aos seus limites, toma consciência de sua dependência de outras pessoas, das circunstâncias e do tempo que temos a nossa disposição. Os limites nos colocam em nosso devido lugar. Nossos planos exuberantes e nossas boas intenções que às vezes são um tanto pretensiosas, quando chegam no limite, revelam-se distantes da realidade e carentes da força necessária para a sua realização. Nos nossos limites tornamo-nos modestos e compassivos, desde que reconheçamos os nossos limites, submetendo-nos a eles.

Tornamo-nos *mais* ou *menos* perante os nossos limites? Aquilo ao que precisamos renunciar acaba se tornando uma bênção, quando renunciamos livre e espontaneamente, conscientes daquilo que é verdadeiramente possível para nós. Deste modo obtemos uma força especial, uma força que conquista os outros. Nos nossos limites crescemos através dos outros.

Inversamente, aquele que deseja ultrapassar seus limites fica cada vez mais fraco quando está além deles. Fica solitário, os outros o evitam e até chegam a lutar contra ele. Deste modo perde aquilo que desejava obter e, a longo prazo, perde inclusive aquilo que obteria se tivesse considerado e reconhecido os seus limites e parado perante eles.

Qual a melhor forma de reconhecermos nossos limites? Quando permanecemos em sintonia conosco, com nossas possibilidades e com as outras pessoas. Mas principalmente quando permanecemos em sintonia com o tempo limitado a nossa disposição. E também quando reconhecemos e respeitamos os limites de nossas ideias e nossos desejos. Pois são justo as nossas ideias que facilmente se tornam desmedidas e pretensiosas.

Nossas ideias sobre Deus ou sobre o divino ou sobre o sentido do mundo e da vida também fazem parte disso. Quem permanece dentro de seus limites, obtém força. Torna-se religioso, mais modesto e talvez mais substancial do que aqueles que compreendem ou talvez até possuam Deus e que desejam colocá-lo a seu serviço. Pois religiosidade

significa reconhecer a nossa própria impotência e nos submeter aos seus limites. É surpreendente, mas é justamente esta impotência que nos torna receptivos para o que há de essencial.

A HUMILDADE

Humilde é aquele que permanece dentro de seus limites. Por isso não ameaça os outros em seus limites. Eles sentem-se seguros em relação a ele e podem conviver com ele de igual para igual. Ao mesmo tempo a pessoa humilde protege seus limites contra invasores externos, coloca-os em seu devido lugar, humilha-os dessa forma até que estes acabam respeitando os limites dos outros, a partir do reconhecimento de seus

próprios limites. A pessoa humilde mantém o equilíbrio, não tenta diminuí-lo nem ultrapassá-lo. Também não avança, porque não irá tão longe, nem anda para trás porque não recua. Essa forma de humildade é forte e impõe respeito.

No fundo, humildade significa estar e permanecer em sintonia com os outros. A pessoa humilde não ultrapassa seus limites, por isso não se esgota. Permanece centrada e possui, quando exigida, a força necessária para a ação.

A humildade é irmã da sabedoria. Pois assim como a sabedoria, a humildade também é um filho da compreensão.

Podemos exercitar a humildade? E por onde devemos começar este exercício? Pelos pensamentos. Pois é justamente através dos pensamentos que ultrapassamos de modo leviano e muitas vezes arrogante os limites que nos foram impostos.

Onde se encontram os limites de nossos pensamentos? Dentro da realidade como ela se manifesta. Permanecer humilde em nossos pensamentos significa concentrarmos nossos pensamentos somente naquilo que é passível de ser experimentado e compreendido por nós. Por isso os pensamentos humildes permanecem sempre no presente. Aquele cujos pensamentos permanecem naquilo que está próximo, descobre o que, em ultima instância, a humildade exige de nós e qual a força que oferece e exige.

Encontra-se intimamente vinculado à humildade dos pensamentos, à humildade do desejo e do querer. Também aqui a pessoa humilde permanece dentro dos limites impostos a ela e desse modo recebe tudo o que pode ser obtido e alcançado dentro desses limites. Permanecendo dentro de seus limites pode manter aquilo que alcançou não precisando perdê-lo. A felicidade foge apenas daquele que comete excessos.

Quais são os nossos pensamentos e desejos mais exagerados? Com que pensamentos e desejos nos afastamos de nossa realidade e de seus limites? Com nossos pensamentos sobre Deus e nossos desejos de tomar posse e usufruir dele. A maior humildade é nos determos diante de nossos limites, suportando-os de coração aberto e sem nenhum desejo. Ela tem a maior força. Nós a experimentamos na forma da devoção.

A RESISTÊNCIA

A resistência fortalece e desafia. Esse tipo de resistência manifesta-se principalmente quando os poderosos abusam do poder. Por isso, a resistência parte, via de regra, de baixo. A resistência impõe um limite aos poderosos e ao seu poder.

Algumas vezes aquele que oferece resistência deseja obter o poder. Sendo assim, a sua resistência está a serviço de uma revolução que pode ser legítima ou não. Quando ela não é legítima, quando os meios que são investidos transcendem o estritamente necessário, também precisamos oferecer resistência a essa resistência.

Através da resistência inicia-se um jogo de forças que acaba levando ao equilíbrio no qual os dois partidos passam a se respeitar mutuamente, comprometendo-se um com o

outro, ou um dos dois partidos vence, submete e supera o outro, de modo que após um tempo a resistência inicia-se novamente contra o poder vitorioso.

Existe igualmente um jogo de poder entre pensamentos, ensinamentos, convicções ou "verdades" religiosas e um jogo de forças com o poder, que confia estes ensinamentos a determinadas pessoas ou associações. Por isso a resistência manifesta-se contra essas pessoas ou instituições, resistindo contra seus pensamentos ou ensinamentos e contra as "verdades" pregadas por elas. Por isso o confronto através dos pensamentos e, nesse sentido, a resistência contra determinadas ideias ou afirmações muitas vezes têm como pano de fundo questões ligadas ao poder e à política. Isso significa que um confronto aberto, quando ameaça também o poder, acaba sendo sufocado pelos poderosos. Quando o poder é suficientemente forte, este confronto é punido, algumas vezes até através da morte. Encontramos essa forma extrema de punição dos rebeldes que expressam a sua resistência através de suas ideias, naquelas ditaduras que buscam também impor uma visão de mundo como o nacional-socialismo e o comunismo. Antigamente a perseguição daqueles que pensavam de modo diferente também acontecia no Cristianismo, continuando no presente, porém de forma mais amena. Atualmente continua presente no Islamismo. Por isso, uma revolução começa principalmente através de novas ideias e convicções que buscam impor-se em relação a ideias e convicções anteriores.

O Iluminismo e suas novas ideias podem ser considerados uma revolução pacífica. Ele questionou muitas convicções e dogmas religiosos, desmascarando a sua inconsistência perante certas experiências e perante a razão, enfraquecendo desse modo decididamente o poder da Igreja. Em muitas nações, através do Iluminismo, a liberdade de pensamento acabou sendo reconhecida como direito humano básico.

Porém, a luta pela hegemonia das próprias ideias e convicções ainda continua em outro âmbito. Assim como a vigilância, a perseguição e a difamação daqueles que pensam de forma diferente.

O maior desejo de poder que existe por trás de certas ideias se revela através da afirmação de que elas provêm de Deus, de que aqueles que as pregam, as pregam em nome de Deus, que aqueles que as defendem, as defendem em nome de Deus e que podem condenar e perseguir em nome de Deus aqueles que delas desviam ou as questionam. Por isso, aquele que propaga essas ideias acaba se colocando no lugar de Deus e aquele que persegue aqueles que dela se desviam, os persegue em nome de Deus. Sendo assim, a resistência contra essas ideias ou a tentativa de desmascarar a sua origem com a ajuda do Iluminismo não é somente a resistência contra o seu pregador. É, principalmente, a resistência contra o seu Deus.

Porém, trata-se de resistência contra que Deus? Por vezes dizemos que as imagens que fazemos de Deus são antropomorfas. Isso significa que mostram Deus como uma figura humanizada. Também os pregadores de sua "verdade" em seu nome, mostram Deus como uma figura humana, por exemplo como ciumento, vingativo e punitivo. Mas de que figura se trata na realidade? Ela se opõe não somente à natureza divina, mas igualmente à

natureza humana.

Quem teme esse Deus e por isso não tem a coragem de se opor a ele e àqueles que o pregam acaba também sem coragem de discernir entre as doutrinas que correspondem ou não à experiência e razão humanas.

Felizmente existe uma frase atribuída a Deus, como é anunciada pelo Cristianismo, que coloca os próprios pregadores em seu devido lugar. Essa frase se encontra tanto no Antigo como no Novo Testamento:

"Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o Senhor. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei. (Jr. 31,33-34; Heb. 10,17)"

"O CENTRO QUE TUDO TRANSCENDE"

A DÚVIDA

Estar em dúvida significa que não tenho certeza. Por exemplo, não tenho certeza se uma afirmação ou declaração, uma compreensão ou reconhecimento estão corretos, se correspondem a um fato ou são apenas provisória e parcialmente corretos ou até mesmo errados. Também não posso ter certeza de que as pessoas que afirmam ou declaram algo estejam falando a verdade ou se estão me enganando, prejudicando ou querendo exercer algum poder sobre mim.

Às vezes tenho dúvidas a respeito de mim mesmo, me pergunto se me enganei, se uma decisão ou um modo de proceder foi correto e se estou no caminho certo para alcançar o que busco.

Qual é o efeito da dúvida? Ela faz com que eu verifique algo com mais cuidado, que me detenha por um primeiro momento antes de definir o próximo passo, buscando alternativas e comparando-as entre si. Assim, a dúvida me torna cauteloso e me impede de avançar demais na direção errada.

Quando tenho uma dúvida procuro critérios que me ajudem a tomar a decisão correta e a me certificar se algo é verdadeiro ou se devo ou não acreditar em uma certa pessoa.

Através do efeito de determinadas situações, frequentemente é possível verificar até que ponto essas dúvidas são verdadeiras ou úteis, embora nem sempre seja possível fazer uma verificação precisa.

Muitas coisas permanecem veladas e somos capazes de perceber apenas seu efeito. Também posso verificar em mim mesmo se é importante para mim que eu saiba algo, que tenha um conhecimento exato de uma situação ou se isso poderia me causar algum mal, principalmente em um relacionamento. Por exemplo, no relacionamento entre pais e filhos, quando os pais investigam demais a vida dos filhos. Pois, quando a dúvida cresce exageradamente, ela se transforma em desconfiança. Quando essa desconfiança é percebida, isso faz com que se esconda ainda mais as coisas.

A dúvida é apropriada principalmente quando alguém quer converter os outros. Converter a quê? A uma verdade ou a si mesmo? Em situações onde sentimos zelo, não se trata mais da verdade e sim do poder. Assim, é importante ser cauteloso e encontrar estratégias capazes de ajudar-nos a nos afastar ao máximo desse poder. E acima de tudo, devemos tomar cuidado para não querer, nós mesmos, converter ninguém.

Alguns duvidam de Deus. De verdade? Será que é possível duvidar dele? Ou será que duvidamos daquilo que as pessoas dizem sobre ele, como se soubessem algo sobre ele? Talvez até seja assim: quanto mais duvidamos daquilo que é pensado e dito sobre ele, mais honramos a ele, se é que ele realmente existe. Quando duvidamos até mesmo de sua existência ou desconsideramos qualquer forma de conhecimento sobre ele, sem contudo duvidar dele, ficamos abertos e amplos perante o mundo que nos é revelado. Experimentamo-nos totalmente direcionados a ele, voltados a ele, porém no nosso centro. Dessa maneira, encontramos o caminho para uma devoção que nos sintoniza

profundamente com aquilo que está ausente. Essa devoção é ao mesmo tempo entrega e veneração e está além de qualquer dúvida – vazia.

A PUREZA

Pureza significa purificado. Algo está puro quando lhe é retirado algo, algo que não lhe pertence. E o que não lhe pertence? Algo estranho que se mistura com sua verdadeira essência, deixando-a impura, deixando-a incapaz, retirando sua beleza e seu valor.

Nossos pensamentos e nossas palavras podem ser puros assim como nossas intenções e nossas metas. Nosso amor e nossas ações também podem ser puros. Acima de tudo nós mesmos podemos ser puros.

Perante quem podemos ser puros? Podemos ser puros perante outros seres humanos, perante nós mesmos, também perante Deus.

O que significa ser impuro perante Deus? Primeiro, não pensarmos nele. Cada pensamento a respeito dele, por ser um pensamento humano, retira dele a sua unicidade, é arrogância perante ele.

Receio que com estes pensamentos eu mesmo me tornei impuro, pois como um pensamento poderia alcançar Deus ou afetá-lo? Por isso, pensamos de modo impuro quando refletimos a seu respeito ou temos qualquer tipo de pensamento sobre ele. A pureza libera esses dois tipos de pensamento. Em relação a Deus ela é, em todos os sentidos, desprovida de pensamentos.

Além do mais corremos mais perigo de nos tornarmos impuros ao falar de Deus quando o tratamos como se fossemos amigos íntimos ou quando pretendemos ser seu servidor ou escolhido por ele ou até mesmo seus mensageiros e representantes. Que escuridão precisa residir em uma alma, que possui tal ousadia, e que escuridão nas almas daqueles que os ouvem e acreditam neles?

Aqui também estou falando novamente de forma impura, como se eu mesmo estivesse a serviço de Deus e por isso devesse alertar os outros. Se Deus existe, não há nada que possa nos afastar dele e tampouco nos levar a ele como se ele estivesse sentado em algum lugar fixo e pudéssemos nos aproximar ou nos distanciar dele. Isso também é um pensamento impuro.

Então como é possível ser puro perante Deus, sem pensar nele, sem esperar algo dele, sem usar seu nome? Da mesma forma como quando ocorre a purificação. Nós nos desprendemos de tudo o máximo possível. Nós nos desprendemos de tudo através do recolhimento e ficamos vazios.

Contudo, conseguimos isso somente em parte através do próprio exercício. Pois isso também é perante Deus — aliás, posso usar realmente essa palavra aqui? — impuro. A purificação que nos ilumina até que estejamos realmente puros, só pode vir dele, sem que saibamos ou possamos denominá-la. Contudo, temos a sensação dolorida de que

algo nos controla, algo contra o qual não podemos lutar, mas, no final, nós nos reencontramos de uma forma que não podemos compreender, relaxados e puros. Tão puros que até podemos nos desprender de Deus. Contudo centrados, despertos, sem medo, voltados a tudo como é, sem nos prender a nada e com isso prontos para o oculto e o Último, impalpável para nós.

A CAMINHO

Estar a caminho geralmente significa estar a caminho em direção a um objetivo. Mesmo parados estamos a caminho, até mesmo quando estamos no nosso centro. Pois, na medida em que tudo em nosso corpo está constantemente a caminho, na troca, no crescimento, na renovação contínua, nossa alma também está a caminho num movimento contínuo de busca. Pois, mesmo quando estamos parados, estamos direcionados para algo e temos expectativas.

Nada pode nos impedir de estar sempre a caminho. Porém a questão é: de que maneira estamos a caminho e em que direção? Algumas pessoas estão a caminho sem um objetivo. Vagam pelo espaço pois perderam a direção. Procuram mas não encontram. Outros chegam até a definir objetivos e procuram por eles; porém, ao alcançá-los, permanecem inquietos e continuam na busca.

Estranhamente atingimos a tranquilidade, mesmo estando em busca de algo, através da sintonia. Quando estamos em sintonia não existem objetivos distantes, mas apenas objetivos próximos. Quando estamos em sintonia, caminhamos do próximo ao próximo, com a certeza de alcançar aquele objetivo que no nosso íntimo sabemos que é o mais próximo. Portanto, quando estamos em sintonia, movimentamo-nos com calma, sem pressa. Somente quando determinadas circunstâncias exigem uma ação rápida, reagimos com rapidez, em sintonia, prontos para ações e decisões essenciais.

Assim como tudo que surge, cresce e perece, a vida também está a caminho. À primeira vista parece que a vida caminha em direção à morte. Porém, só à primeira vista, pois a vida realizou muitas coisas durante o seu caminho, por exemplo, procriou-se. E até quando isso não ocorreu, influenciou outra vida, esteve a seu serviço ou a prejudicou. Assim, quando uma vida individual termina, mesmo assim gerou ou influenciou outras que continuam a existir e agir, mesmo após o seu término. Também não sabemos se nossas vidas realmente alcançam seu objetivo final com a morte. Talvez ainda estejamos a caminho depois dela.

Muitos dizem que estamos a caminho de Deus. Podemos dizer isso? Então Deus estaria distante de nós e estaríamos sem ele nessa caminhada. Outros dizem que estão a caminho de seu verdadeiro ser. Mas onde está esse verdadeiro ser durante a caminhada? Aqui também fica a pergunta: o que está a caminho senão o próprio ser?

Imagino que seja algo assim quando alguém diz estar a caminho de Deus. Talvez aqui já tenhamos chegado ao lugar para onde nosso caminho nos leva. Quando estamos a

caminho, já estamos no fim.

DESPRENDIDO

Quando me desprendo de algo, estou mais próximo ou mais distante? Depende do meu desprendimento. Isto vale principalmente para nossos relacionamentos com outras pessoas. Quando me desprendo de alguém libero essa pessoa de mim. Isso significa, por exemplo, que não exijo mais nada dessa pessoa. É uma boa maneira de filhos se desprenderem de seus pais.

0 mesmo ocorre quando me desprendo de objetos, tarefas ou de uma propriedade. A partir do momento em que me desprendo dos mesmos, eles podem pertencer a outra pessoa. Esse objeto, tarefa ou propriedade, no entanto, devem de fato estar livres de mim. Isto é, sem nenhuma carga minha. Caso contrário, não estarei desprendido de forma alguma daquilo que estou liberando e uma outra pessoa não poderá tomá-lo de mim de maneira desprendida.

Por que digo isso? Porque, muitas vezes, estamos muito mais profundamente presos a coisas que nos rodeiam do que imaginamos e gostaríamos. Tudo que já pertenceu a alguém permanece vinculado a essa pessoa. Assim, existe uma grande diferença entre mudar para uma casa antiga ou uma casa nova, pisar numa igreja antiga, numa cidade antiga ou numa nova. Às vezes, o velho esconde algo bom, outras, algo pesado. Às vezes, o antigo é cheio, outras vezes, vazio. Então estamos ligados a algo antigo de uma forma que não podemos definir, porém sentimos. Pois o antigo nos faz exigências que temos que cumprir se quisermos possuí-lo, diferentemente em relação, por exemplo, a algo novo.

Aqui também podemos perguntar: por que digo isso? Pois algo parecido acontece com pensamentos antigos, principalmente com pensamentos antigos sobre Deus. Neste contexto, Jesus utiliza a imagem do vinho velho em odres novos. Tem um gosto particularmente doce, mas já não fermenta mais.

Devemos nos desprender desses pensamentos antigos? Temos permissão para isso? Mas o que acontece se o próprio Deus já tiver se desprendido desses pensamentos antigos e nós, com nossos pensamentos antigos sobre ele, permanecermos sem ele? Então não deveríamos nos desprender completamente de muitos pensamentos antigos para não perdermos a conexão com ele?

Talvez a solução vá ainda mais além. Não devemos nos desprender também dos pensamentos novos que temos sobre ele e até dele próprio? Só assim estaríamos totalmente desprendidos dele e talvez verdadeiramente próximos a ele.

IMPORTANTE

Importante é o que tem peso, que pesa de tal maneira sobre nós que temos que fazer

algo para nos aliviarmos. Às vezes, o peso é tanto que não permite adiamento, por exemplo, tratando-se de necessidades físicas urgentes. Então algo tem tamanha importância que prevalece sobre todo o resto e, em primeira instância, aquilo que serve à sobrevivência.

Às vezes atribuímos importância a algo, mesmo que isso não tenha importância e peso. E então dizemos a nós mesmos e também a outros: não dê tanta importância a isso. Nunca diríamos isso ao se tratar da fome, da sede ou da necessidade de aliviar-se. Aqui sabemos o que é importante e o que é primordial.

Às vezes atribuímos importância a nós mesmos e vemos isso também em outros. Principalmente as crianças se dão importância e dessa maneira conquistam um lugar. Por esse motivo é importante para elas que atribuam a si mesmas a devida importância.

Às vezes também como adultos temos que nos dar a importância que corresponde ao nosso peso dentro de um grupo e, na mesma medida, temos que atribuir aos outros a importância de acordo com o seu peso.

Pessoas diferenciam-se de acordo com o seu peso. De acordo com o peso que lhes é atribuído pessoalmente, por exemplo, através de sua idade, experiência, através do seu conhecimento e das suas conquistas e através do peso que lhes é atribuído de acordo com a responsabilidade que assumem por outros. Nessa medida cada indivíduo deve se atribuir a devida importância assim como aos outros, de acordo com o seu peso. Através desse ato de atribuir-se a devida importância, respeito a minha dignidade assim como a do outro. Quem se comporta de maneira indigna em relação a si próprio e aos outros normalmente possui pouco peso próprio.

Somos importantes diante de Deus também? Talvez aqui também seja válido que sejamos importantes diante dele na medida em que ele é importante para nós e nós o honramos. É claro que são afirmações ousadas, pois insinuam que Deus comporta-se de maneira similar ao ser humano e que nós podemos nos comportar de maneira similar a ele como se ele fosse um ser humano. No entanto ganhamos em peso próprio, se ele for importante para nós, porém sem atribuirmos importância a nós mesmos diante dele, muito menos sem nos fazermos de importantes.

Por mais paradoxal que seja, atribuímos importância a Deus na medida em que reconhecemos que ele é inacessível para nós. Que o Último ao que às vezes atribuímos esse nome é tão inacessível para nós, que temos que reconhecer que não sabemos nem mesmo se ele existe, pelo menos não da maneira como podemos imaginar. Neste caso estaríamos reduzidos a nossa medida humana diante dele e somente assim abertos para o impalpável.

Ainda assim sentimos que em todos os lugares atuam forças criativas. Forças que não captamos, mas que nos colocam e mantém em movimento, sem sabermos como. Por todas as partes encontramos mistérios que nos surpreendem – se nos abrirmos a isso. Assim sendo, estando abertos para esses mistérios, temos que nos comportar de tal forma como se existisse por trás de tudo uma força condutora e criativa, mesmo que

totalmente inacessível a nossa compreensão. Atribuir-lhe importância, submetendo-se a essa força com amor e humildade a torna importante para nós e nos torna importantes através dela.

Importante diante de quê? Diante de tudo e todos que encontramos. Pois dessa forma damos tal importância àquilo que poderíamos denominar de Deus, dentro de nós e nós dentro dele, que tudo alcança o equilíbrio de acordo com seu devido peso especial.

O PRETEXTO

O pretexto encobre e desvia do essencial impedindo que coloquemos o foco nele. Através de um pretexto também adiamos algo pendente ou buscamos o consentimento para uma ação que outros não nos dariam se soubessem das nossas reais intenções. Mas normalmente trata-se de pretextos inofensivos. E assim sendo são reconhecidos e tolerados, pois muitas vezes têm o caráter de um jogo que não é levado a sério por nenhum dos dois lados.

Quando se trata do essencial é diferente. Rilke diz na 4ª. Elegia de Duíno: "Vê: os moribundos não mais suspeitariam que tudo é apenas pretexto, o que aqui fazemos?" Aqui pretexto significa que levamos algo a sério e que talvez procuremos realizá-lo a partir de um grande esforço pessoal, mesmo que isso se revele como nada no final.

Mas o maior pretexto imaginável, por trás do qual frequentemente se esconde o pior de tudo, o mais desumano e mais fútil, é aquele em nome de Deus. Naturalmente não o divino, da maneira como se mantém velado a nós e se esquiva das nossas exigências, mas ao Deus da maneira como é proclamado e em cujo nome muitas pessoas são seduzidas a restringir suas vidas e exercer atividades fúteis, com o pretexto de que isso seria o desejo de Deus e que essas ações as aproximariam dele. Porém como se sentem quando se revela que esse Deus talvez não exista, que ele é apenas um pretexto? E mesmo que os indícios em relação ao seu amor, seu desejo, seu tribunal de justiça, nossa predestinação ou nosso repúdio através dele sejam somente pretextos que apenas devem levar a algo que no final não é apenas nulo, mas também leva a algo desumano e ao infortúnio?

Como podemos nos defender desse pretexto e como nos livrar dele? Na medida em que percebemos que são nulos, nulos como tudo aquilo que se diz em relação ao divino, sobre o qual ninguém pode dizer nada, a não ser com um pretexto. Por exemplo, que ele se revelou e proclamou seu desejo através de seres humanos. Mas acima de tudo podemos nos desviar dessa reivindicação de tais pretextos quando permanecemos naquilo que a vida tanto nos presenteia como exige de nós de esforço. Senão em que lugar o divino poderia estar mais próximo a não ser na plenitude da vida, da vida terrestre, incluindo a concordância com o seu final na morte? A morte certamente não é nenhum pretexto. É a última experiência real que podemos vivenciar na vida.

Quais são as consequências dessas reflexões? Viver a vida em sua plenitude. Como

podemos fazer isso? Abrindo espaço ao divino como força criativa, na realização diária da vida, vivendo a nossa vida, sem nos deixarmos desviar de nossa presença pura, enquanto nos é presenteada.

"QUE SE FAÇA A LUZ"

Quando Deus disse: "que se faça a luz", ele mesmo ficou na escuridão. Na verdade na Bíblia se diz dele também: "Ele mora numa luz inacessível", mas essa luz inacessível permanece na escuridão para nós.

Deus ou o divino, a força criativa oculta que atua por trás de todo ser está na escuridão e permanece na escuridão para nós. Nenhum pensamento e nenhum desejo poderão trazê-lo à luz de maneira que possamos vê-lo. Através da escuridão ele se oculta e nos coloca em nossos limites. Sim, até a sua luz fica na escuridão porque nos cega.

No entanto, aquilo que está por trás de toda existência e atua e nunca descansa e que se revela como força criativa contínua não pode estar tão distante de nós. Muito pelo contrário: nada poderia estar tão próximo de nós. Mas, apesar dessa proximidade, da qual não podemos nos subtrair, nada é mais escuro e nada mais distante para nós do que essa força inesgotável. Porém ela apenas está distante do nosso entendimento. Na realidade nada pode estar tão perto de nós como ela. Tão perto que não podemos nos diferenciar dela, mesmo se quiséssemos.

Se formos chegar ao fim de nossos pensamentos, de repente saberemos que somos inesgotáveis, entretanto, sem podermos dispor dessa força. Nós nos dissolvemos em algo inesgotável e dessa forma chegamos ao nosso próprio ser.

O que é esse próprio ser? Ele não é mais distinto do divino, é equivalente a ele, mas sem sua própria vontade e sem sua própria força.

É abarcado e direcionado totalmente por ele, como se ele mesmo se dissolvesse. Entretanto, o próprio ser permanece ainda em si, sabe que é diferente do divino. Tão diferente que ao mesmo tempo se dissolve nele.

EFÊMERO

Tudo na vida é efêmero, entretanto, apenas como uma manifestação individual. A vida como um todo continua, pelo menos por um longo tempo e não podemos prever seu fim. Porém, sobretudo nós mesmos somos indivíduos efêmeros e não apenas na morte, mas diariamente. Em cada segundo algo passa para nós. Por isso não somos efêmeros apenas através de nossa morte, mas vivemos de modo efêmero. Contudo, na efemeridade algo novo se anuncia, simultaneamente, entrando no lugar daquilo que passa.

Nossos pensamentos também são passageiros e por isso cada um se orgulha deles. Eles também cedem lugar a coisas novas e a outros pensamentos.

Somos também efêmeros perante Deus, perante a força criativa, cujo efeito percebemos em tudo sem que possamos apreendê-lo. Em relação a essa força, o que será de nós no final nos permanece indecifrável. Mas podemos perceber o que acontece dentro de nós, se nos deixarmos levar pelos efeitos da efemeridade, ao concordarmos com ela, a cada instante.

Quanto mais concordarmos com essa efemeridade, vivendo-a ao mesmo tempo, tanto mais forte atuará em nós um outro algo que se serve de nós, até que sejamos uma unidade com ele e, não importa o que aconteça conosco, nós a experimentamos como algo permanente já mesmo antes de nosso fim.

O SILÊNCIO

"O sol soa de uma forma antiga", cantam os anjos no Fausto de Goethe. Entretanto, o universo está totalmente silencioso. Mesmo a assim denominada grande explosão se realizou em total silêncio. Na verdade, primeiro ouvimos com nossos ouvidos, mas também podemos ouvir em total silêncio. Por exemplo, Beethoven compôs sua última música partindo puramente do silêncio, sem poder ouvi-la. Portanto, o espírito também ouve, sem ouvir. Ele vê sem ver e percebe sem sentir.

Por isso existe um reconhecimento no silêncio total. Sim, quanto maior, puro e espiritual algo for, tanto mais ficaremos em silêncio e tanto mais silenciosos precisaremos ficar para percebê-lo realmente.

No silêncio captamos mais coisas simultaneamente, concentrados em direção ao essencial, experimentando dessa forma o essencial em sua densa totalidade. Entretanto, sem que possamos denominá-lo ou compreendê-lo. Está presente no silêncio, mas de uma forma que estamos dentro dele, junto com ele.

Aqui experimentamos a unidade como um todo, sem nos perdermos, entramos nele e nos encontramos. Talvez essa seja a experiência mais próxima à experiência de Deus.

"QUEM VIVE ENTÃO? DEUS, VOCÊ VIVE – A VIDA?"

QUERIDO CORPO

"Querido corpo", posso dizer isso? Você me pertence? Posso tratá-lo assim de forma tão íntima?

Obviamente você pertence a um outro senhor. Não é assim, que você está a serviço de uma outra coisa, que dispõe de você — de você e também de mim? Então, como posso ousar chamar você de "meu"? Não seria o contrário? Para estar junto a você com amor, não deveria lhe pedir que me chamasse de seu? Que me mostrasse o caminho? Que me conduzisse ao seu senhor? Que se curvasse comigo perante ele? Que se entregasse comigo a ele, mostrando submissão?

Dessa forma seu senhor falaria comigo através de você. Quando você fala comigo, eu o ouço. Eu o ouço quando você me adverte e talvez me chame à razão através de dores, de volta ao respeito e ao reconhecimento de minha impotência perante você e seu senhor.

"Querido corpo". É como se estivesse dizendo "Querida mamãe" ou "Querido papai" ou "Querido Deus". Só posso dizer isso com devoção e com confiança, com gratidão, com amor sem reivindicação, com amor que se entrega.

A TERRA

A terra sustenta. A terra nutre. Ela é a mãe da vida. Tudo provém dela e tudo retorna a ela.

Tudo aquilo que atribuímos a Deus podemos e devemos dizer em relação à terra. Sim, vivenciamos a vida, em primeiro lugar, através da terra. Não poderíamos dizê-lo se não soubéssemos disso através dela. Quem honra a Deus, precisa, em primeira instância, honrar a terra. Talvez não exista nenhum Deus senão a terra.

Estranhamente, quando nos curvamos perante Deus, nos curvamos em direção à terra. Aqui nós o encontramos e o honramos.

Então, o que significa realmente dedicado a Deus? É estar dedicado à terra e à vida, mas não de forma superficial. Pois a terra e tudo que nela vive são um mistério. Somente quando nós nos curvamos também perante este mistério, nos curvamos perante a terra. Somente quando deixamos esse mistério em suas mãos, a terra nos tem e nós a temos.

O AMOR QUE PERMANECE

"Permaneça no amor!", algumas vezes nos advertem dessa maneira. Mas, afinal, o que significa permanecer no amor? Se esse amor é um amor verdadeiro, então é um amor que inclui tudo, um amor cósmico, no qual tudo pode estar presente na própria alma como é, de forma que nela nada é maior ou menor, melhor ou pior.

Esse amor é amor à existência como um todo. É a despedida do amor estreito, que nos

liga a determinadas pessoas; por exemplo, aos nossos pais, aos nossos parceiros amorosos e aos nossos filhos. Isso não significa que nós nos separemos deles, pois eles também pertencem ao todo. Eles preenchem nossa vida e nosso espaço de tempo na vida. Contudo, nesse amor ultrapassamos os laços do vínculo. Ele não nos separa mais de outros seres humanos, da natureza e do mundo, no qual estamos presentes com todos os outros, da mesma maneira.

Qual é o efeito desse amor abrangente em nossa vida? Deixamos o que é, da maneira que é. Concordamos com isso, tal como é. Concordamos também com a luta, com os opostos e com a luta pelo próprio lugar. E concordamos com a vitória de um e a derrota do outro. Tudo que existe da maneira que é, permanece em nosso amor: as forças construtivas e destrutivas, a felicidade e a infelicidade, a vida e a morte, aquilo que passou, aquilo que virá, não importando de que forma virá.

Este amor não interfere. Deixa o mundo seguir seu curso. Deixa o destino de cada indivíduo seguir seu curso e também o nosso próprio destino, pois está em sintonia, concordando com ele e permanecendo no amor com todos.

Ao mesmo tempo, esse amor se deixa envolver no acontecimento, é ativo, atua também na luta pelo próprio lugar, na ajuda e na rejeição, atua na vida como ela é para mim e para os outros, cada um entregue ao próprio destino e em sintonia com ele, deixando os outros com seus destinos e submetendo-se aos destinos deles, tanto quanto ao meu.

Este amor é amplo. É sereno, mas mesmo assim ativo. Ele é amigo de todos e quando necessário é também inimigo. Ele é pleno.

Ele é religioso também. Pois é devoção ao todo como é, sustentado por ele, amando-o tal como é e como se apresenta. Quem permanece dessa maneira no todo tal como é, dedicado a ele com sua total existência, permanece também no amor e está no amor que permanece.

O CENTRO

0 centro é o ponto de orientação de tudo aquilo que acontece ao seu redor. É como a força da gravidade que atrai as partes externas para si, não importando para que direção queiram ir. O centro segura tudo. Nada pode escapar porque no final tudo descansará no centro e saberá que está no lugar certo, seguro.

Experimentamos a força do centro e sua atração quando estamos no nosso centro. Somente nele somos únicos, dedicados e conectados com todos, no entanto, permanecendo distintos. Neste estado de centramento, quando nos percebemos e nos respeitamos mutuamente, estamos intimamente ligados uns aos outros e simultaneamente independentes e livres uns dos outros. Quando empreendemos algo, a força desse centramento conjunto atrai outras pessoas e outras coisas, fica poderosa como um rio que acolhe muitos riachos e flui para um centro maior que reúne cada um de nós para algo maior, no qual se perde e se reencontra ao mesmo tempo.

Será que existe um último centro, no qual tudo se reúne, que atrai tudo para si, que não é estranho e distante para ninguém? Talvez seja esse o nosso desejo de atingirmos a paz e a realização, contudo não sabemos de que forma.

No entanto, o centramento que vivenciamos aqui e agora, que experimentamos em relação a algo maior e total é suficiente. A expectativa de alcançar este centro em um outro nível de experiência não acrescenta nada ao que já foi vivenciado. Muito pelo contrário, se permanecermos na experiência centrada, sem querer ultrapassá-la, estaremos abertos para aquilo que talvez ainda nos atraia para si. Este centramento é escuro e puro.

O CÉU

0 céu, o que é o céu? 0 céu existe realmente? Muitas pessoas acreditam no céu, mas não sabemos se ele realmente existe. No entanto, talvez possamos ter uma experiência humana do céu. Os anseios que sentimos em relação ao céu talvez encontrem sua meta aqui na terra.

O que acontece quando nós nos entregamos a esses anseios que temos em relação ao céu? Nós o ouvimos à distância, bem longe. Espreitamos à distância para ver se talvez possamos perceber algo. Nessa espreita estamos totalmente centrados. Percebemos *algo – sem o uso* de palavras — e talvez olhemos não para o próximo, mas para o distante, expondo-nos simultaneamente ao amplo e distante.

Com essa espécie de atenção, não podemos identificar nada com precisão, mas nosso olhar e nossos ouvidos estão abertos para uma dimensão maior. Nós nos afastamos de nós mesmos e estamos em sintonia com algo maior e desconhecido.

Existe uma palavra para esta dimensão maior que abrange totalmente o sentido dessa experiência: é o nada. Tudo que existe está rodeado pelo nada. Tudo aquilo que conhecemos e existe está limitado — em relação a quê? Em relação a um nada. O nada comparado ao ser é infinito.

Para nos expormos a este nada, nos tomamos semelhantes a ele. Isso significa que ficamos amplos e de certa maneira também infinitos. Quando nos expomos ao nada, quando estendemos nossos ouvidos e quando olhamos para a distância, incluindo o todo nos nossos sentimentos, ficamos mais próximos ao nada, até que ele nos preenche, mesmo que isso nos soe estranho. Nessa ação e não ação abre-se a experiência do céu.

DEVOÇÃO

Quando dizemos devoção, temos a ideia de que estamos nos entregando a uma pessoa ou a uma causa e nós a temos em nossas mãos. Mas isto é apenas um lado da devoção. Nós nos dedicamos a algo, por exemplo, a uma causa, a um ser humano, a uma tarefa ou a uma esperança, a um sonho, a um impulso interno, a um ideal, porque nos sentimos

atraídos por isso. Quanto mais profunda a devoção tanto mais nos sentiremos atraídos, por exemplo, no caso do amor. “Ela o atraía parcialmente, ele afundava parcialmente”, é o que se diz na Lorelei[1], quando ela atraía o marinheiro para o fundo do mar; no entanto, aqui para a desgraça dele.

A devoção maior é centrada e desperta. É a realização completa da presença. Quando essa devoção é recíproca, por exemplo, quando o homem e a mulher se unem para uma realização de uma vida em comum, crescem, ao mesmo tempo, para além de si mesmos, a uma devoção conjunta mais abrangente, a devoção à vida em sua plenitude.

A devoção, em primeira instância, é a mais profunda devoção à vida, a vida que foi transmitida pelos nossos pais e como ela se apossou de nós e nos colocou a seu serviço através deles. Contudo, não é toda pessoa que vive que já tem a sua vida. Somente torna-se sua vida, entregando-se a ela, com amor, da maneira como a recebeu. Nós possuímos a vida em sua plenitude apenas através da medida de nossa entrega a ela.

Por isso, devoção à vida significa, para cada indivíduo, a devoção a tudo que está conectado a ele. Isto é, em primeiro lugar, a devoção aos nossos pais, à nossa família, às circunstâncias de nossa vida, como nos foi transmitida por esses pais e por essa família. Também a devoção a tudo o que essa vida nos presenteou e o que ela exige de nós para que possa se desenvolver. Portanto, a devoção a tudo que nutre a nossa vida, deixando-a enriquecer.

Aqui devoção significa o amor à vida em sua plenitude. Significa também a devoção e o amor à vida no aqui e agora, neste instante.

Qual é a maneira mais leve e mais bela para se conseguir essa devoção? Quando nos alegramos com essa vida no aqui e no agora. Devoção verdadeira é devoção com amor e alegria.

Essa devoção continua no encontro entre seres humanos, principalmente, é claro, no encontro amoroso entre o homem e a mulher. Em nenhum outro lugar a atração e devoção recíprocas são vivenciadas de maneira mais profunda e abrangente. A fusão na consumação do amor é, ao mesmo tempo, a mais profunda realização da vida.

Na dedicação à vida, sobretudo na realização do amor entre o homem e a mulher, entregamo-nos ao mesmo tempo a algo maior: ao poder que atua por trás da vida de todos, de onde ela vem e para onde volta a afundar. Nós também podemos dizer: onde seu início e seu fim se entrelaçam, tomando-se iguais.

Somente a última dedicação à vida contém e preenche o propósito de todo e qualquer ato de devoção.

---

1 Lorelei (ou Loreley) é um rochedo localizado junto ao rio Reno, próximo a Sankt Goarshausen, no estado alemão de Renânia-Palatinado, elevando-se a 120 metros acima do nível do mar. O nome deriva de lendas germânicas sobre ninfas que viviam nas águas. Através de seu canto, as ninfas atraíam os marinheiros para o fundo do mar. (N.T.)

DESFRUTAR

Só podemos desfrutar quando nos detemos internamente, quando focamos em algo belo e delicioso, dedicamos nossa total atenção a ele, o respeitamos e o tomamos com todas nossas forças. Por exemplo, uma bela vista, uma música cativante, a fragrância de uma rosa, uma refeição preparada com amor, a saúde restaurada, também o sucesso e a obra concluída.

Desfrutar está ligado à alegria e à sensualidade. Pois o desfrutar passa primeiro através de todos os órgãos do sentido, alcançando através deles a alma e o espírito. Muito embora existam exceções à regra. Muitas vezes precisamos de boa companhia para desfrutar plenamente. Precisamos dos outros, com os quais podemos desfrutar juntos, por exemplo, uma festa.

Através do ato de desfrutar entramos em sintonia com o lado precioso e transcendental da vida, ficamos mais belos e mais amplos, tornando-nos mais intimamente conectados com o seu lado brilhante. Algumas vezes ao desfrutar tais coisas tornamo-nos crianças que exploram, curiosas, o mundo ao seu redor, deixam-se surpreender por ele, tornando-se mais ricas e realizadas. Por isso quando desfrutamos a vida, muitas recordações felizes de nossa infância emergem, quando não existia a pressão do tempo, nenhuma obrigação e podíamos permanecer no aqui e agora, vivendo plenamente o momento presente. Portanto, ao desfrutarmos, resgatamos as belas coisas da nossa infância, transferindo-as para o presente e para o nosso futuro.

Em alguns círculos zomba-se do desfrutar. Então, por exemplo, diz-se que isso nos afasta de Deus, bloqueia a perfeição e a iluminação, acorrenta-nos ao terrestre, leva com facilidade ao pecado, tornando-nos suaves e fracos. Por isso, faz-se necessário o asceticismo, a despedida das seduções dos sentidos e a supressão da carne - que palavra terrível — para que fiquemos disponíveis a algo mais elevado e a Deus e ficarmos iguais aos anjos ou até iguais a ele.

Existem duas maneiras de desfrutar. Por um lado, através dos sentidos, a rendição total a eles, acompanhando o ritmo e o compasso da pulsação da vida, mas, sem que percebamos, já ultrapassamos esse prazer sensual e entramos num espaço mais profundo e abrangente, devotados e plenos de respeito, reverenciando o que encontramos. Tal prazer traz o céu para a terra, que nas ideias dos seres humanos é um prazer bem-aventurado. De repente o prazer já não é mais sensual, mas é religioso.

Existe também a satisfação do espírito, por exemplo, a satisfação que provém do conhecimento, principalmente da satisfação que parte da ação criativa que traz prazer aos outros, seja através dos sentidos ou do espírito.

O prazer do espírito também nos leva a transcender a um espaço aberto e, apesar da disciplina que exige de nós, nos preenche e nos deixa felizes.

Essas duas maneiras de desfrutar se opõem uma a outra? Não. Pois ambas pertencem

uma a outra como o corpo e a alma, o sentido e o espírito. Somente quando nos entregamos a ambas, seremos reais e completos usufruidores da vida.

A RESSONÂNCIA

Ressonância significa que respondo a um ser humano, a um acontecimento ou a uma tarefa com a mesma vibração que parte deles. Através da minha vibração, aquilo que parte deles pode atuar em mim. Pode transformar algo em mim, bem como me advertir de atitudes e ações que me afastam de mim mesmo ao invés de me aproximar deles, encorajam-me a fazer aquilo que corresponde a mim e a eles, no nosso mais íntimo.

0 oposto da ressonância é a dissonância. Da mesma forma que a dissonância na música é desagradável e dolorosa para nossos ouvidos e nossa alma e também para nosso bem-estar físico, exigindo sua dissolução, o mesmo acontece conosco quando estamos em dissonância com outras pessoas, com circunstâncias essenciais ou com nosso corpo e nossa alma. Nós nos sentimos mal, ficamos intranquilos, talvez até confusos e nos afastamos de nosso centro.

A ressonância começa quando prestamos atenção aos sinais de nosso corpo, aos sinais de cada um dos órgãos, cada um dos músculos e cada uma das articulações. Estamos em ressonância com eles quando sentimos dores ou estamos doentes, exceto quando chega a hora da despedida e entramos em ressonância e concordamos também com nossas dores e nossa doença ou fraquezas, ficando mais fácil suportá-las dessa forma.

Mas frequentemente não nos é permitido olhar para nossos órgãos, nossos músculos ou articulações, pois talvez estejam em ressonância com outras pessoas – algumas delas mortas já há muito tempo – com as quais nós mesmos nos encontramos em dissonância, que talvez tenhamos esquecido ou rejeitado ou pessoas com as quais as nossas famílias estão em dívida. Por isso a ressonância com esses órgãos de nosso corpo começa quando entramos em ressonância com essas pessoas. Pois, como nossos órgãos, elas também pertencem a nós, sendo indispensáveis para nossa saúde e nosso bem-estar.

A essas pessoas pertencem, em primeiro lugar, nossa mãe, nosso pai, nossos irmãos e nossos ancestrais. Além deles muitas outras pessoas pertencem também, pessoas que encontramos e que nos deram coisas fundamentais e às quais até agora não demonstramos reconhecimento nem agradecimento, também aqueles que têm uma dívida conosco ou nós com eles e com os quais talvez ainda estejamos zangados.

Entrar em ressonância com eles significa, em primeiro lugar, que agradecemos por tudo aquilo de bom que deles recebemos. Esse legado não é sempre agradável. Algumas vezes é também um desafio que exige uma transformação, uma despedida e um crescimento interno de nossa parte. Se aqueles que encontramos não se tornam nossos amigos, então certamente se tornam nossos professores, algumas vezes professores severos, dependendo de nossa coragem de enfrentar seus desafios.

Entrar em ressonância com eles também pode significar que não fazemos mais nenhuma

reivindicação a eles. Ou que não temos mais nenhuma expectativa em relação a eles, com a qual nos prendemos a eles, de forma que não podem ainda se despedir de nós.

Sobretudo, precisamos entrar em ressonância com nosso destino, não importando como ele nos atinge. Se nós vibrarmos com nosso destino como ele é, em sintonia também com os destinos de muitos, com os quais estamos conectados, surge um som pleno que continua ressoando, como um sino pesado de uma torre alta que fica tinindo por longo tempo. Com esse som pleno, o nosso corpo e todas as nossas células ficam em profunda sintonia com a nossa alma.

Entramos em ressonância, em primeiro lugar, através de um certo esquecimento de nós mesmos, prestando atenção de uma forma centrada à nossa voz interior e ao nosso movimento interior. Eles falam conosco tanto através de nosso corpo como através de nossa alma. Aqui corpo e alma falam frequentemente com a mesma voz.

Contudo, nessa ressonância também prestamos atenção à voz interior de outras pessoas e prestamos atenção às vozes interiores da natureza e dos objetos.

Entramos em ressonância com o cosmo e com aquilo que atua atrás deste mundo como um todo poderoso, quando olhamos e nos detemos deslumbrados perante essas forças que ultrapassam de longe o nosso conhecimento e nossos desejos, deixando que elas nos carreguem e determinem.

Essa ressonância é religiosa.

O TEMPO

O tempo é limitado. Por isso, podemos ganhar ou perder tempo, de acordo com nossas ações. Podemos também desperdiçar ou negligenciar o tempo. Aliás, o tempo pode ser vivenciado como completo justamente porque é limitado. Pois somente aquilo que é limitado pode se tornar completo. Sem limitações não existe nem o vazio nem a plenitude.

Contudo, quando o tempo se completa para nós? Quando nos submetemos a ele da maneira como nos foi presenteado. Quando o acompanhamos ao chegar a hora certa. Quando concluímos no tempo certo, concordando com ele.

O tempo vazio nos oprime, pois deseja ser preenchido. Entretanto, podemos vivenciar o mesmo período de tempo em níveis diferentes. Na superfície o tempo pode voar e talvez se apresse, enquanto que no fundo de nossa alma ou coração existe uma tranquilidade imóvel. Justamente quando o tempo para e nada se move, temos a experiência da completude. Por isso, quando o tempo nos parece estar vazio e esperamos por um outro espaço de tempo, podemos deixar-nos atrair por este tempo tranquilo e nele descansar. Ele nos abraça, acalma e sustenta. Pois, ao lado do tempo que passa, existe também o tempo que se detém, que fica parado. É o que as pessoas felizes experimentam quando o tempo fica parado. Na felicidade profunda e na realização o tempo fica parado. A felicidade faz com que ele pare por um tempo.

Quem, em seu âmago, concorda com o mundo como este se revela para ele, experimenta que tudo nele fica parado. Pois quem concorda com tudo como é, experimenta dentro de si uma transformação que permanece.

E onde está Deus? Ele está dentro do tempo? Talvez ele seja o tempo que fica parado.

A SOLIDÃO

A pessoa solitária é a pessoa que perdeu a conexão ou foi excluída. Quem é solitário está sozinho e também foi deixado sozinho. Por isso, muitas crianças se sentem solitárias e muitas vezes as pessoas idosas também.

Como seres humanos dependemos dos outros, não podemos viver sem eles. Precisamos de sua companhia e do intercâmbio com eles, senão definhamos. Sozinhos nós perecemos.

O intercâmbio próximo com outros seres humanos é a intimidade. Nela sentimos uma fusão, quase nos fundimos um com o outro, como, por exemplo, um casal de namorados ou pais com seus filhos. No entanto, a proximidade e a intimidade com um lado nos afastam do outro. Enquanto a intimidade com um lado nos preencher, poderemos suportar a solidão em relação ao outro de forma leve. Contudo, chega o momento em que precisamos reconhecer que precisamos mais do que um lado. Então nos afastamos de uma intimidade, por exemplo, da intimidade com nossos pais e procuramos uma intimidade com um parceiro. Portanto, nós trocamos uma intimidade pela outra mas, via de regra, de uma forma que não perdemos totalmente a primeira, de uma forma que à primeira intimidade se acrescenta uma segunda.

Contudo, a segunda intimidade exclui outras e, com o tempo, voltamo-nos também a outras pessoas, sem entretanto renunciar àquela intimidade e sem substitui-la por uma outra. Vamos dando espaço em nossa alma para muitos outros. Muitas relações reduzem a nossa intimidade com alguns, mas nos conectam com mais pessoas. Essa solidão é a premissa para uma maturidade e plenitude. É a solidão que nos abre para muitos – entretanto, sem a experiência da intimidade. Somente alguém que já vivenciou muita intimidade e a guarda dentro de si pode experimentar uma solidão genuína.

O momento mais solitário de nossa vida é quando morremos. Neste momento deixamos tudo e todos com os quais estávamos conectados e caminhamos completamente sozinhos para a morte.

Então, estaremos realmente sozinhos? Quando deixamos a vida, entramos em um outro espaço, em uma outra dimensão, na qual nada mais nos segura e justamente ao nos dissolver nos conectamos com o Último.

Sozinhos estamos também perante Deus, perante o impenetrável, aquilo que está simultaneamente mais distante e mais próximo de nós. Nessa solidão ficamos vazios e plenos, tão íntimos quanto distantes.

"FINALMENTE"

Dizemos “finalmente” quando chegamos ao fim, por exemplo, de uma longa espera por um evento desejado há muito tempo. Dizemos então: “Finalmente chegou.” Esse “finalmente” é a realização de uma longa esperança, de uma longa preparação, muitas vezes, talvez permeada de dúvidas sobre a sua concretização. E, então, temos finalmente a certeza: “Agora chegou.”

Contudo, como nos sentimos quando finalmente chegou? Algumas vezes a tensão diminui e somos tentados a permanecer naquilo que alcançamos finalmente; a ver a nossa realização mais como se fosse um ponto final do que vê-la como um recomeço, uma iniciação para um desafio maior ainda. Como, por exemplo, quando depois da escola começa a vida profissional e depois do casamento chegam os filhos. Aqui o “finalmente” se transforma em força centrada, como quando um tiro de partida é dado para a próxima tarefa.

Dizemos “finalmente” também quando superamos algo, por exemplo, uma prova ou uma doença, ou quando atingimos uma meta e quando o trabalho foi terminado. Nós respiramos aliviados e descansamos. Talvez dizemos: “Finalmente terminamos, finalmente podemos nos dedicar a uma outra coisa.” Ou dizemos: “Estamos finalmente em férias.” Nesse “finalmente” relaxamos, fazemos finalmente uma pausa e dizemos: “Finalmente terminou.”

No entanto, algo pode estar realmente terminado quando olhamos ao mesmo tempo para frente, para o que deve ser feito em seguida. Pois, um período de relaxamento é necessário para coletarmos forças para novas tarefas e metas. Dessa forma um “finalmente” que terminou e um outro “finalmente” quando algo começa, são algumas vezes o mesmo processo, só que observado por um outro ângulo.

Em cada “finalmente” existe algo que libera: um passou e outro pode chegar. Dessa forma, vivemos de “finalmente” para “finalmente”, nos tornamos mais amplos e enriquecidos de “finalmente” para “finalmente” e nos experimentamos finalmente concluídos e plenos. Talvez

nessa realização o “finalmente” para finalmente e descansa.

Eu imagino o divino dessa forma, entretanto somente em meus pensamentos e em meus sentimentos, pois como poderia realmente saber disso. Eu imagino que por um lado está num movimento contínuo e por outro, infinitamente calmo. Ele permanece em tudo, transformando-se em uma e única coisa e é, ao mesmo tempo, começo e fim.

"COMO POSSO SEGURAR MINHA ALMA..."

Rainer Maria Rilke começa com essas palavras o seu poema “Canção de Amor”. Sim, em relação ao amor ninguém pode segurar sua alma. Ela procura a outra alma, é encontrada por ela e duas almas vibram em sintonia.

Ninguém quando ama pode segurar sua alma e nem pode dirigi-la para um outro lugar. Não importa o que um ou o outro pense e sinta e deseje, querendo talvez ocultar aquilo que o fere ou o toca em seu âmago, a outra alma sente isso, é tocada, responde com alegria ou tristeza, se contrai ou se expande infinitamente.

Pois as duas almas se tornam uma. Estão ligadas uma à outra em um determinado nível, ressoando juntas como um violinista que toca simultaneamente duas cordas com o seu arco. As duas cordas não produzem sons separados, mas sons conjuntos como duas almas que soam juntas. Alguém que determina sobre elas, tem o violino em suas mãos e o toca. Toca a canção da vida. Ao tocar as cordas dos dois enamorados e com elas a canção da vida, toca uma doce canção, uma canção de deleite e felicidade, uma canção de esperança e confiança.

Outros que ouvem esse jogo começam a vibram em suas almas. O grande violinista também começa a tocar suas cordas, transformando essa canção em sinfonia.

Quem é este violinista? Quem toca nossas almas deixando-as ressoar, criando uma harmonia? Quem coloca essas almas a serviço do amor e da vida?

Nós não o conhecemos, mas ouvimos a sua melodia e nos juntamos à sua canção.

Aqui o poema de Rilke:

Canção do amor

Como posso segurar minha alma de forma
que ela não toque na sua?
Como posso fazer com que ela se eleve, de você
para outras coisas?
Ah, como adoraria encontrar um lugar secreto
e tranquilo onde desejos perdidos descansam
e não continuam a ressoar,
quando a sua alma ressoa profundamente.
No entanto, tudo aquilo que nos toca, você e eu,
nos une como um arco
que faz ressoar duas cordas como se fossem uma.
Estamos esticados em que espécie de instrumento?
E que mãos tocam este violino?
Oh, doce canção.

O NOVO DIA

O novo dia chega após o velho. Contudo é novo, somente quando o velho pode ficar para trás com toda sua felicidade e alegria, trabalho e sofrimento.

Somente o novo dia nos leva adiante e traz nova felicidade, novo trabalho, novas conquistas. Somente o novo dia pede a nossa total dedicação, pode nos preencher. Recordações da felicidade anterior não trazem novas satisfações. A felicidade quer seguir adiante.

Contudo, recordações da infelicidade e do sofrimento passado podem ser reativadas. Essas recordações deterioram o novo dia, transformando-o num velho e não deixando o novo emergir e se desenvolver. Fazem do novo dia um malogro.

Portanto, o novo dia é novo só quando o velho pode ficar no passado. Somente dessa forma brilha com suas novas possibilidades, transformando-se num dia pleno.

O que acontece quando olhamos já hoje para o próximo dia que só chega amanhã? Aqui também perdemos o dia presente.

Transpondo para a nossa vida como um todo, isso significa: quem vive no passado, tanto no seu próprio passado quanto no passado de sua família ou de seu povo, tem pouco acesso à sua vida presente. O tempo presente fica perdido, como se já fosse passado e mais vazio do que cheio. O novo exige que liberemos o velho.

Existe uma semelhança em relação ao futuro. Talvez sacrifiquemos a felicidade que está a nossos pés, o que está próximo e possível, pelos sonhos futuros, algumas vezes não apenas nossa própria felicidade como também a felicidade de outros.

E onde vive o ser humano religioso? Muitas pessoas religiosas vivem no passado, por exemplo, em uma tradição que já está há muito tempo embotada. E repetem hoje os rituais vazios do passado.

No entanto, a maioria das pessoas religiosas vive no futuro, na esperança de uma vida melhor e mais feliz.

Contudo para Deus, se ele existe, não pode haver nenhum acréscimo, nenhum ganho, nenhuma perda. Em Deus, tudo o que para nós permanece no passado e futuro, é pura presença realizada.

Portanto, para mim, a religião seria estar devotado ao presente, ao novo dia.

A INTRANQUILIDADE

A intranquilidade procura algo. Ela nos assalta porque precisamos de algo ou porque algo nos falta. Quando sabemos daquilo que precisamos ou nos falta, então começamos a buscá-lo para alcançá-lo.

Entretanto, muitas vezes a intranquilidade é indefinida. Sentimos que algo nos falta, mas não sabemos o que poderia ser. Ou sentimos que algo deveria ser feito, algo que nos chama, algo que devemos fazer, mas não reconhecemos o que seja e por isso ficamos inquietos.

Ou sentimos que nos enganamos e escolhemos o caminho errado. Procuramos uma nova

orientação e ficamos inquietos, até que tenhamos encontrado a saída e soubermos novamente qual é a direção. No caminho certo temos uma tranquilidade interna, mesmo que estejamos em movimento para completarmos nossa tarefa. Pois ficamos em paz quando estamos em sintonia com nossa vida, não importando para onde ela nos conduz.

Existe uma frase famosa de Agostinho: "Intranquilo está nosso coração até que descansa em você." Aqui ele fala da intranquilidade do coração até que descansa no seu destino final, Deus. Também poderíamos dizer: nosso coração procura até alcançar a nossa mais íntima harmonia com as pessoas que estão próximas a nós, com nosso destino, como é, e como se revela para nós, com nosso início e fim, com a vida e a morte. Talvez o divino, o último mistério que não podemos apalpar ou entender, esteja contido na total concordância com nossa vida.

Se concordamos com a nossa compreensão limitada, não desejando ir além dos limites intransponíveis, talvez possamos encontrar um estado de paz, que não está no seu final, mas mesmo assim estaremos consolados.

A SATISFAÇÃO

Quem está satisfeito, está em paz consigo mesmo, com sua origem e seu destino. Não quer ir além do que possui e do que lhe foi dado. Também está satisfeito com as pessoas como elas são. Não existem exigências em relação a si mesmo e a outras pessoas no sentido de que sejam diferentes do que são.

Por isso a pessoa satisfeita não age? Faz menos do que os insatisfeitos? Muito pelo contrário. Por estar satisfeito, permanece em sintonia com tudo aquilo que as circunstâncias exigem e justamente por isso tem a compreensão daquilo que é adequado. Isso lhe dá a força para fazer o necessário e o possível. Também sabe quando um trabalho foi cumprido e fica satisfeito com o resultado, não desejando mais além do que as circunstâncias permitem.

Quem está satisfeito tem muitos amigos. É amado por eles pois, em sua presença, podem permanecer como são.

A pessoa satisfeita também está satisfeita com o mundo como é, satisfeita com Deus e com as forças ocultas que atuam por trás dele. A satisfação verdadeira é a dedicação ao mundo como é, aos poderes do destino como chegam a nós e nos dirigem. Por isso essa satisfação é, afinal, uma satisfação profundamente religiosa. Ela se completa na dedicação e no amor.

O SER HUMANO

"É ESPLÊNDIDO ESTAR AQUI"

A PERSPECTIVA

0 que está à nossa frente? Qual é nossa perspectiva? Nossa única perspectiva certa é a morte. Mas o que isso significa além do fato de que é certa? Nós não sabemos se a morte é realmente nosso fim ou é um recomeço. Portanto, para que ficarmos curiosos ou preocupados com o que virá? Nós já estamos vivendo a vida em sua plenitude quando estamos direcionados para o presente, sem olharmos para perspectivas futuras.

Contudo, tudo que cresce tem a perspectiva da fruta que nascerá. Nela está contida uma meta inerente a ser alcançada. Por isso podemos focar no presente e realizar nossas tarefas sem nos perder em expectativas distantes.

Se permanecermos na realização do presente, fazendo o que deve ser feito no momento, depois de um certo tempo perceberemos que nosso trabalho toma uma outra direção diferente daquela que originalmente pretendíamos e esperávamos. Portanto, nossas metas adequadas e nosso propósito se desenvolvem de uma forma diferente da nossa perspectiva inicial. A nossa perspectiva verdadeira permanece oculta para nós.

Sem uma perspectiva abrangente, tudo o que está próximo a nós pode nos capturar totalmente. Ele se apossa de nós e nós nos apossamos dele incondicionalmente, entretanto, sem que ele nos pertença. O que queremos ainda? Alguma outra coisa pode nos tornar maiores ou mais ricos? Ou mais poderosos ou mais livres?

Viver significa: viver agora. Estar aqui significa: estar aqui agora.

A PESSOA AMADA

A pessoa amada nos captura. Queremos ir até ela e nos unir a ela. Através dela nós nos encontramos e nos sentimos preenchidos. A pessoa amada nos eleva em direção a algo maior, mais amplo, mais sublime. Mas antes que percebamos, ela fica para trás, como se tivesse sido apenas uma porta através da qual avistamos a essência de nossos anseios e realizações. Através da pessoa amada tocamos e entramos em nossa essência que nos captura e satisfaz.

Isso significa que a pessoa amada não está mais conectada conosco? Ela também passa através dessa porta, deixando-nos para trás. Contudo, à medida em que nos encontramos e nos deixamos para trás, caminhamos juntos em direção a nossa essência, unindo-nos a ela, transcendendo, de longe, a nossa ligação.

Permanecemos conectados aqui? Não, retornamos e encontramos também muitas outras pessoas, olhamos para elas de uma forma nova e diferente, olhando para além delas. Elas também se transformam em portas. Por trás delas vemos a essência, caminhamos nessa direção através delas, entretanto sem deixá-las para trás. Nós as levamos conosco. Dessa forma encontramos e amamos os outros da maneira como são.

PERMANECER NO AMOR

Permanecer no amor significa: permanecer dedicado, não importa o que aconteça comigo, com os outros, com a natureza ou com o mundo. Por isso esse amor é consciente e centrado. Permanece centrado tanto em si como nos outros. E é forte.

Ele age somente quando pode estar em sintonia com o destino, tanto com o nosso quanto com o de outros. Por isso está tão próximo quanto distante.

E é humilde. Conhece seus próprios limites e os limites dos outros e não os ultrapassa. Esse amor sabe que para além desses limites atua algo maior ao qual todos se submetem e se entregam.

Portanto, esse amor permanece dedicado a algo maior, talvez esperando pelas suas instruções, ganhando sua forma através da sintonia com ele. Por isso também é sereno.

É sem desejos, mas mesmo assim presente, de prontidão. Esse amor tem boas intenções consigo e com os outros, também quando se recolhe. Por isso sentimo-nos seguros e centrados em sua proximidade.

Esse amor não exige nada, embora seja aberto. Ele atrai e espera. E quando age, faz bem.

MEU E SEU

Meu e seu nos diferenciam. Meu e seu também colocam um limite. O que é seu não pode ser meu e o que é meu, não pode ser seu. Precisamos respeitar essa diversidade.

Seus pais não podem ser meus e meus pais não podem ser seus. Sua vida e seu destino e mais tarde a sua morte podem ser somente seus. Você está totalmente sozinho com eles. Eu também estou sozinho perante você com minha vida, meu destino e minha morte.

Contudo, posso respeitar o que é seu como se fosse meu. Posso amá-lo como se fosse meu e desejar que se desenvolva em sua plenitude. Com isso abençoo o que é seu, sem querer nada dele. Através desse respeito, desse amor, dessa bênção você tem o seu ainda mais do que antes. Pertence a você mais do que antes. Você pode estar seguro do que é seu, respeitá-lo e amá-lo mais do que antes e alegrar-se com isso.

Na medida em que respeito o que é seu e me alegro com isso, você se aproxima mais de mim e pode também respeitar o que é meu, abençoá-lo e alegrar-se com isso. O seu aumenta sem que você subtraia algo de mim, assim como o meu também aumenta, sem retirar nada de você. Eu me tomei mais através de você e você se tornou mais através de mim, justamente porque o seu permaneceu sendo seu e o meu, meu.

Meu e seu, quando são reconhecidos, respeitados e amados nos unem.

ESTAR ABERTO

Eu me abro a alguém quando eu o honro e ele, por sua vez, fica aberto para mim, me dá

sua atenção, me presenteia com prazer, com o melhor que me pode oferecer. E me dá de uma forma que não me sinto obrigado. Pois essa homenagem, que vem de meu âmago e totalmente sem restrições, já é a maior recompensa. E quando ele percebe como sua generosidade gera frutos em mim, sabe que está sendo homenageado e encontra sua grandeza e plenitude, porque eu tomo dele.

É claro que posso passar a outras pessoas tanto as dádivas gentis que recebi como também os frutos de meu trabalho e experiência. Com isso também cresço e encontro minha grandeza e minha plenitude.

Se me recuso a dar ao outro a homenagem merecida, ele precisa se fechar para mim. Então não posso tomar dele e nem ele pode deixar que eu participe de sua riqueza, mesmo que quisesse. Tanto para mim quanto para ele são colocados limites dolorosos em relação àquilo que damos a outros e ao que podemos tomar deles.

É claro que o mesmo também é válido quando outros me negam a homenagem merecida, talvez me diminuam e se coloquem acima de mim. Não posso dar aquilo que tenho a oferecer e nem eles podem tomar de mim aquilo que poderia ajudá-los. Eu não posso estar aberto a eles e nem eles podem estar abertos para mim. Então estaremos como convidados, sentados à uma mesa coberta de iguarias, sem poder tomar o que é oferecido e presenteado de maneira tão abundante.

Também a natureza e a terra nos presenteiam ricamente quando lhes prestamos homenagem, ao invés de procurarmos subjugá-las e impor-lhes a nossa vontade. Quem lhes presta homenagem descobre seus tesouros ocultos.

Nós também podemos homenagear nossa alma confiando nela. Cuidadosamente ela nos revela seu conhecimento secreto, nos conduz para caminhos antes não imaginados, nos ajudando a realizar nossas metas mais profundas.

As maiores recompensas são possíveis quando nos abrimos para homenagear totalmente nossos pais.

Estar aberto é humildade e amor. É estar amplo sem limites.

S E G U I R

Ninguém pode conduzir, cada um segue. Para ser mais preciso, mesmo quando pensamos que estamos conduzindo, estamos sendo puxados e impulsionados. Para onde, isso se revela mais tarde.

Algumas pessoas parecem estar sendo impulsionadas por algo externo e atraídas por pessoas ou objetivos que lhes servem como modelo. Frequentemente estão menos centradas, mas não estão menos tomadas a serviço do que aqueles que sabem que estão sendo conduzidos e impulsionados pelo seu íntimo.

Como chegamos ao nosso centro? Não é apenas quando ouvimos a nossa própria voz interior e a seguimos, obedientes, em sintonia com ela, não importando para onde ela

nos impulsione e conduza, mas também quando encontramos outras pessoas que estão da mesma forma em sintonia com seus movimentos mais íntimos. Junto com elas ouvimos e captamos muito mais do que cada um individualmente. Portanto, muitos seguem e conduzem ao mesmo tempo e se experimentam sendo conduzidos por algo maior que está acima deles.

Contudo, nesse contexto existe também uma maneira de seguir que aliena. Ao invés de ouvirmos a própria voz e segui-la, nós a negamos. Mas isso acontece somente quando aqueles que queremos seguir querem apenas nos transmitir seus próprios ensinamentos, seguindo suas próprias metas. No entanto, quando transmitem somente o que lhes advém da sintonia, são sustentados por aquilo que os tomou a serviço. Então através deles talvez nos encontremos de uma maneira ainda mais profunda com nosso ser e entendamos de forma mais exata a voz que percebemos.

Mas o que fazer se virmos que outros também querem nos seguir? Como devemos nos comportar aqui em sintonia? Na medida em que os perdemos de vista, esquecemos o que lhes havíamos dito, nos recolhemos e levamos o outro somente até o ponto em que nossa própria voz lhe permite.

LIMITES

Os limites ligam. Sem limites não existem segurança e ordem. As ligações só existem quando os limites são reconhecidos. Somente assim podemos ultrapassá-los e nos recolher novamente aos nossos próprios limites. Quando sinto respeito e temor e devoção, isso significa para mim: fico parado perante um limite. Só porque paro perante um limite, posso me relacionar com algo que está e permanece além de meus limites.

O amor também liga, quando os amantes se veem e reconhecem seus limites. Somente assim podem transpor seus limites de uma forma que os protege da dissolução e da fusão. Depois da união se afastam novamente para seus limites, se concentram, se renovam, ficando prontos para o desafio da próxima transposição dos limites.

Toda particularidade só existe através dos limites. No lugar onde terminam, a experiência particular cessa de existir.

Para assegurar as nossas ligações e proteger a nossa individualidade, precisamos respeitar nossos limites, mas também impor limites a outros. Somente depois é possível um recomeço que vai para além dos limites impostos e – após o conflito, que é sempre a procura do limite certo – a paz.

A DISTÂNCIA

A distância preserva quem eu sou, minha dignidade e minha força. A distância também dá um senso de controle.

Algumas vezes a distância é difícil, pois ansiamos por uma intimidade e fusão. Entretanto, a distância e a fusão se condicionam mutuamente. Só experimento distância depois da fusão, pois a primeira distância que precisamos experienciar é o nascimento. Ela vem depois da primeira fusão íntima, a fusão com a mãe. Essa primeira distância é dolorosa, no entanto, somente através dela chegamos a ser nós mesmos. O símbolo para essa distância é o próprio nome. Quando somos chamados pelo nosso nome, somos convidados a nos aproximar, diminuir a distância. Ao mesmo tempo somos reconhecidos como independentes e separados.

Cada um sente qual seria a distância certa para com um outro, nem próximo nem longe demais. Somente quando a distância certa é mantida, nos sentimos seguros e no nosso lugar. A distância adequada depende de nossa posição, também de nossa idade, de nossa influência e poder. Quanto maior a posição tanto maior a distância. E quanto maior o grupo sobre o qual temos poder e responsabilidade tanto maior também a distância.

Quem conserva a distância adequada em relação a outros, ganha a sua confiança. Quem se aproxima demais dos outros, perde a sua confiança. Instintivamente estes se fecham e se desviam dele. Se alguém que tem poder e influência quiser se aproximar demasiadamente de nós, perderá algo de seu poder, de sua influência e prestígio. Por exemplo, os pais passam por isso quando se aproximam demais dos filhos adultos. Também os ajudantes perdem prestígio e confiança quando se aproximam demais dos necessitados, mais além daquilo que eles realmente necessitam.

Também amantes podem se aproximar demais, por exemplo, quando tentam tomar posse do outro ou quando querem que ele revele mais do que ele próprio quer revelar.

Algumas vezes nos aproximamos demais de coisas ou de segredos ou até de nós mesmos. Por exemplo, quando queremos saber demais, quando penetramos demais em algo que quer e precisa permanecer oculto.

Distância é renúncia. Pressupõe a despedida da infância e a concordância com a última solidão. Entretanto, na distância conservamos a visão geral e nossa grandeza. Permanecemos dedicados, sem nos perdermos e ficamos abertos para algo impalpável, para algo maior e para a multiplicidade.

A ALEGRIA

A alegria solta. Nela a tensão desaparece. Ela é dedicada, sem querer algo. Descansa em si e está em sintonia com tudo e feliz com todos. Por isso permanece totalmente no aqui e agora. E percebe pois é aberta e ampla. Quer o bem de todos também do jeito que são. Penetra, sem encontrar resistências, pois é esperada como o sol depois da noite. Porque é solta, ela solta. Vai para além das circunstâncias adversas e deixa tudo para trás. O que está entorpecido, derrete sob seu brilho quente.

A alegria é viva e aberta. Está aberta para o novo e para o especial, pois nada do passado está apegado a ela. Ela flui e está preenchida, pois toma para dentro de si o que

encontra, transformando-o e continua fluindo.

A alegria cura. Quando a alegria do sol brilha sobre antigas feridas, elas cicatrizam.

A alegria é a realização do amor. Poderia haver uma conexão mais íntima do que aquela que experimentamos quando ficamos alegres junto com os outros? Ou quando os pais se alegram com seus filhos e os filhos com seus pais ou quando o homem se alegra com sua mulher e a mulher com seu homem? Ou quando nos alegramos até com as adversidades da vida? A alegria tira seus espinhos e as transforma. A alegria tira do pesado seu peso, pois é ampla e leve.

Essa alegria vem de dentro e nada de fora pode turvá-la. Pois está em sintonia com o Último, com a morte, não importa quando ela chegue.

O DESEJO MAIS PROFUNDO

0 desejo mais profundo é sempre realizado. Só pode estar direcionado para algo presente que já temos. Assim como a sede de vida bebe a vida que já tem, também o desejo mais profundo é o presente puro. Pois a existência, como a vida, deseja aquilo que já está presente em sua plenitude. Por isso o desejo de vida é também o desejo por aquilo que existe como um todo e nos foi dado. É sede que já está saciada. Portanto esse desejo e essa vida não precisam de nada novo como se algo ainda pudesse ser acrescentado. É apenas o desenvolvimento daquilo que já existe.

Esse desejo mais profundo é a felicidade *realizada, o presente puro,* exultante. Está preenchido mas mesmo assim em movimento. Está em movimento para outros mas sem que estes estejam ausentes. Por isso se estende cada vez mais para o mais, sem que isso esteja num futuro distante. Os outros já estão presentes nele.

PERSPECTIVAS

“São boas ou más perspectivas?” Algumas vezes fazemos essa pergunta em relação a nós e a outros. Mas como fazer uma diferenciação entre as boas ou más perspectivas?

Quando falamos de boas perspectivas, muitas vezes pensamos que elas nos trarão benefícios, facilitando nossa vida, trazendo mais conforto e talvez até tendo menos exigências. No entanto, essas perspectivas são realmente boas para nós? Através delas nos tornamos mais humanos, nos tornamos um ser humano? Crescemos através delas? Elas nos conduzem para a plenitude que é possível para nós? Elas têm profundidade?

Inversamente, quando nos referimos às más perspectivas temos frequentemente a ideia de que uma perda nos ameaça, que vamos errar a meta, que vamos sofrer prejuízos, que talvez precisemos nos limitar e até perder prestígio. Acima de tudo, que ficaremos solitários, sem ter o nosso lugar certo e sem ter a sensação de estar conectados, acolhidos e amados.

Contudo, as más perspectivas nos purificam de desejos, que talvez remontem à nossa infância, que naquela época segundo a nossa imagem interna permaneceram irrealizados e que esperamos que sejam preenchidos posteriormente através de boas perspectivas. Através das más perspectivas deixamos essa esperança esvanecer, passamos a refletir sobre outras coisas, crescendo com elas de uma forma mais abrangente do que ficando presos a velhos sonhos. Com isso permanecemos no essencial, separados daquilo que não pode ser mais resgatado.

Para a alma não existem nem boas nem más perspectivas. Pois ela está em sintonia com o que existiu e com aquilo que é e virá, transformando a adversidade em força. O assim denominado bom é reconhecido, apreciado e acolhido, mas isso não dura para sempre. Se isso acontecesse talvez nos enfraqueceria.

Por isso também permanece oculto para nós se uma vida longa e feliz é uma boa perspectiva comparada a uma vida curta e difícil. Por isso, talvez com o tempo crescemos, renunciando a ficar refletindo sobre as boas ou más perspectivas e renunciando a ficar esperando por elas ou as receando.

Cada novo dia é para nós a melhor perspectiva — se nos alegrarmos com ele.

O PRÓPRIO CAMINHO

O nosso próprio caminho é o certo para nós. Todo desvio nos aliena dele e de nós mesmos, de nossa satisfação, de nossa força e de nossa mais profunda felicidade. No fundo não temos outra escolha a não ser seguirmos nosso próprio caminho. Algumas vezes podemos pensar que um outro caminho seria mais fácil e mais satisfatório, conduzindo-nos a uma meta mais elevada.

Mas o outro caminho só pode ser seguido por alguém que reconhece que é esse o seu caminho. Somente ele pode estar em sintonia com esse caminho, tendo com isso a força e a coragem e a disposição de segui-lo.

Algumas vezes somos tentados a comparar o próprio caminho com o de outros e concluímos: este caminho é melhor, o outro pior, este é nobre e superior, o outro vulgar e inferior. Entretanto, ninguém é diferente de um outro que segue seu caminho e sabe que é o seu. Nesse sentido, todos nós só seguimos nossos próprios caminhos. Pois o nosso caminho nos foi predestinado: através de nossa origem, dos destinos de nossa família, de nosso sexo, de nossa vocação, de nossas experiências especiais e de nossos limites físicos ou mentais.

Mas todos os caminhos terminam na mesma meta. Nela nossa individualidade termina. Pois aqui todos os caminhos se comprovam serem iguais e nenhum outro caminho foi realmente diferente do que o nosso próprio.

Quando estamos a caminho encontramos outras pessoas, seguimos uma parte do mesmo caminho, lado a lado, aprendemos um do outro, acompanhamos e nos apoiamos nesse caminho. Mas então chega o momento de seguir novamente sozinho o próprio caminho.

Dessa forma muitos caminhos se cruzam, desembocam algumas vezes num outro, de forma que por um certo tempo parecem estar no mesmo caminho, até que o próprio se impõe novamente e no nosso próprio caminho encontramos a nossa plenitude.

O VAZIO

Existe um vazio que é limitado, por exemplo, um recipiente vazio. Ele só pode conter uma certa quantidade.

Contudo, na alma o vazio se amplia. Quanto mais nos esvaziarmos de nossas experiências anteriores, tanto mais ampla ficará a nossa alma, até que fique aberta para o todo que permanece impalpável para nós. Pois o todo só pode ser imaginado e experimentado por nós somente como algo que não é individual. Quanto mais vazios ficarmos na nossa alma tanto mais nos aproximaremos do todo, ficando mais preenchidos por ele.

Então de que forma podemos ficar vazios? Abrindo-nos simultaneamente para o todo, deixando o individual e amando o todo. Então teremos no vazio tanto o todo como o individual, ficando plenos no vazio.

Partindo do vazio dedicamo-nos novamente ao indivíduo, mas de forma diferente: vazios e ao mesmo tempo plenos dele. Por isso o vazio, no final, é sintonia que vibra com o todo.

A SUBMISSÃO

A submissão pode ter dois efeitos. Primeiro, que através dela posso me perder. Isso significa que através da submissão renuncio a algo meu, talvez até a mim mesmo, permitindo que um outro algo tome posse de mim.

Entretanto, existe um outro tipo totalmente diferente de submissão. Essa submissão é centrada. Nela me abro para algo exterior, eu lhe permito tomar posse de mim. Nessa submissão os limites entre mim e o outro desaparecem. Contudo, de uma forma que eu me abro para ele e que ele se abre para mim. Nessa submissão sou conectado com mais e com algo maior, nela fico amplo e rico.

Dessa forma me submeto às leis da vida, às necessidades de meu corpo, minha alma, minha compreensão, meu amor, minha capacidade, meus limites, meu conhecimento e meu definhamento. Nessa submissão renuncio a todas as minhas resistências, minhas ilusões, minhas reivindicações, meus temores, meus desejos de posse. Eu fico submisso e, justamente com isso, poderoso, sem ameaçar ninguém. Eu sirvo de orientação, sem querer. Fico feliz, porque estou em sintonia com a ordem que me protege e sustenta.

A EXISTÊNCIA

Quando esperamos algo e isso acontece, dizemos: “Agora está aqui.” Por exemplo, o nascimento de uma criança.

Aquilo que está aqui toma seu lugar ao lado de todos os outros que estão aqui. Pertence a todos que estão aqui e como estão aqui. Tem junto com ele a sua existência. Nada pode ser maior do que a existência. Ninguém pode ter mais existência do que um outro. Somos todos iguais na nossa existência.

Para o ser humano existência é o mesmo que vida. Nossa existência começa com ela. Com a vida ela também acaba. Nossa existência tem início e fim.

A existência para nós é mais do que estar presente. A existência tem uma referência. Não existe por si só, também está presente para outros. Contudo, como a nossa existência está presente para outros, a dos outros está também presente para nós. Estamos presentes uns para os outros. Nossa existência alcança sua plenitude quando muitos outros estão presentes para nós e nós estamos presentes para muitos outros.

Mas observar isso somente dessa forma não está à altura da grandeza da existência. A existência como tal – também sem essa referência – é o essencial, o sagrado, o irrecuperável, o único. Não existe nada mais grandioso, mais desafiante e ao mesmo tempo mais sereno do que quando dizemos para outros e para nós mesmos: “Eu estou aqui.”

AS DIFERENÇAS

As diferenças desaparecem quando olhamos para aquilo que existe somente como algo que existe. Tudo que existe está presente. E justamente porque existe é igual a todo o resto que existe.

Mesmo assim, tudo que existe é diferente na medida em que existe. Estamos também presentes na medida em que nos desenvolvemos e evoluímos de uma forma diferente. Por isso algumas vezes estamos mais e algumas vezes menos presentes. Algumas vezes nem estamos presentes. Então dizemos para um outro ou um outro nos diz: “Você nem está aqui.” Por isso podemos diferenciar entre aquilo que nos deixa estar mais ou estar menos aqui. Também podemos perguntar: “O que se acrescenta à nossa existência e o que retira algo de nossa existência?”

Aqui existe uma contradição se formos pensar somente em termos de conceito. Mas na nossa experiência sentimos a diferença de estarmos mais ou menos presentes, de termos mais peso ou menos peso.

Ainda podemos fazer uma outra diferenciação. O que é essencial para a nossa existência e o que é menos essencial e até desnecessário? O essencial acrescenta algo à existência.

O menos essencial só lhe acrescenta pouco e o desnecessário até retira algo dela. Pois a nossa existência está limitada pelo tempo. O essencial respeita o tempo limitado e justamente por isso é essencial. Assim, todo o essencial está preenchido.

Nossa existência é a última experiência para nós. Tudo aquilo que é essencial para nossa existência o experimentamos dentro dela. Por isso o centramento em direção à nossa existência é o centramento mais profundo possível, o centramento essencial. Aqui as diferenças não existem. Por exemplo, a diferenciação entre corpo e alma e espírito. Na existência estão apenas presentes, sem diferenciação alguma, e unidos.

A COMEMORAÇÃO

Por um lado, festejar significa que comemoramos. Comemoramos um aniversário e nos lembramos de um acontecimento, por exemplo, de um nascimento.

Mas também podemos comemorar o nosso sucesso ou o sucesso de alguém. Por exemplo, podemos comemorar uma vitória, um casamento. Nesse contexto comemorar também significa louvar.

Uma festa une. Nós nos encontramos para festejar algo. Por isso convidamos outros para uma festa ou somos nós os convidados. Essas festas são os pontos culminantes em nossa vida. São dias de festa em que ficamos felizes e dos quais nos recordamos com prazer. Quando olhamos para as fotos que tiramos, as boas sensações são reativadas e a alegria nos preenche novamente.

Também podemos festejar a existência, a vida como é a cada novo dia. Essas festas reúnem, convidam muitos outros e fazem de nossa vida, para nós e para eles, uma festa.

A ARTE

A grande arte nos comove, nos eleva para além de nós, nos deixa admirados. Embora nos toque profundamente, permanece impalpável para nós. Ela nos revela amplitudes ocultas, nutre a alma e o espírito, nos deixa devotos e, de uma certa forma, ilimitados. Ela pressupõe a capacidade, longos anos de exercícios e de disciplina e um dom especial. Mas não importa em que área, no final, o artista está possuído e inspirado por algo que o toma a seu serviço. Seja na área da arquitetura, da música, das artes plásticas, das artes manuais, ou na área da literatura, da filosofia ou da experiência religiosa e espiritual: o artista sempre sabe que é a harpa que um outro toca.

Por isso, a melhor forma de entendermos o artista *e sua* arte é nos deixarmos entusiasmar por ele, por aquilo que o entusiasmou, abrindo- nos internamente para ele, deixando-nos tocar e mover pelo mesmo espírito que tocou e moveu o artista.

Como seriamos pobres sem a arte! Quão pouco verdadeiramente humanos! Quão pouco abertos para algo maior, para algo inesgotável, no qual penetramos apesar de nossos

limites e no qual permanecemos mesmo após a morte! A arte nos dá esperança mesmo além de nossa morte. Por isso, embora as obras sublimes da arte possam ser esquecidas, o espírito que as inspirou permanece eterno.

"É ASSIM QUE ELE CRESCE:
SENDO VENCIDO CONSTANTEMENTE
POR SERES HUMANOS MAIORES"

O SER HUMANO

Todo ser humano é como eu, sente como eu, ama como eu, necessita de algo como eu, tem medo como eu. Foi criança como eu, tem pai e mãe como eu, tem apego a eles como eu, precisa enfrentar os desafios da vida como eu. Está entregue ao seu entorno como eu, sua origem, suas possibilidades, seus limites. E como eu, precisa lutar pela sua sobrevivência, talvez até mesmo indo contra mim. Nesse sentido também somos iguais.

Quando encontramos uma outra pessoa e reconhecemos que somos iguais, podemos interagir de uma forma que nosso intercâmbio seja benéfico para cada um de nós e dar-nos mutuamente o que serve às nossas vidas.

No entanto, nós nos encontramos não somente como indivíduos, mas quase sempre como membros de famílias diferentes, culturas diferentes, religiões e povos diferentes. Esses laços frequentemente criam uma desconfiança, um sentimento de superioridade ou inferioridade e de ameaça. Então como indivíduos de nosso grupo sentimos medo, com o nosso grupo nos tornamos uma ameaça para os outros, nos perdemos no coletivo, nos tornamos cruéis nos nossos corações e desejos – nos tornamos desumanos.

Em situações de vida e morte, talvez precisemos nos tornar desumanos para salvara nossa própria existência. Isso pode acontecer com qualquer um e faz parte da condição humana. Nenhum ser humano pode escapar totalmente de situações onde pode estar no papel de agressor ou de vítima ou estar em ambos os papéis em momentos diferentes.

Entretanto, justamente porque concordamos também com isso, nos tornamos realmente humanos — sem arrogância – iguais a todos na humildade.

OS ERROS

No geral todos os erros são certos, pois sem eles não existe progresso. A sociedade livre de erros e o relacionamento sem erros estão no fim. Neles não existe desenvolvimento nem crescimento. Tudo aquilo que precisa se impor, tudo aquilo que precisa superar obstáculos, aprender e exercitar, tem êxito somente através de erros. Quem não quer cometer erros, não consegue mais agir. Quem não permite que outros cometam erros, bloqueia seu crescimento e sua habilidade de conquistar sua mestria. Quem não permite que ninguém cometa erros e algumas vezes também não deixa que esses erros possam ficar no passado, não tem amor por ele. Por quê? Porque ele próprio parou de crescer. Quem exige o perfeccionismo de si mesmo e de outros, na verdade quer a morte.

No entanto outros também nos prejudicam com seus erros. Podemos perder algo ou sermos prejudicados através de seus erros, algumas vezes sofremos danos físicos e até perdemos a própria vida. Isso também pode acontecer através de nossos erros. Nossos erros, seus erros e as consequências desses erros fazem parte de nosso destino e do destino deles.

Frequentemente cometemos erros que são irreversíveis ou pagamos pelos erros dos

outros, que não podem ser mais reparados. Isso também faz parte do caminho rumo ao progresso do todo.

Quem perdoa facilmente ou deixa passar os erros dos outros bloqueia, da mesma forma, o seu crescimento. 0 outro não pode mais aprender com eles, não pode melhorar e não pode evitá-los no futuro.

Isso também é válido para nossos erros. Pois só assim podemos crescer realmente através deles.

O DIREITO

Queremos ter direito e queremos que nosso direito prevaleça. Reivindicamos nossos direitos, nos opomos contra os direitos dos outros e queremos que seus direitos estejam dentro de determinados limites. Quando reclamo meus direitos e quero afirmar algo contra outros - quero colocar limites.

Mas quem recebe o direito, via de regra, é o mais forte, porque o direito tem algo a ver com o poder. O mais forte pode oprimir o mais fraco, tirar o seu direito e subjugá-lo. Por isso são principalmente aqueles que tiveram os seus direitos violados pelos poderosos que clamam ainda mais pela justiça e exigem seus direitos.

Contudo, todos que tiveram direito e o impuseram, chegam a um limite, onde seu poder fracassa e seu direito prova ser passageiro e impotente. Isso se revela principalmente quando queremos ir contra o destino ou contra Deus ou contra a morte; quando esperamos que o destino ou Deus confirme os nossos direitos, punindo aqueles que tiraram o nosso direito, deixando-os também impotentes, da mesma maneira que estivemos outrora perante eles. Pelo menos nos nossos desejos e esperança, queremos que o nosso direito seja exercido com a ajuda do destino ou de Deus e, no final, triunfar sobre os poderosos, como eles haviam triunfado sobre nós.

Ficamos humildes - e indulgentes, quando reconhecemos que somos impotentes, sobretudo face à morte. Quem pode esperar algo assim: que as forças que, no final, determinam sobre nós, se preocupem com nosso direito e se importem com ele? Afinal, essas forças existem, interferindo de forma consciente e ordenadora como uma pessoa? Esse fato poderoso, esse destino é realmente cego? Quem quer saber disso e quem pode ter esperanças aqui?

Concordar com a impotência, sem a esperança de que um dia receberemos a justiça, sem a esperança de que qualquer tipo de reivindicação possa ter direito nos torna conscientes de nossos limites. Isto é a última sabedoria.

Então seremos mais fracos? Quando nossos limites caem, algo se abre, perante o qual permanecemos devotados, impotentes, centrados, serenos e justamente por isso, abertos e prontos para aquilo que é possível.

A INJUSTIÇA

"Eu fui injusto com você." Quando admito isso nossa relação muda. A injustiça que cometi pode não ser revertida mas, ao dizer isso, num nível mais profundo isso atua de uma forma reconciliatória. Entretanto, sem nos ligar. O que aconteceu permanece entre nós. Não podemos simplesmente passar por cima disso. Se fui eu que cometi injustiça a um outro, fico envergonhado. Isso também me diminui, me torna pequeno e eu me submeto às fileiras dos maus e me despeço de minha virtude e de minha arrogância. No entanto, quando admito: "Eu fui injusto com você", isso me deixa mais humano e mais suave. E posso ser tolerante, mesmo quando sou injustiçado por outros.

Aquele com o qual fui injusto sente-se aliviado e sua dignidade reconhecida. A pressão que sentia, desaparece. Ele também pode deixar isso para trás. Contudo, ele pode ficar feliz com isso? Não. Mas isso faz bem. Talvez isso o torne mais silencioso e mais cauteloso naquilo que diz ou faz com os outros, deixando-o mais humano.

Aqui eu disse algo sobre a injustiça, como acontece nos relacionamentos mais estreitos. Mas como fica em relação à injustiça que grandes grupos cometem com outros grupos, por exemplo, em tempos de guerra ou opressão? A resposta mais comum é o grito pela vingança, a raiva impotente, a resignação, a falta de esperança, a submissão silenciosa ao seu destino ou até o total desespero. Contudo, uma tal injustiça é superada com isso? Existiria um caminho possível para resolver o conflito?

Seria olhar para o destino que atua para além de nossas ideias sobre justiça e injustiça, seria concordar com aquilo que nos toma a serviço e seria agir com esse destino naquilo que nos oferece como saída e solução. Então ficaremos mais humildes e humanos, encontrando com isso nossa dignidade e força.

MEU ADVERSÁRIO

Meu adversário sou eu mesmo. Preciso daquilo que vem de fora em minha direção, porque só dessa forma o que está oculto em mim surge perante minha visão e nos meus sentimentos. Quando luto contra isso, o que está oculto para mim se oculta mais ainda e essa parte que é minha se afasta de mim. E assim a luta contra aquilo que vem contra mim deixa a minha alma mais estreita. Fico fora de mim, me afastando de algo que me pertence. Quanto mais fora de mim eu fico e luto contra aquilo que me contraria, com o tempo, tanto mais me prenderá e o resultado será uma união maior com ele e, no final, assustado, o verei como parte minha, sim, como eu mesmo. Então, com o meu adversário chego a mim mesmo, me reconcilio com ele e com ele me transformo na pessoa que eu já era, contudo, agora purificado e modesto, querendo o meu outro lado.

Então, cresço através de meu adversário, e ele cresce através de mim, embora lutemos um contra o outro.

Aqui também é verdade: a guerra é a origem de todas as coisas. É a minha origem que me transforma naquilo que serei.

Entretanto, nessas guerras existem perdedores também. São aqueles que procuram a paz sem o conflito. Para eles, a paz é o verdadeiro adversário. Contudo, esse mesmo adversário os ajuda a se encontrar.

O AMOR DO DESTINO

O destino nos encontra em qualquer pessoa com a qual mantemos um relacionamento. Cada um se torna meu destino — e eu para ele. Por isso, o amor do destino significa que amo tanto o destino do outro que me enriquece, que às vezes me desafia e me atinge, como amo o meu destino que enriquece o outro, que às vezes o desafia e o atinge. Com isso, cada encontro com um outro ser humano é mais do que um encontro entre eu e ele. É um encontro de destinos que atuam por trás de mim e por trás dele, de uma forma que traz a felicidade ou o sofrimento, está a serviço do crescimento ou da limitação, dando ou tirando a vida.

Por isso, o amor do destino é o amor último, que exige o último de nós, dando e tirando o último de nós. Nele crescemos para além de nós.

O que isso significa para cada indivíduo?

Se alguém, do meu ponto de vista, quiser fazer algo de mal para mim, não importa de que forma, muitas vezes a minha reação é pensar em fazer algo de mal a ele, querendo o equilíbrio ou a vingança. Mas se olho para ele como entregue ao seu destino e reconheço que seu destino se torna também o meu destino, não me exponho a ele somente como um ser humano. Eu me exponho ao destino — e o amo. Nesse instante eu me submeto a um poder fatal, deixo-me ser tocado por ele, fico livre das mesquinharias e permaneço em tudo no amor.

Inversamente, quando me torno para um outro de certa forma o destino que o fere, que o limita e o obriga à despedida e à separação, resisto ao sentimento de culpa, como se estivesse agindo por egoísmo e desejos maldosos e não porque estou entregue ao destino, ao seu e ao meu. No entanto, preciso amar esse destino como ele é e através dele me torno puro e igual.

Quem ama o destino dessa forma, o próprio e o do outro, está em sintonia com tudo, como é. Está tanto inserido como dedicado. Seu amor tem grandeza e força, porque é o amor do destino.

DEIXANDO

Deixar algo sem abandoná-lo é a verdadeira maneira de deixar. Nós nos afastamos de algo sem deixá-lo fora de nossa visão. Deixando-o, nós o liberamos, permitimos que

esteja conectado com algo maior, podendo se desenvolver. Simultaneamente através do deixar, penetramos em algo maior e vivemos a experiência de um encontro profundo conosco. Contudo, sem nada segurar.

Este "eu" não tem mais um centro. Dissolveu-se no deixar, é inalcançável, sem seus próprios limites, pertencente a todos e com isso existindo em seu próprio ser. O deixar aproxima, não importa o que encontremos.

O JULGAMENTO

0 julgamento divide, e na verdade, no mais fundo de nosso ser. Separa de uma forma tão radical que um é escolhido e o outro rejeitado. Escolhido significa que pode existir. Rejeitado que não pode existir. É claro que existem gradações, por exemplo, num julgamento de valores, se julgamos que um é melhor e o outro pior, um como perfeito e o outro como imperfeito, um como capaz e o outro como incapaz. Mesmo assim um é escolhido e o outro rejeitado.

O que acontece então com aquele que julga? Quais são os efeitos em sua alma? E o que acontece com ele em seus relacionamentos? No seu relacionamento com outras pessoas, com as coisas e com a criação, no seu relacionamento com Deus, sem considerar o que possamos pensar e pressentir em relação ao que está por trás dessa imagem? Ele se coloca acima deles: acima de outros seres humanos, acima das coisas e da criação e até acima de Deus.

O que acontece com as pessoas que foram julgadas ou com aquelas que estão presentes durante o julgamento? Elas se afastam dele. Por isso, o julgamento nos torna solitários e empobrecidos.

Qual é o oposto desse julgamento e condenação? A concordância. A concordância com tudo, como é. A concordância conosco como somos, com as coisas e com a criação como são; a concordância com Deus ou com o destino ou com o todo e com as forças ocultas que atuam por trás de tudo, sem que possamos explicar ou entender. Na concordância estamos ligados ao todo, temos acesso a ele, podemos ficar ao lado dele, nos movimentamos livremente com ele, ganhamos parte nele, somos desafiados por ele e estamos acolhidos e preenchidos por ele no todo.

No entanto, concordar com tudo não significa que queremos tomá-lo ou até possuí-lo. Quando tomamos o que precisamos, não concordamos com isto mais do que com aquilo que deixamos. Justamente por isso aquilo que deixamos pode permanecer dedicado a nós e nós a ele. Portanto, podemos escolher sem julgamentos, optar sem julgamentos.

Por isso, aquilo que escolhemos e aquilo pelo qual optamos prefere permanecer conosco. Não é apossado por nós e permanece conectado com aquilo que não escolhemos e com aquilo pelo qual não optamos.

A plenitude não julga. Abre sua riqueza para todos, ama tudo e todos assim como são, sem julgamentos. Nesse amor somos ricos.

A DELIMITAÇÃO

Através da delimitação criamos uma distância. Através dela nos protegemos de invasões: no nosso corpo, na nossa alma, no nosso espírito. Através das delimitações também protegemos os outros de nossas invasões em seu corpo, sua alma, seu espírito. Nas delimitações respeito tanto a mim mesmo como o outro. Eu preservo o meu e permito que o outro preserve o seu. Curiosamente, a delimitação conecta as pessoas quando existe o respeito como base. Eu e o outro nos sentimos seguros através da delimitação.

Através da delimitação entro em sintonia comigo mesmo, com aquilo que me é adequado, mesmo que talvez seja muito diferente daquilo que é o adequado para o outro. Através da delimitação o outro também pode entrar em sintonia com aquilo que lhe é adequado, mesmo que talvez se afaste do que é meu. A delimitação permite a mim e a ele seguir cada um o seu caminho, para onde, no final, o conduz e a mim também.

Na delimitação me protejo do destino de outros, especialmente do destino daqueles que estão próximos de mim. Por exemplo, do destino de meus pais ou de meus antepassados, também do destino do meu parceiro e de seus antepassados, sim, até do destino dos próprios filhos.

Na epístola aos romanos Paulo escreveu a bela sentença: “Cada um fica de pé e cai com seu próprio senhor.” (Romanos 14,4) O senhor, na verdade, é o mesmo para todos. Entretanto, decide de modo diferente em relação a cada posição ou queda.

Essa delimitação é o verdadeiro amor. Somente no amor com delimitações cada um é honrado em seu mais íntimo. Somente na delimitação posso ficar totalmente feliz comigo mesmo e com o outro.

Através da delimitação poupo o outro de minhas imagens daquilo que é o certo ou errado e me protejo de suas imagens daquilo que é o certo ou errado. Através da delimitação permito a mim e a ele as nossas próprias experiências, o nosso próprio desenvolvimento e o nosso próprio destino. Eu permito a mim e a ele tomar o que precisamos nas nossas vidas e deixarmos o resto.

A delimitação também nos isola? Não, muito pelo contrário. Somente através da delimitação podemos, eu e o outro, aprender realmente um do outro, podemos realmente ajudar um ao outro, podemos realmente amar um ao outro. Pois, somente na delimitação podemos eu e ele nos dedicar diretamente ao que nos conduz e determina no nosso mais íntimo. Nós nos encontramos mais intimamente naquilo que nos toma a serviço, embora e justamente porque a delimitação permanece.

A LIGAÇÃO

O que nos liga como seres humanos é o mesmo: a mesma natureza, o mesmo anseio, a mesma felicidade e infelicidade, o mesmo começo, a mesma vida e a mesma morte. O

que nos liga também é a mesma ameaça, os mesmos medos, o mesmo desafio e o mesmo fracasso e sucesso. Nesse sentido todos somos iguais. Por isso, os seres humanos se entendem como seres humanos imediatamente.

Quando reconhecemos e concordamos com isso ficamos serenos. Renunciamos a nossas reivindicações em relação aos outros, deixamos que sejam como são e renunciamos a essas mesmas reivindicações também em relação a nós mesmos. Garantimos um ao outro o mesmo espaço, deixamos o outro em paz e permanecemos assim em paz um com o outro.

Principalmente renunciamos à moral no sentido de: eu sou melhor, você é pior ou o inverso: eu sou mau, você é bom. A forma mais fácil de nos liberarmos dessa moral é quando olhamos para nós, não somente como indivíduos, mas observamos a nossa dependência de circunstâncias exteriores e interiores e quando entendemos que a vida, embora seja a mesma para cada um de nós, se revela e se impõe de sua própria maneira. Mesmo que pareça ser contraditório, observando de fora, somos iguais, justamente através da diferença, pois a diferença acrescenta algo ao igual. Dessa forma, através da diferença ficamos cada vez mais iguais e sabemos que nessa diferenciação estamos ainda mais dependentes e unidos um ao outro.

Como seres humanos sabemos que estamos entregues a poderes que nos transcendem e perante eles sabemos que somos todos finitos e limitados. Embora disponham de nós de formas diferentes, como seres humanos, somos iguais perante eles, nos aproximamos perante eles, ficamos temerosos perante eles e quando se trata do Último, ficamos devotados e silenciosos. Perante eles estamos unidos no nosso mais íntimo.

O AUTOCONHECIMENTO

Muito autoconhecimento e o anseio por ele é egoísmo. Pois o conhecimento genuíno é destituído de egoísmo e é vivenciado como um presente. Ele nos conduz a algo maior perante o qual nos detemos admirados e esquecemos nossos próprios desejos. Nós imergimos nele, totalmente dedicados a ele, deixando que sejamos carregados, despreo-cupados, não importando para onde nos conduz.

Esse conhecimento une. Deixa-nos experimentar no nosso íntimo a nossa dependência da multiplicidade infinita, de tal forma que nela nos envolvemos, nela nos diluímos, chegando a nossa essência. Nesse conhecimento somos serenos, humildes, conectados com o outro com todas as fibras de nosso ser. Ele nos penetra, nos coloca a seu serviço e nos presenteia, sem que no final nos sintamos cortados ou alienados dele. Estamos inseridos num todo e unidos num processo infinito.

Somente nesse conhecimento chegamos a nossa essência, mesmo que isso pareça ser contraditório. Então o que é a nossa essência? É o todo no qual eu me esqueço.

A FORÇA

A força se impõe. Ela desafia, desperta novas forças naqueles que estão expostos a ela, cresce com eles ainda mais em direção a uma força maior, até que no final as forças opostas tenham ficado fortes o suficiente para conseguir um equilíbrio. Aqui as forças se colocam limites reciprocamente. Ao invés de se voltarem para fora, voltam-se para dentro, se aprimoram mais e se espiritualizam, se medem de uma outra forma, crescem umas com as outras e conduzem em nossa alma e também em nosso corpo e nosso espírito a uma riqueza interior, à realização e ao sucesso.

A maior força é aquela que pode descansar em si mesma e por isso pode esperar pelo seu tempo. É centrada, sem ameaçar. Está recolhida e presente, está próxima, mas mesmo assim distante. Fica afastada de discussões superficiais, conserva a visão geral, pondera e amadurece. Contudo, quando a hora certa chega, está a postos. Ela é esperada porque leva adiante aquilo que estava esgotado e estagnado. Também reúne ao seu redor a força contrária por um certo tempo para estabelecer um novo equilíbrio entre as forças opostas até que o jogo entre elas comece novamente.

Onde descansa a maior força que permanece sempre a mesma nesse jogo de muitas forças? Na alma que está em sintonia com a ação e a reação, com o progresso e a estabilidade, com a espera e a ação.

0 que atua por trás desse jogo de forças e de forças opostas? Tem um sentido profundo ou tudo é apenas um grande jogo? Quem quer saber? Este pensamento e esta reflexão também pertencem a esse jogo.

Então o que nos resta fazer? Continuamos jogando.

"SEJA – E SAIBA,
AO MESMO TEMPO, DA CONDIÇÃO
DO NÃO SER"

A COMUNIDADE DE DESTINO

Por um lado, comunidade de destino significa que carregamos com muitos o mesmo destino, por exemplo, uma catástrofe natural que atinge todos da mesma forma, uma guerra, uma perseguição, uma deficiência ou doença.

Comunidade de destino também significa que participamos espontaneamente no destino de outros procurando amenizá-lo, por exemplo, quando ajudamos alguém num acidente.

Contudo, comunidade de destino ainda pode ter um outro significado totalmente diferente: estamos emaranhados no destino de outros sem que existam possibilidades de escape, por exemplo, no destino de nossos antepassados e no destino trágico ou na injustiça que outros sofreram. Eles se tornam novamente vivos em nós, têm a palavra através de nós, querem agir através de nós, ser reconhecidos, amados e apaziguados. Pode até acontecer que no relacionamento com um ser amado ou, mais tarde, com nossos próprios filhos, representemos novamente um drama do passado e precisemos levá-lo até o fim. Assim, através de nós, outras pessoas ficam emaranhadas em um destino não solucionado, não concluído, são por ele capturadas e tomadas a serviço — e nós também, é claro, inversamente por ele.

Isso nos tira a liberdade? Com isso fracassamos na nossa própria realização? Ou é justamente esta a nossa finalidade? Realizamos nessa comunidade de destino também o nosso próprio destino? Talvez o nosso destino seja esse algo em comum? Nós também temos nosso próprio destino porque, ao mesmo tempo, temos o destino de muitos outros e o destino deles se realiza através de nós e o nosso através deles.

Nessa comunidade de destino estamos acolhidos, somos seres humanos entre seres humanos, nos tornamos iguais e equivalentes a todos os outros seres humanos perante algo maior que interfere de modo poderoso no destino de todos. Quem se submete a essa comunidade de destino, não importa para onde ela o conduza e para que finalidade o tome a serviço, permanece no amor por todos e, no final, ao concordar com ele, fica liberado.

ATUAR SEM AGIR

Quando deixamos algo significa que não temos mais efeito sobre isso? Ou talvez seja o inverso: que algo só pode ter efeito se deixarmos que atue. Pois tudo que existe já atua em tudo pelo simples fato de estar presente, atuando em sintonia com seu meio ambiente em qualquer momento.

Quando estamos em sintonia, isso atua também em nós e a nosso favor, exigindo de nós uma ação ou não ação. Entretanto, quando estamos em sintonia, sabemos o que podemos e devemos deixar de fazer.

Porém, mesmo quando agimos, soltamos algo se estivermos em sintonia. Soltamos nossos próprios pensamentos egoístas; soltamos todas as intenções que nos afastam

dessa sintonia; soltamos o medo que temos de outras pessoas que se opõem àquilo com o qual estamos em sintonia. Nós as soltamos, sem nos opormos a elas, a não ser que esse soltar também já seja um estar em sintonia. Quando as soltamos, sem querermos modificá-las, experimentamos que a nossa não interferência deixa que outras forças mais sábias atuem para um bem maior.

E como aprendemos a deixar? Podemos praticar isso? Podemos nos preparar para o deixar na medida em que observamos a natureza através da pura contemplação, da pura escuta, da pura sensação, nos expondo àquilo que se desenvolve à nossa frente de modo infinitamente múltiplo e que aparentemente se opõe à natureza. Se deixarmos que o presente também atue naquilo que – é o que pensamos – nos impede de deixar, ele próprio se torna uma parte daquilo que atua, sujeitando- se e entrando em sintonia com isso. Levados pelo presente e sem que talvez percebamos, também deixamos nós mesmos para trás. Assim experimentamos como muitas coisas ao nosso redor atuam de uma forma poderosa sem que planejemos ou façamos algo.

Quando planejamos algo com outras pessoas ou quando nós mesmos queremos decidir algo importante, talvez possamos nos deter algumas vezes, nos expor a esse plano, a uma certa distância e sentir talvez o que precisamos deixar primeiro para que algo diferente, que esteja mais em sintonia com esse plano, tenha a sua vez e tenha um efeito decisivo.

Esse deixar nos conecta com muito mais do que se fôssemos realizar isso por conta própria. Nesse deixar crescemos. Ao mesmo tempo em que atuamos sem agir, soltamos as coisas superficiais.

DEPRESSÃO

0 que pesa muito sobre nós e no nosso ânimo de forma que ficamos deprimidos; frequentemente acontece porque queremos ou esperamos algo que se afasta de nós e permanece inalcançável. Também vem de algo exterior a nós, algo estranho a nós, algo fora de nossa responsabilidade ou culpa, que se apossa de nós sem que saibamos o que é e de onde vem. Essa é a verdadeira depressão – e nós estamos entregues a ela.

Estamos realmente entregues? Ou podemos deixar entrar uma pequena luz nessa escuridão mudando a nossa perspectiva a partir de nosso íntimo?

Só poderemos conseguir isso se tomarmos a depressão como ela é e a suportarmos como uma doença que no fundo quer se curar. Se através dela olhamos para um outro ou para um acontecimento que quer finalmente encontrar a paz depois que tivermos olhado para ele, o tivermos respeitado, suportado, acolhido, deixado em paz e finalmente liberado no esquecimento.

Depressão significa que algo ainda não está terminado, não está solucionado, está esperando por ajuda e reconhecimento. Na depressão carregamos algo que ainda pesa para outros. Se carregarmos esse algo, conscientes, sem tomá-lo como próprio, porém

permanecermos, com compaixão, ao lado do outro até que se reconcilie consigo mesmo, deixando esse algo no passado, nossa depressão se transforma em amor. Nesse amor, a depressão transcende e se transforma em compaixão e força.

A CRUELDADE

A crueldade, a falta de consideração é algo natural. Nós a encontramos na natureza a cada passo. Algumas pessoas dizem: "A vida é cruel." Nisso está contida uma censura, como se a vida pudesse ser diferente.

Porém, aquilo que nos parece ser cruel é, ao mesmo tempo, aquilo que é forte, que desafia, que torna o desenvolvimento inevitável. Somente porque o mais forte procura se impor e – é claro que aqui também a crueldade – o mais fraco também precisa se tornar forte e cruel. Precisa se medir e desafiar o outro que é forte e cruel, de forma que fica mais forte e mais cruel e então ambos precisam se desenvolver e crescer na luta pela vida e pela morte.

Entretanto, isto não se opõe ao amor? Apenas quem está em sintonia com o lado cruel da vida é suficientemente forte para amar o outro de tal forma que cresce através desse amor. Quem ama de uma forma fraca e covarde porque não ousa se expor à realidade total é igualmente cruel. Cruel a partir do resultado. Ele também não pode escapar às leis da vida que exigem o último de cada um de nós. Contudo, tanto ele como as pessoas que pretende amar, depois de um certo tempo, se tornam vítimas da vida que é mais forte.

DÉFICITS DO AMOR

Via de regra, somos gerados com amor. Mesmo quando parece que o instinto prevalece, o anseio pela unidade e fusão, que atrai o homem e a mulher, toma-os a seu serviço, tornando-os pais. Entretanto, essa união é mais íntima quando o homem e a mulher já se encontraram antes e se denominam publicamente um casal. Então, a união na qual uma criança é gerada, é vivenciada e atestada como ponto culminante do amor e como realização sem déficit. Mais tarde a criança também se sente assim. Sua vida é o fruto do amor.

Tal criança é esperada pelos pais com amor, é bem-vinda e acolhida na família. Aqui também, via de regra, sem déficit. Essa criança pertence desde o início.

Algumas vezes este amor está exposto a limites tanto externos quanto internos. Por exemplo, limites externos, quando a criança é prematura e passa os primeiros tempos na incubadora ou quando vem ao mundo através de uma cesariana. Limites internos, quando os pais se separam ou quando a mãe quer manter segredo em relação à criança porque é ilegítima ou quando a mãe, através da adaptação às novas circunstâncias de sua vida que se torna inevitável no cuidado de uma criança, não quer ou não pode fazer isso. Então algo falta à criança. Ela vivência um déficit no amor de que precisa e pelo qual

anseia.

Com isso fica prejudicada? Ela sofre deficiência em seu desenvolvimento? Por um certo tempo, certamente que sim.

Por outro lado, através dessas circunstâncias, a criança é desafiada a desenvolver capacidades que foram necessárias devido a esse déficit. Mas elas se desenvolvem somente quando, ao mesmo tempo, a criança consegue se despedir do desejo de que os anseios antigos sejam satisfeitos.

Como essa despedida pode ter êxito? Deslocando o olhar, afastando-se do déficit e da privação vivenciada em direção à plenitude da vida e do amor que foi presenteada a essa criança apesar das privações. Pois a plenitude não significa perfeição. Muito pelo contrário. Ela é vivencia- da somente através da falta e do déficit como um polo oposto e assim não é somente presenteada, mas também tomada. Então os déficits do amor não são apenas restrições mas também estímulos que exigem e liberam forças especiais.

Porém, quando o olhar permanece direcionado ao déficit, surgem vícios que devem anular os déficits e acalmar o anseio anterior. Por exemplo, quando alguém come ou bebe demais, não consegue ficar sem companhia, procura constantemente distrações, compra mais do que precisa, trabalha mais do que é salutar ou quando quer fugir do presente, se embriaga ou renuncia ao mundo e procura na religião o apaziguamento de seus anseios procurando, via de regra, a mãe ou o pai que lhe faltou. Com isso não percebe que já tem a mãe completa e o pai completo, pois vive somente porque tem os dois. Por isso, tudo que precisa para ser completo é tomar finalmente o que já tem e já é;

Algumas vezes isso se consegue somente de forma lenta e bem mais tarde, no fim da vida. Por quê? Da privação vivenciada muitos desenvolvem uma reivindicação, não apenas em relação aos próprios pais, mas também em relação a outros e até perante seus próprios filhos, como se estes precisassem garantir aquilo que somente seus próprios pais poderiam ter dado. Porém, com isso as outras pessoas se afastam, se sentem sobrecarregadas e assim eles sempre repetirão a experiência que os tornou exigentes e adictos. Com isso também colocam em risco o mais íntimo dos relacionamentos que é possível entre os seres humanos: o relacionamento entre homem e mulher, esvaziando-o e deixando-o fracassar.

Contudo, quando conseguimos tomar os pais como são e renunciamos ao que outrora não foi realizado não importando o que nos faltou quando criança, então a experiência do amor no presente transforma-se num amor sem déficit.

OS MORTOS

Onde estão os mortos? Eles estão desaparecidos? Com a morte deles tudo passou? Quando as plantas ou animais morrem, não ficamos refletindo se estão presentes para nós exceto ainda em suas sementes, seus rebentos ou em outras formas de vida às quais serviram como alimento. Mas como fica isso em relação aos seres humanos? Nossa parte

espiritual e nossa alma estão sujeitas à mesma forma de perecimento? Será que não estão, como a nossa parte material, dentro do círculo da vida e morte e dessa forma servindo como alimentação e adubo? Será que não continuam existindo de uma outra forma não material?

Nossas experiências com os mortos apontam para essa direção. Algumas vezes aparecem em nossos sonhos de forma tão viva como se ainda estivessem presentes e quisessem algo de nós, algo que ainda lhes falta. Por exemplo, o reconhecimento ou uma despedida com amor para que finalmente consigam se separar. Algumas vezes devemos colocar algo em ordem para eles, algo que não os deixa em paz e que ainda os acorrenta a esta vida. Quando fazemos algo por eles, algo que ainda necessitam, depois de um certo tempo se afastam, como se agora pudessem permanecer com os mortos para sempre e encontrar a paz com eles.

Inversamente, os vivos também se sentem atraídos pelos mortos. Sentem saudades dos mortos, querem se reunir com eles. Algumas vezes, uma mãe sente-se atraída em direção à sua criança morta ou uma criança se sente atraída na direção de sua mãe morta. Anseiam pela morte para estar novamente unidos à pessoa amada que lhes falta. Para eles esses mortos ainda estão presentes e a própria morte é uma continuação de suas vidas aqui.

Outros sentem uma atração irresistível para a morte, como se uma pessoa morta os estivessem puxando com toda força. Parece que esses mortos encontrariam a paz se houvesse ainda uma pessoa viva com eles ou ao seu lado. Contudo, talvez não seja a pessoa viva como pessoa que gostariam que estivessem consigo, mas sua recordação amorosa, seu respeito e seu agradecimento. Por exemplo, quando uma criança que perdeu a sua mãe muito cedo, talvez até no seu próprio nascimento, olhe para a mãe morta com amor e lhe diga de todo coração: “Agradeço”, o anseio de sua mãe de querer estar unida à sua criança na morte termina. Assim, de repente, essa criança não sente mais essa atração que a puxava para a mãe.

Algo semelhante acontece em relação aos agressores e suas vítimas. Pois os agressores também se sentem atraídos em direção às vítimas e algumas dessas vítimas não conseguem encontrar a paz até que seus assassinos não estejam deitados ao seu lado. Porém, aqui a vítima também encontra algumas vezes a paz quando seu assassino a olha com amor, com um amor que não tem mais medo da própria morte e que reconhece que para ele o verdadeiro passo para a reconciliação com sua vítima seria sua própria morte, que o torna semelhante à sua vítima e o une a ela.

Aqui falei somente dos mortos ou será que somente dos vivos? Eu não sei. Algumas vezes não posso diferenciá-los entre si. Talvez ambos estejam presentes, mas apenas de formas diferentes: um de forma visível e o outro se subtraindo ao nosso olhar.

Os mortos permanecem um mistério para nós. Estão simultaneamente distantes e próximos a nós. Talvez caminhemos entre eles, sem percebermos. Porém, algumas vezes, revelam sua presença de forma poderosa causando temor — ajudando ou

destruindo. Nós vemos que às vezes os mortos se apossam dos vivos, por exemplo dos curandeiros, fazendo coisas inacreditáveis através deles. Depois o curandeiro desperta, não sabe o que fez em detalhes, só sabe que um outro, um morto, frequentemente uma pessoa cujo nome conhece, falou e agiu através dele.

Talvez personalidades poderosas da história que trouxeram infelicidade para muitos seres humanos, estiveram também sob o domínio de mortos que, de um lado lhes deram poder e, por outro lado, os protegeram de uma forma misteriosa. Entretanto, aqui também não sabemos. Talvez isso nos deixe mais cautelosos no nosso julgamento.

Ao mesmo tempo aviva o nosso medo porque percebemos ainda mais a nossa impotência.

Frequentemente vivenciamos os mortos no nosso cotidiano como dedicados e amáveis, principalmente os mortos de nossa família. Eles nos acompanham por um tempo, como se ainda estivessem entre nós, até que depois de um certo tempo se soltam e, consequentemente, nós também deles.

A pergunta é: para onde vão os mortos quando partem para sempre? Existe um reino próprio deles? Ou imergem depois de um certo tempo em um não ser, em um esquecimento infinito? Ninguém sabe.

A outra pergunta é: o que resta para nós que ainda estamos vivos, temos a morte à nossa frente e estamos constantemente cientes de sua presença? E o que resta para nós quando temos medo dela, queremos negá-la ou ignorar suas batidas à nossa porta? O que nos resta é estar em sintonia com aquilo que será e de que forma será. Desse modo já estaremos consolados, aqui e agora.

A MORTE COMO PORTA

O que é esse calafrio que sentimos quando ouvimos a palavra morte e nos expomos a esse movimento interno? Estamos perante algo desconhecido e misterioso que nos atrai e ao mesmo tempo nos repele. Temos a sensação de estarmos sendo forçados a atravessar uma porta, atrás da qual existe algo diferente que nos espera. Talvez algo semelhante ao nascimento.

Aqui também fomos empurrados através de uma porta e cortados de nossa base vital, do cordão vital e expelidos para a vida em si. Naquela época aconteceu de forma inconsciente mas foi um movimento que atingiu cada uma das células do nosso corpo.

Em contraposição, sabemos que a morte está sempre à nossa frente. Ficamos esperando perante essa porta a vida inteira e nos perguntamos: o que nos espera quando a atravessarmos?

Talvez sejamos empurrados através dessa porta, de repente e inesperadamente, como no nascimento. Talvez a atravessemos tranquilos porque nada mais nos segura. Talvez outros nos empurrem através dessa porta, por exemplo, um carrasco. Isso faz diferença?

Não sabemos. Existe algo que continua por trás da porta, se completando de uma forma semelhante ao que estávamos acostumados? Não sabemos.

Perante esta porta tomamos consciência de nossa impotência, de como somos pequenos e entregues a esse Último.

Portanto, o que resta? O que resta é a vida, enquanto durar. Ao invés de olhar para a porta da morte, retornamos à vida e a tomamos em sua totalidade com gratidão e alegria. No final de uma vida realizada, olhamos com mais tranquilidade para esta porta, prontos para o próximo passo, quando ela se abre finalmente para nós.

CHEGAR E PARTIR

Quem chega, partiu de algum lugar. Somente porque partiu, chega a outro lugar. Porém, quando partimos e não sabemos para onde estamos indo, talvez só fiquemos andando em círculos, vagando, voltamos ao mesmo lugar e reconhecemos que aparentemente partimos mas que, na realidade, partimos, sem partir.

Só quem realmente partiu pode realmente chegar, aqui ficar – pelo menos por um tempo, algumas vezes por um longo tempo ou até mesmo a vida inteira. Amantes dizem um para o outro – "Por favor, venha e fique." Podem-se dizer mutuamente, mas apenas se ambos também tiverem partido.

Precisamos também deixar partir novamente muitos que chegaram até nós e ficaram conosco. Assim, os pais depois de um tempo deixam seus filhos partirem e os filhos deixam seus pais partirem, principalmente quando estes morrem. Esse deixar partir é adequado. Serve à vida e a sua realização.

Os amigos também chegam, ficam por um certo tempo e partem quando chega a hora adequada para eles e para nós. Podemos deixá-los partir, sem perdê-los, pois o que significaram para nós permanece conosco, talvez até de uma forma mais valiosa do que se tivessem ficado.

Inversamente também deixamos amigos e outras pessoas importantes quando prosseguimos, porque outras coisas nos atraem e nos desafiam. Essa partida também é adequada e nos deixa abertos e livres para outras coisas.

No decorrer do tempo, nosso coração e nossa alma deixam muitos desejos partirem, muitos sonhos, esperanças ou também certezas que se comprovaram serem irrealizáveis ou inadequadas. Porque eles partiram outros podem chegar. Mas então examinamos se eles são constantes ou passageiros e conforme forem, deixamos que fiquem ou partam novamente.

Talvez também chegue a hora em que nos sentimos tão preenchidos como se estivéssemos já na meta. Então não importa mais o que chega ou parte, isso não faz mais diferença para nós. É como uma "troca leve como o vento", que quase não deixa vestígios, porque o essencial já chegou e todo o resto partiu. Aqui encontramos a paz e já alcançamos a última partida.

"NO MEIO DA VIDA ESTAMOS...

...circundados pela morte." Como um bailarino, ela coloca a mão ao nosso redor e dança — a dança da vida.

A sua mão é fria? — Ou será quente? Somente com ela, quando dá o seu compasso e sua melodia, a dança se transforma numa dança impetuosa.

Quando estamos esgotados e queremos parar, ela nos conduz a um outro espaço, onde muitos pensam que lá descansariam. Ou a dança continua, somente seguindo uma outra melodia? Estaremos aqui também em movimento? Será que a paz com a qual alguns sonham é ilusória?

Qual é o efeito dessa ideia em nós? Talvez seja: "Vamos continuar dançando!"

A P Ê N D I C E

EPÍLOGO

Talvez a melhor forma de resumir os pensamentos deste livro seja no seguinte poema:

O não-ser

Um monge que andava buscando
pediu a um mercador
uma esmola.
O mercador se deteve por um momento
e, ao dar-lhe o que pedia,
perguntou ao monge:
"Como é possível que você me peça
o que lhe falta para viver
e, no entanto, precise menosprezar
a mim e ao meu modo de vida,
que lhe proporcionamos isso?"
O monge lhe respondeu:
"Em comparação com o Último
que busco
tudo o mais me parece pequeno".
Mas o mercador perguntou ainda:
"Se existe um Último
como pode haver algo
que alguém possa buscar ou encontrar
como se estivesse no fim de um caminho?
Como poderia alguém sair ao seu encontro
e apossar-se dele,
como se fosse uma coisa entre outras muitas,
mais do que muitos outros?
E inversamente, como poderia alguém
afastar-se desse Último,
ser menos conduzido por ele
ou estar menos a seu serviço
do que as outras pessoas?"
O monge retrucou:
"Encontra o Último
quem renuncia ao próximo e ao presente".
Mas o mercador ainda ponderou:

“Se existe o Último
ele está perto de cada um,
mesmo que esteja oculto
no que nos aparece e no que permanece,
assim como em cada ser se oculta um não-ser
e, em cada agora, um antes e um depois.
Comparado ao ser,
que experimentamos como fugaz e limitado,
o não-ser nos parece infinito,
como o de onde e o para onde,
comparados ao agora.
Porém o não-ser se revela a nós
no ser,
assim como o de onde e o para onde
se revelam no agora.
O não-ser, como a noite
e como a morte,
é um começo desconhecido
e só por um breve instante,
como um raio,
nos abre o seu olho
no ser.
Assim também, o Último
só se aproxima de nós
no que está perto e brilha
agora.”
Então o monge perguntou, por sua vez:
“Se fosse verdade o que você diz,
o que nos restaria ainda,
a mim e a você?”
O mercador respondeu:
“Ainda nos restaria, por algum tempo,
a Terra”.

SOBRE O EFEITO
DAS IMAGENS DE DEUS
EM NOSSA ALMA

Que pensamentos e imagens fazemos nós,
seres humanos, sobre Deus?

De onde vêm esses pensamentos e essas imagens?
E qual o seu efeito em nós e em nosso entorno?

Bert Hellinger se dedica às
raízes vivenciáveis e efeitos
desses pensamentos e imagens.
Verifica-os e descreve-os em 110 textos curtos.

Um livro corajoso, uma filosofia da religião
que esclarece de maneira impiedosa
e, ainda assim, permanece respeitoso.

ATMAN

ISBN 978-85-98540-22-1

EDITORA ATMAN - editora@atmaneditora.com.br - www.atmaneditora.com.br